

a granja

A REVISTA
DO LÍDER RURAL

PORTE PAGO

DR/RS
ISR-49-0399/81



Gergelim vai bem na pequena propriedade

Leite: mais qualidade, maior preço na usina

DEPOIMENTO
Francisca Garcia:
a mulher deve participar da administração da fazenda

Confinamento de ovinos: experiência inédita dos criadores paulistas



Pick-ups: consumidor ganha com a invasão das importadas

Zebu: Programa Nacional de Melhoramento Genético da ABCZ

PENSOU CÂMBIO. LEMBROU CLARK.



A PEÇA ORIGINAL DO CÂMBIO.

Na hora de comprar peças para câmbio, não arrisque: exija as originais Clark. Elas vêm com garantia de fábrica, são testadas e aprovadas pelas montadoras e têm ótimo preço em relação às peças não originais. E você ainda tem a segurança de quem é líder no mercado global de transmissões, com mais de 30 anos de Brasil e mais de 5 milhões de unidades produzidas. Você encontra as peças originais Clark em autopeças, distribuidores e postos de serviço. Pensou câmbio, lembrou Clark.

APLICAÇÃO: **GM** - Opala, Chevette, ACD 10, ACD 20, ACD 40, Bonanza, Veraneio. **Ford** - F 100, F 1000 T, F 1000 4x4, F 1000 AC, F 1000 D, F 4000. **Agrale** - TX 1600, TX 1800, Netuno. **Envemo** - Camper. **MPL** - Javali. **Alfa Metais** - Caminhão, ônibus, Puma GTB.

CLARK
TRANSMISSÕES E COMPONENTES

A vovó que faz genética

Em outubro de 1917, ela nasce em São Manoel/SP. Filha de imigrantes espanhóis de poucas posses. Em maio de 1936, casa-se, em Londrina/PR, com Celso Garcia Cid, espanhol, que começou a vida no Brasil como garção em Santos/SP e dono de caminhão no Paraná. Que mulher é esta? É Francisca Campinha Garcia, carinhosamente chamada de “Vó Kika” pelos familiares, e de Dona Francisca pelos conhecidos. A proprietária da Fazenda Cachoeira, localizada na região de Londrina, que não perde leilão e exposição de seus animais, tem infinitas histórias e histórias para contar. Desde que ficou viúva, em 72, administra (diz que são só seus filhos, em função da modéstia) os resultados obtidos das 1.600 cabeças de gado nelore e gir de linhagens trazidas da Índia no início

da década de sessenta por “Seo Celso”. “O forte da fazenda e nossa tradição”, enfatiza a selecionadora, “é mesmo a pecuária de elite”.

Além de ter o hábito de ir semanalmente à fazenda, para ver o estado da boiada, da casa e do jardim, ela gosta de ler, costurar, bordar e ir a missa aos domingos. Neste depoimento,

Dona Francisca relembra alguns momentos importantes de sua vida com Celso, relevantes também para o estágio de evolução do padrão genético das raças zebuínas selecionadas no País. Rica e simples, ao mesmo tempo, a mãe de João, Manuel, Fernando, Beatriz, avó de 17 netos e já com uma bisneta, revela que a teimosia de Celso — “ele chamava de persistência” — era de admirar.



Dona Francisca cria 1.600 cabeças de zebuínos de elite na Fazenda Cachoeira

A Granja — Qual a primeira atitude da senhora, logo após a morte do seu esposo? Chegou a pensar em largar tudo, ou imediatamente foi cogitado prosseguir com as metas estipuladas?

Francisca Garcia — Depois da morte de meu marido, os filhos assumiram tudo, a empresa (Viação Garcia) e as fazendas. Mas antes de qualquer coisa, avisei que iria continuar com a criação de gado, pois era a

grande paixão do Celso, e eu pretendia cuidar disso bem de perto. E não podia ser diferente. Para trazer da Índia os animais, que considerava “jóias vivas”, teve que enfrentar barreiras políticas e interesses econômi-

cos. Naquela época, existia uma portaria do Ministério da Agricultura que proibia a importação de animais daquela região. Assim, ele correu o risco de assistir ao fuzilamento e queima dos animais, sem direito a qualquer indenização.

O gado chegou na tarde do dia 24 de dezembro de 1960

P — Dona Francisca, como foi a chegada dos animais na Fazenda Cachoeira provenientes desta primeira importação, realizada em dezembro de 1960? Quantos e de que raças eram os zebuínos? Existe algo ocorrido nesse dia que ficou marcado na sua memória?

R — O gado estava sendo muito esperado. Muitos amigos aguardavam junto com Celso a chegada dos caminhões na Fazenda Cachoeira. O gado chegou na tarde do dia 24 de dezembro de 1960, e eram 112 cabeças, entre gir, nelore e guzerá. Celso, apesar de cansado, estava muito feliz e emocionado com sua conquista. Depois que os animais desembarcaram dos caminhões, a primeira atitude de Celso foi levá-los para as cocheiras, a fim de que os mesmos pudessem se recuperar, pois estavam magros e cansados, depois de uma longa e desgastante viagem.

Com união, podemos trocar informações e desenvolver melhor o trabalho

P — Para seu esposo, trabalho significava prazer. Ele afirmava que trabalhar no que não se gosta é como comer sem apetite. Só faz mal. Teria sido esse o segredo de seu sucesso?

R — Sim, com toda a certeza. Para ele, trabalho era tudo. Não tinha fim-de-semana nem feriado que o fizesse parar, e executava todas as tarefas, realmente, com muito prazer.

P — Para o pecuarista ter êxito na atividade, afirmava Celso, é preciso valorizar, em primeiro lugar, as raças e os cruzamentos. Em se-

guida, a alimentação do gado e, finalmente, o homem que trabalha com o boi. A senhora também pensa dessa forma? E como age nesse sentido?

R — Sem dúvida, a melhoria de qualquer raça deve-se a esses três fatores, pois um cruzamento malfeito, alimentação inadequada e pessoas sem incentivo, tanto o pecuarista como o peão que trabalha com boi, servem para o insucesso de qualquer atividade.

P — Um dos motivos que fez Garcia Cid viajar para a Índia em 1958, com a finalidade de adquirir reprodutores e ventres, foi a postura comercial dos pecuaristas do Triângulo Mineiro, que, segundo ele, tinham um verdadeiro “curral genético”, pois só vendiam fundo de vacada. Passados mais de 30 anos, ainda existem rugas ou a situação mudou? Em qualquer dos casos, que motivos poderiam ser dados para tal?

R — Acredito que a situação se modificou completamente. Hoje os melhores leilões de elite são realizados durante a Exposição de Uberaba, pois houve uma conscientização desse pessoal de que não adianta vender o fundo. Não tenho nenhum tipo de inimizades com os pecuaristas mineiros há muito tempo, e uma briga entre a gente seria muito ruim, não só para todos nós, mas também para as raças zebuínas. Com a união que acontece, podemos trocar informações e desenvolver melhor o trabalho com as raças.

P — Participar de leilões é um hábito que a senhora cultiva. O preço do gado de elite é justo?

R — A produção do gado de elite dá muito trabalho e despesas. Por isso, os animais têm preço elevado. Além disso, esse gado é muito importante para aumentar a produção pecuária do País.

A seleção do gir continua sendo feita com o mesmo carinho de décadas atrás

P — O gir foi uma paixão para “Seo Celso”, mesmo sabendo da potencialidade do nelore. A senhora e seus filhos continuam com a mesma opinião, dando seguimento à atividade por ele iniciada, realizando inclusive melhorias?

R — Eu e meus filhos sabemos que hoje, com efeito, o nelore superou o gir. Isso é válido para a maioria das pessoas e para nós também, pois o nelore é um animal mais moderno para o desenvolvimento da pecuária de corte, atividade essa que tem sido mais valorizada no Brasil. No entanto, a seleção do gir continua sendo feita com o mesmo carinho de décadas atrás. Atualmente, nossa intenção é fazer com que os animais produzam leite com o mínimo de gasto possível. Com relação às melhorias, a Fazenda Cachoeira, há 15 anos, conta com o auxílio de um programa de computador que ajuda na seleção do gado, dando informações, como IEP (Intervalo Entre Partos), HMMP (Habilidade Materna), PAV (Produtividade Anual por Vaca), entre outros dados, que são valiosos para qualquer programa de seleção bovina. Além disso, realizamos transferência de embriões.

Dos animais de alto nível da raça gir 80% tem sangue “Krishna”

P — O que representou o touro “Krishna” para o melhoramento do gir no País?

R — O “Krishna” foi o melhor animal gir que o Brasil já teve. Isso na

minha opinião e de muitos criadores da raça. Apesar de ter morrido um ano após sua chegada, deixou uma descendência maravilhosa. Acredito que 80% dos animais de alto nível da raça gir existentes no Brasil têm o sangue do "Krishna".

Os zebuínos brahman são animais com muito precocidade em termos de peso

P — A senhora acredita que a decadência do gir se deve ao trabalho errado de melhoramento da raça ou à superioridade das demais raças zebuínas?

R — Como já disse anteriormente, o gir foi feito para produzir leite, com uma exigência mínima de alimentação, mesmo quando cruzado com animais da raça holandês, para obtenção do girolando. Agora, pretender que o gir tenha a precocidade e o peso do nelore é uma coisa muito errada, buscada por alguns.

P — Qual a sua opinião sobre a vinda legal do gado brahman ao Brasil? Isso representa risco para o trabalho de seleção realizado com as raças zebuínas há várias décadas?

R — Pensando em pecuária de corte, acho que a vinda do brahman pode contribuir bastante, pois são animais com muita precocidade em termos de peso e possuem a rusticidade do zebu.

É de assustar como tem deputados corruptos no Congresso Nacional

P — O respeito no manejo dos animais é uma herança deixada pelo seu esposo na Fazenda Cachoeira. Como a senhora vê essa situação nos outros criatórios?

R — Em primeiro lugar, o gosto pelos animais está no sangue, e, geralmente, nas famílias que trabalham com pecuária sempre tem um filho que se interessa pelo trabalho deixado pelo seu pai. Além disso, o pecuarista competente na criação de gado sabe que manejar os animais de forma adequada é fundamental.

P — Seu marido preocupava-se com a preservação das florestas paranaenses. A senhora tem feito algo nesse sentido?

R — Na Fazenda Cachoeira, existem, até hoje, 90 alqueires de mata virgem, os quais representam 18% da área total da propriedade. Atualmente, o desmatamento está proibido (apesar de ser um pouco tarde para isso), mas, independente disso, esses 90 alqueires da Fazenda Cachoeira serão sempre intocáveis.

P — Como a senhora vê a crise que o País atravessa, com esta onda de corrupção e descrédito da classe política? Qual sua sugestão para reverter tal quadro?

R — O grande problema do Brasil, sem dúvida, é a corrupção. É de assustar como tem deputados corruptos no Congresso Nacional. Contudo, acredito que existe gente boa na política, capaz de mudar tudo isso. E, se o povo souber votar certo, a situação irá se modificar.

Ver gente passando fome num país com terras férteis é incrível

P — A seu ver, qual a saída para que o Brasil aumente a produção de alimentos?

R — É preciso que o governo incentive o setor primário, a fim de que os produtores rurais possam investir em tecnologia, aumentando, assim, a oferta de alimentos à população. É in-

crível ver, num país como o Brasil, com terras das quais se pode dizer que são as mais férteis do mundo, gente passando fome.

Foi-se o tempo da mulher cuidar apenas da casa, da horta e do jardim

P — A propósito, qual o seu envolvimento com o Programa de Combate à Fome? De que forma, ele acontece?

R — Desde o tempo que Celso ainda vivia, já ajudava creches e asilos de nossa cidade. Portanto, acho que, agindo assim, estou contribuindo para que maior número de pessoas deixem de passar fome. Além disso, anualmente, na Fazenda Cachoeira, reservamos uma área para o plantio de arroz, cujo produto se destina à alimentação dos funcionários e também a instituições de caridade.

P — No seu ponto de vista, a mulher pode contribuir para melhorar essa situação, no sentido de tornar a atividade rural mais produtiva?

R — Sim, sem dúvida que sim. Nós somos mais detalhistas e minuciosas no que fizemos. Por exemplo, minha filha Beatriz tem um trabalho bastante atuante na sua fazenda. É verdade que a mulher tem alguns limites, como levantar peso, etc., mas, no mais, pode exercer um papel de parceria, junto com o homem, na administração dos negócios de uma propriedade rural. Foi-se o tempo da mulher cuidar apenas da casa, da horta e do jardim. Ela também pode, e deve, negociar e trazer novas tecnologias para aumentar a produção agrícola das fazendas brasileiras. Minhas netas Ana Francisca e Fernanda, embora jovens, vêm realizando um bom trabalho. Kika tem 25 anos e é formada em Zootecnia, sendo que recentemente esteve nos Estados Unidos, para se especializar em Administração Rural. Nanda, com 22 anos de idade, é agrônoma e já trabalha com cavalos e lavoura na propriedade de seu pai.

P — Qual o país que a Dona Francisca sonha para seus netos e para as crianças que hoje vivem nas ruas?

R — O meu sonho é ver um Brasil mais justo e mais humano, e que tenha menos violência. ■

NOSSA CAPA

A capa desta edição mostra um Lada Niva, veículo de origem russa adequado pelo fabricante às condições brasileiras de clima, solo e combustível. O Niva tem motor 1.6 com 73cv, freio hidráulico, servo-assistido e tração 4x4 permanente



A Granja

NESTA EDIÇÃO



12 Ovinocultura:
São Paulo
confina e
ganha mais

42 Leite:
Indústria procura
maior qualidade

22 Utilitários: pick-up
importada roda bem
no campo

18 Gergelim: uma
alternativa rentável

40 Fruticultura vinga
em território
israelense

38 Paraná mostra alta
genética na Exposul

SEÇÕES

■ Aconteceu.....	7
■ Caixa Postal 2890.....	8
■ Aqui Está a Solução.....	9
■ Eduardo Almeida Reis.....	10
■ Porteira Aberta.....	11
■ Flash.....	48
■ Mundo da Lavoura.....	49
■ Agribusiness.....	50
■ Mundo da Criação.....	51
■ A Granja Leilões.....	52
■ Escolha seu Trator.....	54
■ Novidades no Mercado.....	56
■ Ponto de Vista.....	58

30 Produtor e A Granja
juntos
há meio século

32 Programa Nacional
de Melhoramento
Genético da ABCZ



Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann
Diretora comercial:
Leoni Zaveruska

Colaboradores: Carolina Bahia, Cibele Vieira,
Eduardo Hoffmann, Luiz Fernando Lemert,
Maria Dilce da Silva e Valéria Palombo.

COMPOSIÇÃO

Renato Fachel (supervisor), Paulo Nobre
(composição).

CIRCULAÇÃO

Antônio Correa Martins (supervisor de assinaturas), Amália Severino Bueno (coordenadora).

PUBLICIDADE

Contato: Anete Bichinho.

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Praça da República, 473, 10º andar, conj.
102, fone (011) 220-0488, telex (11) 31567,
fax (011) 220-0686, CEP 01045-001, São
Paulo/SP. Gerente: Alexandre Ortiz. Contato:
Moacyr Francisco Caralli.

Representantes/Publicidade

DISTRITO FEDERAL - OBN - Organização
Brasileira de Notícias, SDS Lote T8, Bloco M,
Ed. Cine Venâncio Jr., 1º e 2º subsolos, telex
(61) 2260, fone (061) 225-6248 e 225-5934,
CEP 70394-900, Brasília/DF; RIO DE JANEIRO -
Lobato Propaganda e Marketing Ltda.,
Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj.
834, fone (021) 256-8724, CEP 22031-070,
Rio de Janeiro/RJ; MINAS GERAIS - José

Maria Neves - Av. do Contorno, 8.000 conj.
1.107 - fone (031) 291-7008 - CEP 30110-
120 - Belo Horizonte/MG.

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (051) 233-1822, telex (51) 2333, fax (051) 233-2456, Cx. Postal 2890. CEP 90150-004, Porto Alegre/RS. Exemplar atrasado: CR\$ 1.430,00.

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

REDAÇÃO

Luiz Eduardo Bona (editor), Luiz Fernando Boaz
(repórter), Betina Hoffmann (fotógrafa), Iara Salin
Gonçalves (revisão), Anelise T. Aita (secretária).

Vai ser preciso carrapatear

Onde estão os carrapatos? No lombo do boi? Bem, tem uma espécie bem mais numerosa, bem mais voraz, que chupa dia e noite o sangue de quem produz. Acontece que quem produz está tão preocupado e envolvido com o seu dia-a-dia que não se dá conta de que cada movimento produtivo tem um sócio indesejável, que muito pouco ou quase nada lhe dá em troca. É uma parceria desigual, pois o setor público, na grande maioria das vezes, não ajuda, atrapalha. Não produz, suga.

Nosso Poder Executivo ancorado em Brasília, nossa Versailles tupiniquim, é uma gracinha.

Nosso Poder Legislativo é exatamente aquilo que a televisão às vezes retrata tão bem em menos de um minuto. A imagem autêntica e fiel da bagunça institucionalizada, que criou a Constituinte de 1988, a qual, entre outras pérolas, produziu condições de que se criassem milhares de municípios novos, com seus prefeitos, vices, suas mordomias e seus vereadores ganhando fortunas com o maior despudor do mundo.

E o que dizer do Judiciário? Acadêmico, arrogante, lento e com maravilhosos 80 dias de férias ao ano. Tudo isso e mais os famosos vogais da Justiça do Trabalho, que ganham 80% dos vencimentos dos juízes, cujo trabalho resume-se em arquivar processos. O representante dos empresários grampeia, o dos trabalhadores, numa perfeita e harmoniosa integração de interesses, fura.

Bem, mas tudo isto é pouco. O divino são as aposentadorias precoces e integrais dos felizes cidadãos que nunca correram qualquer risco, funcionários de autarquias, políticos, funcionários de bancos federais e estaduais, professores de universidades federais e quejandos.

Afinal de contas, a corrupção legal, ou seja, o cabide de emprego institucionalizado, que só existe na

área pública, é muito mais pernicioso e cruel do que a ladroagem explícita ao dinheiro do contribuinte.

Enquanto os carrapatos se multiplicaram em progressão geométrica a partir do governo Sarney, a produção primária viu-se destituída de qualquer tipo de estímulo ou incentivo. Penalizou-se o setor produtivo primário, tornando o risco infinitamente maior.

Imobilismo

Protótipo do imobilismo, com eventuais manifestações de chiliques históricos. Assim é o governo Itamar.

Agora, no momento em que o governo e o Congresso estão fragilizados, e a sociedade espera algo que preencha o vácuo do poder, do desenvolvimento, do futuro, da esperança, onde estão as entidades ditas representativas do segmento produtivo? Onde está a CNA? A Sociedade Rural Brasileira? O OCB? A Farsul? A ABAG? O Sidam? A Abiove? A Fecotrig? E mais uma infinidade de siglas. Onde estão todas essas entidades, criadas, nascidas e teoricamente respaldadas na obrigação de vender o seu peixe? Não se vê nenhum movimento digno desse nome de nenhuma delas em particular, muito menos um movimento conjunto no sentido de pressionar pelo aceleração das privatizações, ou por um melhor, mais rápido e mais simples instrumento de eliminar a corrupção.

Também aqui, o imobilismo parece ser marca registrada.

O milagre do outro lado da moeda

É preciso terminar com o lado negro do Brasil. E com urgência. Mas também há o lado extraordinariamente positivo. Que não está na imprensa diária nem nos jornais televisionados. Está no campo. Percorra-se hoje, aqui e

agora, o campo brasileiro.

Em qualquer região do Brasil rural, a atmosfera é de ação e otimismo. Os homens estão trabalhando, as máquinas em atividade, e a conversa é de expectativa positiva. Quanto vou ganhar? Quanto vou aumentar em relação ao ano passado? Quanto e onde vou investir? Pecuária, soja, milho e arroz, que muito pesam na atividade rural, vão obter, com certeza, bons resultados. Fundamentalmente, esses quatro principais segmentos do setor agropastoril irão dar uma contribuição decisiva para a prosperidade no campo. A pecuária terá interrompido seu ciclo de prosperidade, se a CEE deixar de importar carne, em função de eventuais focos de aftosa. Mas, o arroz, a soja e milho apresentam gigantescas perdas internacionais, e o produtor pode contar com essa situação. Somente condições extremamente adversas, como excesso de chuvas ou falta delas, ou, ainda, uma invasão de pragas fora do alcance, poderão reverter um quadro que se desenha bastante promissor.

Mas, independente do fator internacional, a revolução da prosperidade aconteceu na cabeça de quem produz, porque:

Primeiro, o produtor mandou o governo às favas.

Segundo, buscou tecnologia.

Terceiro, cuidou do desperdício.

Conseqüentemente, estamos produzindo mais em menos terra, com melhor manejo. Isto não significa que nossos problemas setoriais estão resolvidos. Não. As estradas continuam péssimas. Os portos, lentos e caros. A eletrificação e telefonia rural, estagnados. O crédito agrícola, caro, quando não inexistente. O índice de mecanização no campo, muito baixo. A carência de silos, enorme.

Mas, o Brasil, que tem inflação com índices imorais, que tem milhões de carrapatos, não tem crise de abastecimento. Os supermercados estão com as gôndolas cheias. Dentro do quadro politicamente caótico e economicamente recessivo, não deixa de ser um milagre. ■

Mudança no ICI

“O Grupo ICI foi desmembrado, em 28 de maio, em duas empresas totalmente independentes, que visam agrupar negócios específicos, concentrar investimentos em tecnologia e pesquisa e simplificar operações.

No Brasil, as mudanças mais significativas ocorrerão somente em janeiro de 94, com a nova denominação Zeneca Brasil S/A compreendendo os negócios agrícolas, saúde pública, corantes, resinas e biocidas. Os itens sementes e acabados de couro — Stahl, também farão parte do Grupo Zeneca.

Com o Grupo ICI PLC continuarão os demais negócios — explosivos e químicas industriais.

A Zeneca dará continuidade à filosofia de orientar-se para a prosperidade dos clientes, buscando, através de novas tecnologias, soluções que assegurem uma maior produtividade e qualidade em todos os produtos e serviços oferecidos.”

*Peter Ahlgrimm
São Paulo/SP*

Elogio sagrado

“A primeira vez que recebi um exemplar da revista A Granja foi a título de propaganda. Gostei, e até hoje sou assinante pela Sociedade Brasileira Cultural Cáritas São José. A revista é fascinante, e está cada vez melhor. O exemplar de outubro/93, por exemplo, foi simpático, simples e útil. Parabéns! Gostei muito também do anuário A Granja do Ano. Agradeço o brinde e a atenção dispensada.”

*Irmã Angela Olibra Costa
Curitiba/PR*

Reeleição no Blonde

“A Associação Brasileira de Criadores de Blonde D'Aquitaine reelegeu a diretoria para o biênio 93/95, em assembléia-geral realizada no dia 8 de outubro. Os dirigentes são os seguintes:

Presidente: Cesar Augusto Arruda;

1º Secretário: José Luis Abdalla; 2º Secretário: José Antonio Bueno; 1º Tesoureiro: Elemar Hartmann; 2º Tesoureiro: Afrânio Teófilo Mendes; Conselho Fiscal: Rubens Assunção, Renato Trombini, Luis Surreaux; Conselho Técnico: Pedro Surreaux, José Luis Bueno, Koso Abe.

A ABCBA está à disposição dos interessados para quaisquer informações sobre a raça, as quais podem ser solicitadas no seguinte endereço: ABCBA — Caixa Postal 794, CEP 88502-970, Lages, Santa Catarina.”

*Cesar Augusto Arruda
Lages/SC*

Biblioteca em novo endereço

“A Epagri S/A — Empresa de Pesquisa Agropecuária e Difusão de Tecnologia, de Santa Catarina, informa o novo endereço de sua biblioteca. Atualmente, esta se encontra na Rodovia Admar Gonzaga, Km 3, Itacorubi, Caixa Postal 502, CEP 88034-901, Florianópolis, Santa Catarina, tel. 482 242, fax (0482) 341024 e fone (0482) 34-0066.”

*Zélia O. Pereira
Florianópolis/SC*

IX Congresso Paulista de Agronomia

“O apoio à agricultura é fundamental para que o País possa superar suas atuais dificuldades. Esse apoio, entretanto, não poderá ser dado como no passado, através de mecanismos centralizados e sem a preocupação com a preservação dos recursos naturais, mas, sim, deverá ser realizado por meio de políticas regionalizadas, tendo como eixo central a preservação do meio ambiente.

Essa é a posição dos engenheiros-agrônomo de São Paulo, expressa na ‘Carta de Ribeirão Preto’, documento final do IX Congresso Paulista de Agronomia, ocorrido nessa cidade, em outubro, e que reuniu centenas de profissionais, representantes de todos

os setores do agribusiness, autoridades e pesquisadores. Segue-se um trecho da carta:

‘A retomada do desenvolvimento econômico será mais rápida, eficiente e socialmente justa se for feita a partir das atividades agrícolas. As condições do País fazem com que os investimentos realizados no campo tenham o poder de gerar maior número de empregos por unidade de capital investido, aumentar a produção em proporção geométrica, aliviar a migração para os grandes centros urbanos, aumentar as exportações de produtos competitivos, a produção de alimentos e servir de alavanca dinâmica para o crescimento de outros segmentos econômicos.

Para que isto aconteça, é fundamental que o País procure novas formas de incentivo à atividade agrícola. Se, no passado, a centralização política a nível federal deu algum resultado, hoje esses instrumentos estão comprovadamente falidos, e o Poder Regional surge como a única alternativa viável de atuação governamental de apoio à agricultura.

Cada município precisa e tem condições de tornar-se um pólo gerador de políticas descentralizadas de incentivo à agricultura e adaptadas a cada realidade.

A retomada do crescimento a partir do campo, incentivada pelo Poder Municipal, necessariamente deve ter como uma de suas preocupações fundamentais a preservação e recuperação do meio ambiente.

O principal problema ambiental do País é a degradação do solo, embora a defesa deste Patrimônio da Humanidade e das futuras gerações só recentemente tenha motivado mobilizações sociais, nem de longe comparadas às que ocorrem para a resolução de outras questões ambientais, muitas delas originadas da degradação do solo.

Para obter maiores informações, basta contatar com a Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, com sede na Rua 24 de Maio, 104, 10º andar, Caixa Postal 9080, CEP 01065-970, São Paulo/SP, fone (011) 221-6322 e fax (011) 2216930.”

*Eng. Agr. Guido José da Costa
São Paulo/SP*

33 ANOS DE INFLAÇÃO



Investigador da inflação

“Tenho um gráfico da inflação brasileira de 1959 a 1989, publicado na página da seção ‘Agribusiness’, na edição de fevereiro de 90 da revista *A Granja*, e gostaria de obter a sua continuidade. Esses índices de inflação têm me ajudado muito no meu trabalho de comerciante de máquinas agrícolas, assim como a pessoas de minhas relações que se utilizam deles.”

Salvador Faraco
Uruguaiana/RS

R — Sr. Salvador, conforme sua solicitação, estamos publicando outro gráfico com os índices anuais de inflação, abrangendo o período subsequente ao publicado em fevereiro de 90.

Acalma boi!

“Gostaria de saber como posso adquirir um aparelho imobilizador de gado.”

Ajax Lopes Sampaio Pedreira
Salvador/BA

“Na edição de nº 539, mês de setembro, da revista *A Granja*, saiu um flash sobre o imobilizador de gado Stopdier. Gostaria de saber o endereço e o telefone da empresa que está comercializando esse produto.”

Ricardo Saad Gattaz
São José do Rio Preto/SP

R — A empresa que está trabalhando na venda do imobilizador de gado Stopdier é a Ciquisa Farmacêutica Ltda. Seu endereço para contato é Rua Conselheiro Travassos, 629, CEP 90230-140, Porto Alegre/RS. Fones: (051) 222-8042 e 222-6159. Fax: (051) 222-4740.

Minhoca dá lbope

“Sou assinante da revista *A Granja*, com a qual estou muito satisfeito, e, como gostaria de começar uma criação de minhocas, necessito de maiores informações.”

Preciso saber como fazer os canteiros com menos custo, o local ideal, onde comprar as matrizes (minhocas-da-califórnia), se devo ter um local próprio para curtir os esterco, e, ainda, informações sobre manejo, reprodução, saúde e mercado.

Se for possível, ajudem-me com qualquer dado informativo ou indiquem-me uma fonte de consulta.”

Jefferson Braga Ranier
Encruzilhada do Sul/RS

“Na qualidade de assinante desta conceituada revista, venho, através da presente, solicitar informações sobre a matéria ‘Minhoca sai da escuridão’, publicada na edição 537, de julho de 1993.

Pretendo produzir húmus para aplicação em pastagens (piquetes), contendo capim Coast-Cross, três alqueires de alfafa e também nas plantações de milho para ensilar, uma vez que sou produtora de leite tipo ‘A’.

Gostaria de saber como construir o viveiro ideal para fornecer húmus às culturas acima mencionadas, uma vez que tenho esterco de gado à vontade.”

Iranir M.G. Moraes Felipe
Cesário Lange/SP

R — A professora Christa Freia Ute Knäpper, coordenadora do Laboratório de Edafologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), poderá responder com precisão o que desejam saber sobre o assunto. É só ligar para (051) 592-0333, ramal 1270, fax (051) 592-1035, de segunda à sexta-feira, no horário das 8h às 12h e das 13h30min às 17h30min, ou estabelecer contato através do seguinte endereço: Av. Unisinos, 950, Bairro Cristo Rei, CEP 93022-000, São Leopoldo/RS.

Ovelha-lã

“Sou acadêmico da Faculdade de Agronomia da Universidade de Passo Fundo e, como tenho interesse em segmentos abrangidos por esta revista, peço informações sobre a ovinocultura de lã, tais como: a atual situação do setor no Estado, a competição com a Argentina, dados sobre a região onde são criados ovinos-lã neste país, se o nosso Estado importa lã, e/ou endereços no Rio Grande do Sul e na Argentina onde pudesse obter essas e outras informações.”

Renato C. Dalpaz
Passo Fundo/RS

R — Reunimos dados de uma fonte brasileira e de outras argentinas para sua pesquisa. São os seguintes: Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos (Arco) — fone (0532) 42-6422, Caixa Postal 145, CEP 96400-901, Bagé/RS; Sociedade Rural Argentina — fone (00541) 322-3431, 3491 e 3631, Florida, 460, Buenos Aires, Argentina; Associação Argentina de Corriedale — fone (00541) 35-9009, R.S. Peña, 943, 7º Piso OF 71, Buenos Aires, Argentina; e Confederação Rural Argentina — fone (00541) 361-1505, México, 628, Buenos Aires, Argentina.

A unidade-queijo

Tenho método infalível para contornar o problema da falta de assunto: a unidade-leite. Telefone para a cooperativa perguntando qual é o preço pago ao produtor, naquela quinzena, por litro de leite C. Depois, faço as comparações com os preços do barbeiro, do calista, da gasolina, da água mineral. É sempre um espanto!

Hoje, que me sobram assuntos, recorro à unidade-queijo. E me valho do produto fabricado na fazenda de um amigo, de excelente qualidade (o queijo e o amigo), vendido esta semana por US\$ 1,60 a forma. Desculpem, mas é preciso botar os preços em dólar, senão a gente se perde.

Pois bem: trago de olho um automóvel nacional, 6 canecos, que dizem atingir a velocidade de 206km/h. Tenho o pé direito meio pesado e gosto de carrões de 6 cilindros, na falta de outros de 8 ou mais canecos. Pelos meus cálculos, um automóvel daqueles custa, hoje, exatas 35.625 formas de queijo. E olhem que o queijinho fabricado pelo meu amigo é dos melhores que se fazem nestas Minas.

Se eu comprasse um daqueles carros, cuidaria de deixá-lo numa garagem da cidade, antes dos quebra-molas. Explico: na entrada da cidade mais próxima, há oito quebra-molas virtualmente intransponíveis. E não haveria de ser o papai aqui que botaria seu carrinho, de US\$ 57 mil, para saltar aqueles obstáculos.

Por falar neles, às vezes me pergunto: que pensará das mães dos construtores de quebra-molas o dono de um BMW 850csi? Sim, qual é o palavrão que o dono de um 850csi diz, quando passa por cima de um quebra-molas. É assunto que me interessa, porque também sou candidato a um BMW, quando acertar na Loto de Miami. A nossa, mesmo acumulada, pode dar para o sujeito comprar um BMW de modelo mais simples, mas não sobra dinheiro para a gasolina.

Se você, leitor, é da confraria dos proprietários de BMWs, mesmo de um

“modesto” 730i, mande dizer o que pensa dos construtores de quebra-molas e de suas genetrizes. Em tempo, genetriz não tem relação com automotriz: é termo poético para “mãe”.

Aqui do meu Opalão 79, sei o que penso e digo das mães daqueles construtores. E pergunto aos leitores viajados se existem quebra-molas nos países do Primeiro Mundo? Não seria muito mais simples, e mais inteligente, e mais rentável, para o Estado, multar os carros que trafegam em velocidade acima da permitida?

O engenheiro João Navarro, fazendeiro nas serras do município de Belmiro Braga, aqui mesmo na Zona da Mata mineira, prefere adotar a unidade-cerveja, para não se importar com a inflação e a carestia.

Por isso, quando alguém se queixa do preço de alguma coisa, o bom João logo compara com o preço da cerveja, para minimizar o susto. Um corte de cabelo, aqui na nossa aldeia, custa quatro cervejas, fora gorgeta. Jantar num restaurante razoável, lá no Rio, custa um engradado de cervejas por pessoa. Ou dois engradados, se o herói pedir um vinhozinho esperto.

Calculado pelo preço do leite C pago ao produtor, o jantar custaria uns 400 litros. Em nossa comparativa, só há dois fornecedores de mais de 400 litros diários.

Dois engradados de cervejas a gente tira de letra. Quando tenho hóspedes, lá se vão três, quatro engradados, fora a lingüicinha, o torresminho, o provolone fatiado e a mandioquinha frita. Prometo votar no prefeito que inventar o quebra-molas intransponível, para carro de hóspede.

Em alguns lugares do Brasil, já se paga o leite pela proteína. Não sei como funcionam os cálculos, que são muito curiosos, pois conseguimos chegar ao requinte da proteína, sem passar pelo estágio da higiene.

Parece que, no leite, de acordo com Vieira de Sá (“O leite e seus problemas”), existem três grupos de proteínas diferentes: a caseína, a lactalbumina e

a lactoglobulina. Seu valor é muito importante na indústria, pois é a parte principal da constituição do queijo.

Indústrias diversas, como de plásticos, de tintas e de colas, usam a caseína industrial, isolada do leite. É do mesmo Vieira de Sá, noutro livro, a constatação de que o leite é o produto mais anti-higienicamente produzido no mundo tropical.

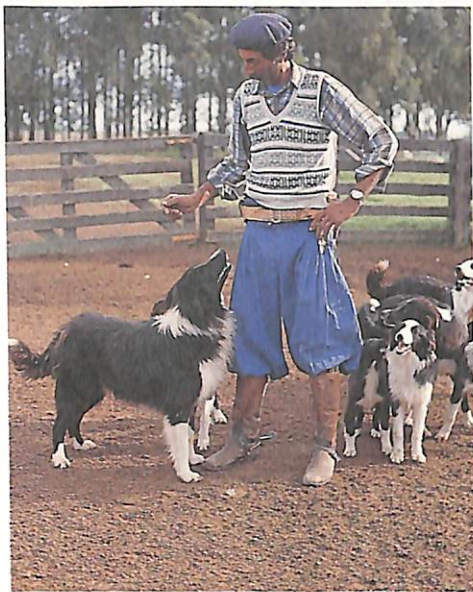
Talvez por causa disso, tive um vizinho que fabricava ótimos queijos num casebre infecto, sem água corrente, com formas de lata enferrujada, a partir do leite de 30 vacas encarrapadas e bernentas, que pastavam na beira da estrada.

Só um louco, ou um imbecil completo, compraria queijos fabricados naquelas condições. E o certo é que o queijeiro vivia do negócio. Pior que isso: fazia uns queijinhos ótimos, disputados pela vizinhança, numa prova de que devia ser um gênio da tirotecnia (de tiro = “queijo” em grego).

Nosso queijo doméstico, produzido a partir de um leite de rebanho que tinha controle sanitário rigoroso e mungidura razoavelmente higiênica, feita num cômodo telado, azulejado, com água puríssima na torneira, jamais se comparou ao queijo do vizinho.

Donde se conclui que a tirotecnia, além de arte e ciência, tem algo mágico. Sempre fui fraco em questões esotéricas. Como também não entendo nada de economia. Mas estou morrendo de pena dos meus ex-companheiros de lutas, os produtores de leite deste país grande e bobo, agora que se anuncia o controle do mercado pela Nestlé e pela Parmalat.

Enquanto a compra do leite ficava por conta de nossa cooperativa ou do industrial da esquina, sabíamos a quem xingar. Se eu ainda fosse produtor comercial de leite, estaria aprendendo a xingar em italiano, ou em romanche, dialeto reto-românico que é a quarta língua oficial da Suíça. O xingatório não resolve nada, é certo, mas ajuda a descarregar a raiva, que faz mal à saúde. ■



Ligação perigosa

A relação íntima entre o gaúcho e seu fiel companheiro das lides campeiras, o cachorro, está se tornando uma verdadeira ligação perigosa. Nas regiões tradicionais de pecuária, a hidatidose — doença transmissível ao homem, provocada pela tênia, um verme do qual o cão é hospedeiro definitivo — já é problema de saúde pública e de elevados prejuízos econômicos. O drama está relacionado com o costume de alguns peões e também patrões de dar aos cachorros vísceras cruas de bois e ovelhas abatidos nas fazendas. Tal fato, segundo a Inspeção Federal do Mar, é responsável pela condenação de 200 mil fígados bovinos com hidatidose, representando perdas de US\$ 1,5 milhão. A solução para o problema, para desespero da gauchada, é diminuir a população canina no campo, ou na melhor das hipóteses, cozinhar as vísceras antes de fornecê-las aos caninos. Para tentar resolver a situação, o governo do Estado lançou, no segundo semestre deste ano, o Programa de Controle da Hidatidose. Agora é esperar para ver se os objetivos serão realmente alcançados, pois os “cuscos”, embora irracionais, simbolizam o nobre sentimento da amizade. Coisa que, hoje em dia, esta cada vez mais difícil de encontrar.

Viva o tropicalismo!

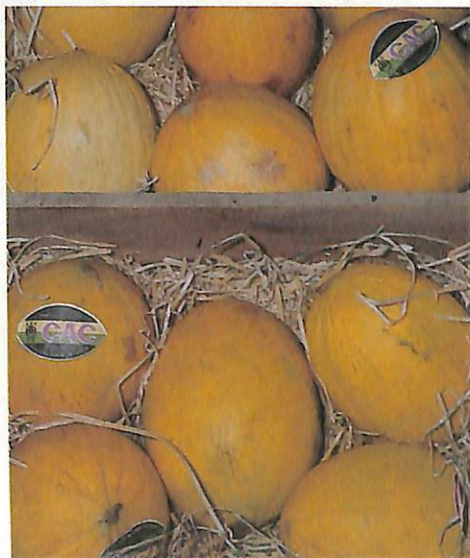
Exportações brasileiras de frutas frescas estão disparando no mercado internacional. O balanço deste final de ano acusou negócios da ordem de US\$ 120 milhões, com pouco mais de US\$ 15 milhões acima do ano passado.

Esses números animadores foram provocados inclusive por frutas frescas não-tradicionais, como uvas, melões, maçãs ou mangas, que continuam em fase de consolidação. Só o melão é responsável por nada menos do que US\$ 20 milhões, e os exportadores da fruta já têm contratos assinados com supermercados da Inglaterra, onde é vendida com a marca Brasil.

No campo dos sucos, o de laranja continua como líder internacional, sendo que o concentrado acumulou, até setembro, US\$ 550 milhões, embora tenha registrado um declínio de 33,8%, se comparado aos US\$ 830 milhões comercializados em igual período em 92.

Na ponta do lápis, a fruticultura brasileira e seus derivados já atingem US\$ 670 milhões, ganhando com margem da própria carne bovina, que exportou, em 92, US\$ 619 milhões, e tem, para este ano, uma queda estimada entre 10% e 15%.

Como, para números, não há qualquer argumentação que prove o contrário, as frutas do Brasil estão resgatando a nossa verdadeira imagem de País tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza.



Criado a pão-de-ló

A falta de política para a cultura do trigo não poderia ter melhor exemplo do que o ocorrido recentemente no Médio Uruguai, tradicional área tritícola do Rio Grande do Sul. Com o elevado preço do milho e a miserável cotação do trigo, os agricultores sofisticaram a formulação da ração destinada aos suínos. Substituíram o milho pelo trigo. Esse fato demonstra que quem ganha com a desorganização do setor são mesmo os porcos. Assim, literalmente, o lombinho que muita gente vai degustar na virada do ano terá gosto de pão-de-ló.

Milho tem liga

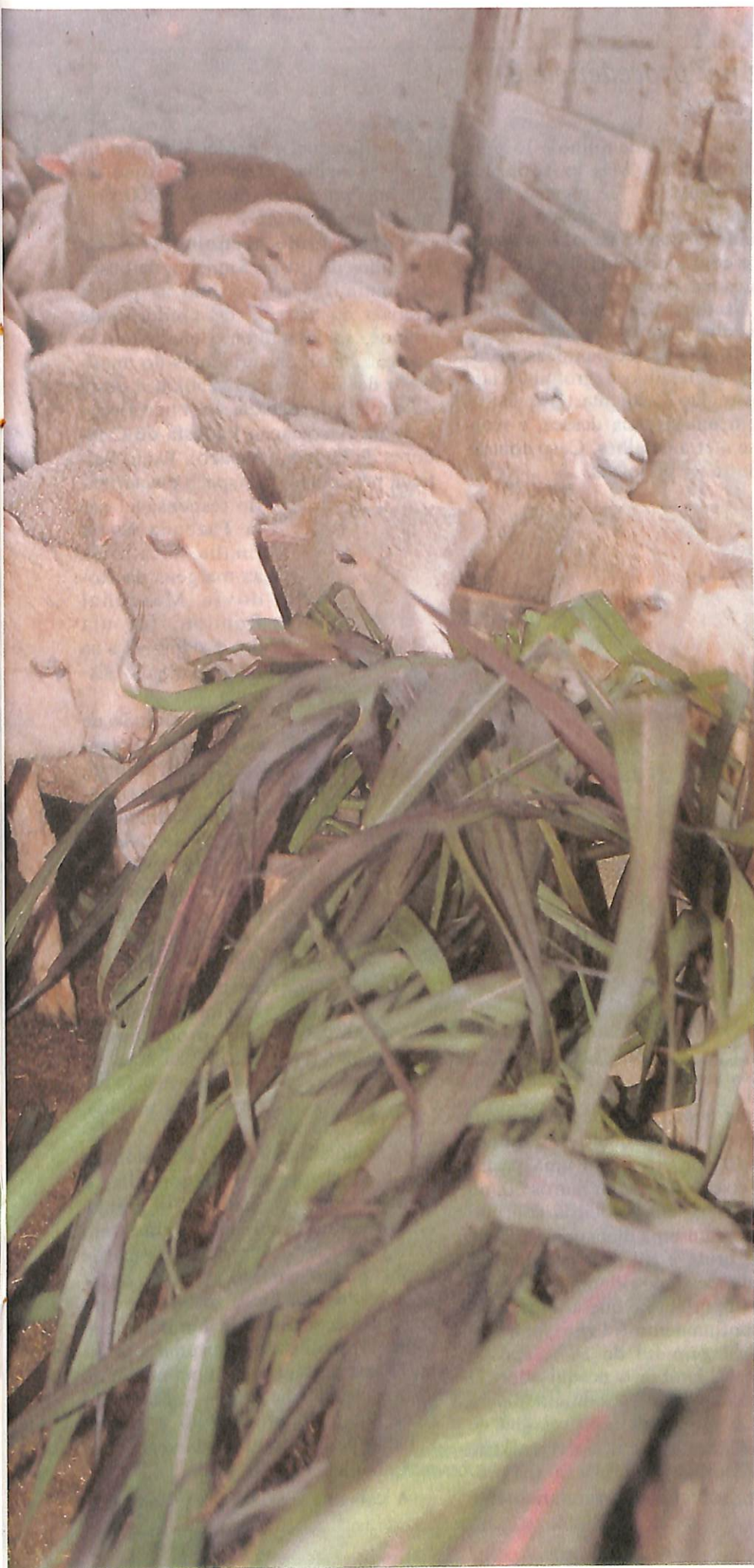
Tudo indica que o milho vai mesmo arrebentar na safra 94. O estouro também será ouvido na mesa do consumidor. No simpósio “O Milho na Alimentação Humana”, promovido pela Associação Brasileira das Indústrias Moageiras, a novidade foi o surgimento de uma tecnologia viável para elaborar macarrão à base de farinha de milho. Segundo o pesquisador Ahmed El Dash, o problema para obter a liga da massa já pode ser solucionado através de um processo termoplástico. Se a coisa vingar, haja vinho para acompanhar a *bella macaronada*.

Confinamento: a receita dos paulistas para engordar cordeiros

Texto: José Renato de Almeida Prado
Fotos: Décio Pereira de Godoy

A incidência de verminose constitui-se em um fator limitante ao incremento da ovinocultura no Estado de São Paulo, pois o ataque dos parasitas reduz de maneira significativa a produtividade dos rebanhos. Porém, na região de São Manoel, alguns paulistas estão revertendo esse quadro através de uma prática ousada e pioneira no País: o confinamento de ovinos





Trabalhando com altas lotações de ovinos por hectare, os paulistas têm conseguido boa produtividade de lã e carne, com sistema de pastagem tecnificado. Mas estão enfrentando um sério problema com a infestação precoce dos cordeiros, considerado o ponto de estrangulamento da ovinocultura no Estado de São Paulo. Quanto maior a lotação, maior a incidência parasitária, responsável por um grande índice de mortalidade em cordeiros na fase de desmama e pós-desmama. Para minimizar os efeitos da verminose, os criadores estão partindo para uma iniciativa pioneira em todo o País: o confinamento. Desmamados com idade entre 45 e 60 dias, os borregos confinados ficam livres da contaminação e têm um ótimo ganho de peso, tratados com ração balanceada, formulada a partir de resíduos agroindustriais de cada região.

A restrição de áreas e a falta de pastagens nativas disponíveis fizeram com que São Paulo adotasse um modelo próprio para a criação de ovelhas, totalmente diferente do empregado no Rio Grande do Sul, Estado que possui o maior rebanho do País. Com terras mais caras e propriedades menores, o criador que pretende alguma lucratividade com ovinos tem de trabalhar de maneira intensiva. O cultivo de pastagens artificiais, com graminéas de boa produção de matéria seca, permite uma alta taxa de lotação — entre 15 e 20 ovelhas por hectare. Margem considerada excelente para um Estado sem nenhuma tradição em ovinocultura e que tem a intenção de se lançar à produção de carne. Entretanto, pelo sistema de desmama tradicional, os paulistas vêm perdendo sucessivas batalhas na guerra contra a verminose. A permanência do cordeiro no pasto muito tempo após o nascimento favorece as infestações.

O controle dos vermes em animais adultos não é problema, desde que se use metodologia adequada, segundo atesta o professor Edson Ramos de Siqueira, da Faculdade de Medicina

Cuidado: confinar cordeiros de má procedência é perder dinheiro na certa

Veterinária e Zootecnia da Unesp de Botucatu/SP. Mas quando se fala em cordeiros, a situação é completamente diversa. "Temos de vermifugá-los com muita frequência e, mesmo se conseguíssemos eliminar a carga parasitária, os cordeiros ficariam com seqüelas no aparelho gastrointestinal, que trariam dificuldades na absorção de nutrientes, comprometendo em definitivo esses animais", explica. A solução, então, era aparentemente simples: tirá-los da pastagem. Surgiu daí, a partir de uma necessidade, a idéia do confinamento.

Interrompendo o ciclo — As primeiras pesquisas realizadas pelo professor Edson Siqueira há cerca de cinco anos, em um confinamento experimental numa das fazendas da faculdade de Botucatu, mostraram que era perfeitamente possível — e até indicado para a maioria das criações — o desmame dos borregos com 60 dias. Eles estariam livres de uma invasão precoce dos parasitos, e as mães teriam devolvida sua imunidade natural, com o fim da lactação, quando estão mais vulneráveis à verminose. Outros estudos revelam que a desmama pode ser feita ainda mais cedo, aos 45 dias, com o animal pesando entre 10 e 12 quilos. Se esse borrego tiver capacidade para ganhar 200 gramas por dia, com 95 dias de confinamento estará pesando 30 quilos, em ponto de abate. "É perfeitamente possível, mas ainda temos que fazer muitas pesquisas", diz Siqueira.

O grande desafio, com o confinamento, era buscar uma alimentação adequada para os animais, especialmente porque o rúmen ainda não está totalmente desenvolvido. A dieta utilizada até hoje na faculdade contém

30% de feno, 55% de milho e 15% de farelo de algodão. Mas as variações são intermináveis. "É preciso fazer um balanceamento de acordo com a capacidade de conversão alimentar do animal e com a disponibilidade de ingredientes nas propriedades", explica o pesquisador. "Estamos iniciando experimentos com esterco de frango, uréia, enfim, dietas econômicas, aproveitando os resíduos agroindustriais de cada região", adianta. O que importa, em um sistema desses, é realmente se ater a detalhes. Caso contrário, pode-se ter prejuízos.



Edson Siqueira: o grande desafio era encontrar uma alimentação adequada, porque o rúmen dos cordeiros ainda não está totalmente desenvolvido

Há três anos, Siqueira iniciou um experimento comparando a terminação de 30 cordeiros, em uma pastagem de coast-cross, com outros 30, no confinamento. Os cordeiros confinados receberam uma dieta com 15% de proteína bruta e tiveram o dobro do ganho de peso dos demais. "Outro detalhe importante é que a mortalidade no confinamento foi zero, enquanto na pastagem foi de 16%, após o desmame", lembra o pesquisador. O ensaio experimental serviu ainda para mostrar a importância da escolha de animais de bom potencial de ganho de peso. "Confinar cordeiros de má procedência, sobretudo os sanitariamente

já danificados, é perder dinheiro na certa", ensina. "Um animal que tenha um potencial inferior a 200 gramas/dia, não serve."

Fomentando tecnologia — Os trabalhos de Edson Siqueira, na busca de minimizar ao máximo as perdas globais do sistema de produção de ovinos, imediatamente chamaram a atenção de alguns criadores do município de São Manoel, 250km a oeste da capital de São Paulo, onde fica a sede da Associação Paulista de Criadores de Ovinos (Aspaco). Paulo Pellicci, presidente da Aspaco e veterinário responsável pela Fazenda Santa

Emília, localizada às margens da Rodovia Marechal Rondon, foi um dos produtores a se interessar pelo sistema.

Com a ajuda de sua mulher, Solange Cipelli Pellicci, também veterinária, Paulo iniciou a criação de ovelhas em 1987, como atividade alternativa, já que o forte na propriedade, de 300 hectares, é a avicultura, com 450 mil poedeiras e uma produção de 22.500 dúzias de ovos por dia. O café vem em seguida,

com 170 mil pés, e a terceira atividade, a suinocultura, com 1.200 animais das raças landrace e large-white, é mantida com os resíduos da granja. Atualmente, o rebanho ovino tem 1.300 cabeças de corriedale, raça de dupla aptidão, e ocupa uma área de 57 hectares da fazenda, formados com coast-cross, braquiária humidícola e rodes. Trabalhando com uma alta lotação nas pastagens — uma média de 25 ovelhas por hectare — o casal Pellicci viu no confinamento a grande solução para o controle da verminose na Cabanha Bom Sucesso.

A cabanha é voltada à produção ►



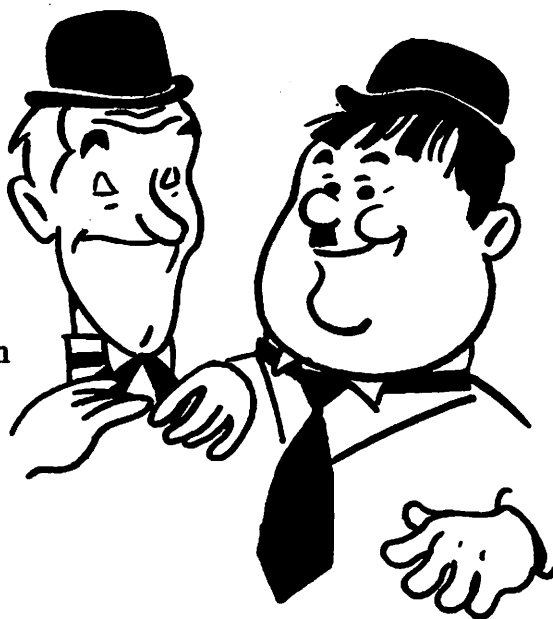
FAÇA SEUS INVESTIMENTOS NO BANRISUL. COM DINHEIRO NÃO SE BRINCA.

O Banrisul tem os investimentos certos para o seu dinheiro.
Todos com a segurança do maior banco do Estado.
Fale com o seu gerente e faça a sua escolha.

POUPANÇA DATAMÚLTIPLA - Você se protege da inflação e garante rendimentos em várias datas, conforme seus depósitos.

CDB/RDB - Investimento com taxas pré ou pós fixadas, com prazos mínimos de 30 e 90 dias, respectivamente. Você ganha ótimas taxas.

FUNDOS DE INVESTIMENTOS - Um tipo para cada necessidade do cliente. Você conta com um sistema inteligente de resgate automático e tem liquidez imediata. Escolha entre Renda Fixa, Renda Fixa-DI, FAF, Commodities e Fundo de Ações, o que melhor atende suas necessidades.



banrisul
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, S. A.

**GOVERNO
DO ESTADO**

Na Cabanha Bom Sucesso, a ração é colocada nos cochos pela manhã, ao meio-dia e no final da tarde

de reprodutores (carneiros) e tem hoje 800 ovelhas. A natalidade é de 90%, e, na seleção genética, Solange trabalha com inseminação artificial, feita na própria fazenda com sêmen colhido a fresco. São três carneiros corriedale e dois ile de france, raça utilizada no cruzamento industrial para, por meio da heterose, resultar em cordeiros mais precoces para o abate. Da produção, 20% das fêmeas são usadas na reposição do rebanho, e as restantes, vendidas como matrizes. Dos machos nascidos, 50 deles são separados e criados como reprodutores, e os restantes vão para o confinamento e, posteriormente, são abatidos. A produção anual de carne, segundo Solange, gira em torno de 4.500 quilos, e a de lã, classificada como Cruza 1/boa, ficou em 4,5 toneladas no ano passado.

O sistema de confinamento foi adotado há dois anos na Cabanha Bom Sucesso. Em uma instalação rústica, um barracão coberto, de 10m x 11m, utilizado anteriormente para bovinos, Solange confina até 80 animais. "Eles têm que ter poder de locomoção", explica. Os cordeiros são desmamados com 120 dias, em vez de 60 dias, pesando cerca de 25 quilos. Antes de entrarem para a dieta de rações, eles recebem a vacina tríplice contra o carbúnculo, enterotoxemia e gangrena gasosa, e são submetidos a exames de fezes, para avaliar se estão ou não contaminados. Um reforço da vacina é repetido um mês depois, e o exame fecal também é feito depois que os animais estiverem confinados.

Direto para o cocho — Na alimentação dos borregos, os Pellicci aproveitam subprodutos da granja, como o esterco de frango. A ração é composta basicamente por 35% de milho grão, 25% de feno (coast-cross, aveia ou rodes) 15% de cama de frango, 20% de farelo de trigo, 5% de farelo de algodão, 1,5% de calcário calcítico e sal mineral à vontade. "A ração misturada com o volumoso facilita o manejo, já que de uma só vez você o incorpora ao concentrado", comenta Solange. O alimento é colocado nos cochos pela manhã, ao meio dia e no final da tarde.

O confinamento dura normalmente 60 dias. Na primeira quinzena, os cor-



Solange Pellicci: o ganho de peso não é algo fora do comum, porém a mortalidade é praticamente nula

deiros ainda estão sob o estresse da desmama e, nessa fase de adaptação ao arraçãoamento, podem apresentar diarreias e perder entre 15% e 20% de seu peso. Nos 45 dias restantes, entretanto, eles têm conseguido um limite mínimo de 300 gramas de ganho de peso diário, terminando o período de confinamento com 33,5 quilos de peso vivo, que resultam em 12 a 15 quilos de carcaça. O ganho de peso real não é algo fora do comum: 8,5 quilos. No entanto os animais ficam livres das infestações precoces, e a mortalidade no confinamento é praticamente nula, o que não acontece com cordeiros criados em pastagens, onde a mortalidade atinge índices de aproximadamente 16%. Além disso, os animais terminados no pasto têm um ganho de peso entre 70 e 130 gramas/dia, quando a verminose não for fator limitante. Solange lembra que já teve cordeiros desmamados com 25 quilos que ficaram praticamente três meses sem ganhar uma grama sequer. "Na pastagem, a verminose compete com o animal na alimentação", lamenta.

A Cafenoel paga de US\$ 2,00 a US\$ 2,20 pelo quilo limpo de cordeiro

Mercado — O acasalamento é realizado em dezembro, e as parições se dão entre maio e junho. O desmame, aos 120 dias, é feito em outubro e, depois de 60 dias de confinamento, os animais estão terminados, em dezembro. "Com isso, vendo toda a produção no Natal, que é a melhor época para colocá-los no mercado", garante Solange. No resto do ano, a cabanha

traz animais de fora, normalmente do Rio Grande do Sul, e também confina para terminação. Com esse sistema, os criadores conseguiram aumentar a produção de carne e controlar o ataque de vermes.

Outra medida preventiva adotada na Bom Sucesso é o consórcio

de ovinos com bovinos na rotação de pastagens. Na fazenda, há 450 vacas nelore. Os bovinos são colocados para pastejar uma área anteriormente ocupada pelas ovelhas e vice-versa. O que acontece é um efeito de limpeza das larvas infestantes de uma espécie pela outra, sem prejuízo de nenhuma delas.

Toda a lã e carne produzidas na cabanha são entregues à Cooperativa de Cafeicultores da Zona de São Manoel (Cafenoel), que em 1985 criou um departamento de ovinocultura e se encarrega da venda do total da produção de seus 1.400 filiados. A média de lã comercializada pela cooperativa entre os lanifícios paulistas é de 70 toneladas por ano. E a carne é vendida no próprio município de São Manoel, que consome cerca de 4 mil quilos de cordeiros por mês. A cooperativa paga ao produtor entre US\$ 2,00 e US\$ 2,20 pelo quilo limpo do cordeiro, e pela lã, que enfrenta uma crise de preço sem precedentes, entre US\$ 1,70 e US\$ 1,80 o quilo. "Mesmo assim, a lã paga 40% do custo da criação", entusiasma-se Paulo Pellicci. Cada ovelha corriedale, que chega a dar até quatro quilos, rende US\$ 5,00 de lã.

Sistema comprovado — Edson Ramos de Siqueira faz questão de salientar que o confinamento é somente uma opção encontrada pelos paulistas para conter os efeitos provocados pelos vermes, em especial o *Haemonchus contortus*, que se instala no estômago dos animais. "É um sistema comprovadamente bom e já testado em países da Europa e nos Estados Unidos", diz ele. "Mas não estamos, de forma alguma, descartando a pos-

sibilidade de uma terminação de cordeiros na pastagem, e isso tem que ficar claro. Senão vão pensar que essa é a única maneira de criar ovelhas em São Paulo”, prossegue.

Uma coisa é certa para todo o tipo de criação: não dá para se aventurar. E a palavra mágica, a fim de dar-se bem com ovelhas, é tecnificação. Uma recomendação é que se adote definitivamente o cruzamento industrial. “Não importa a raça escolhida; o erro na deficiência de produção de carne não é da raça, é do produtor”, conceitua. “No cruzamento industrial, o criador vai integrar dois genótipos distintos, buscando obter os aspectos positivos da raça base, ou seja, a adaptabilidade às condições do meio”, destaca.

Em São Paulo, os cruzamentos têm utilizado como raça base a corriedale, em função da disponibilidade e dos valores de aquisição. E na outra ponta, as raças de carne mais comuns: suffolk, texel, hampshire, ile de france e a poll dorset — raça recentemente introduzida no Estado. É extremamente aconselhável que se mantenha as matrizes bases de uma raça mista. “Não podemos desprezar os ovinos mais comuns que temos aqui, o SRD ou, em algumas regiões, as raças deslanadas”, afirma o pesquisador. “Precisamos aperfeiçoar o sistema de produção, introduzindo uma raça melhoradora, mas sem absorver”, ensina.

Praticidade — Quem optar pelo confinamento deve ter em mente a necessidade de buscar alternativas para baratear o sistema. As instalações podem ser simples, dependendo do que o criador disponha no momento. No Brasil, é possível confinar cordeiros em uma área de um metro quadrado por animal — cordeiros com até 30 quilos de peso vivo — se a instalação for totalmente coberta, sem insolação direta e problemas de umidade. Se a instalação for descoberta e sujeita à umidade, a área aumenta para cinco metros quadrados por animal. A alimentação também é variada, mas deve ser escolhida com base em recomendação técnica, a partir da avaliação do rebanho. Há que se considerar ainda o aspecto da conversão alimentar das ovelhas.

Se um cordeiro de 11 quilos à desmama, com 45 dias, tem capacidade para um ganho de peso diário de 150 gramas, vai levar 127 dias em confi-

namento para atingir 30 quilos, peso de abate. Entretanto, se esse borrego for capaz de ganhar 320 gramas/dia, estará terminado em apenas 59 dias. “É muito dinâmico: um cordeiro que ganhe 320 gramas pode ser vendido com 109 dias, com uma carcaça de aproximadamente 14 quilos”, calcula o professor.

Já a lã do cordeiro de confinamento é desprezível. “Se forem abatidos cedo, nem devem ser tosquiados”, avalia. Contudo, se a raça é de um tipo genético que dá lã muito comprida, a tosquia é até recomendável porque vai estimular o consumo de alimentos. “Temos um ensaio dessa natureza na faculdade”, conta Siqueira. “Separamos dois lotes de cordeiros, e um deles foi tosado. O consumo deste aumentou 17%, e o ganho de peso foi 20% superior ao lote não tosado”.



Manoel Fernandes: o criador possui um plantel de 650 ovelhas das raças corriedale e ideal

Avaliação econômica Confinamento de cordeiros	
Quantidade:	500 animais
Peso inicial:	15kg - peso vivo
Peso final:	30kg - peso vivo
Período:	60 dias
CUSTO:	
Mão-de-obra:	60 dias x US\$ 5,4 = US\$ 324,00
Ração:	500 x 1kg x 60 dias = 30.000kg x US\$ 0,08 = US\$ 2.400,00
Vermifugo:	500 x 2 x 0,10 = US\$ 100,00
Polisintovac:	500 x 0,13 = US\$ 65,00
Compra dos animais:	500 x 10,00 = US\$ 5.000,00
	Total = US\$ 7.889,00
RECEITA:	
500 cord. x 13kg - carc. x 2,24 =	US\$ 14.560,00
Saldo final	US\$ 6.671,00

Fonte: Francisco Fernandes

Negócio rentável — Francisco Manoel Fernandes, zootecnista e diretor técnico da Aspaco, cria ovelhas há nove anos. Há três anos, associou-se ao sogro em um projeto de consórcio com bovinos em uma área de 360 hectares, também em São Manoel, na Fazenda Palmeira da Serra, que, por sinal, serve de palco para algumas cenas da novela “Fera Ferida”, da Rede Globo. Hoje seu plantel tem 650 matrizes ovinas, na produção de cordeiros para abate, através do cruzamento industrial. Ovelhas corriedale e ideal são utilizadas como raça base na cruz com o ile de france. Até dezembro, ele pretende comprar mais 350 fêmeas no Rio Grande do Sul, ficando com um total de mil reprodutoras. O projeto deve atingir a estabilidade em 1995, quando estiver com 3 mil ovelhas em reprodução e 300 vacas nelore.

A decisão de consorciar as criações foi tomada com base em cálculos precisos, na ponta do lápis. Além do benefício da integração de duas raças no controle sanitário, constatou que os bovinos dão um lucro por hectare de US\$ 67,00, enquanto a mesma área, ocupada por ovinos e bovinos, proporciona uma renda anual de US\$ 137,00. “Vamos ter produção de cordeiros e bezerras o ano inteiro, com uma rentabilidade muito maior do que apenas a criação de bovinos”, prevê. Para isso, o sistema de confinamento será indispensável. “Já tínhamos o confinamento de ovinos na safra passada, em outra propriedade, a Fazenda Borborema”, conta. “Agora, vamos construir aqui, um barracão coberto, piso de terra, com cerca de 2.100 metros quadrados, e o confinamento deve ser iniciado em janeiro”, anima-se.

Precavido, o zootecnista tem todos os preços calculados e dá um exemplo das vantagens do sistema. “Baseado nos nossos custos de ração, mão-de-obra, despesas, fizemos um comparativo. Se o produtor comprar 500 cordeiros com 15 quilos de peso vivo, após 60 dias de confinamento eles estarão com 30 quilos, o que nos daria um peso de carcaça de 13 quilos e um lucro líquido de US\$ 6.671”, exemplifica. O custo de produção, com a aquisição dos cordeiros, fica em torno de US\$ 15,80 por cabeça, e a receita, passados os 60 dias, é de US\$ 29,12 por animal. “Nesses cálculos, não estão os custos das instalações, porque vai depender do produtor, do tipo de barracão que ele quer fazer”, complementa. ■

Gergelim: uma boa opção para pequenas propriedades

*Se para o consumidor
é um rico alimento,
para o pequeno
produtor é mais uma
alternativa de renda.
A oleaginosa tem ciclo
rápido, baixo custo de
produção e pode ser
cultivada em
consórcio com
culturas como
mandioca, amendoim
ou algodão*



O gergelim, a mais antiga oleaginosa usada e domesticada pelo homem, está sendo muito procurado por pequenos e médios produtores, que utilizam com sucesso seu plantio na entressafra de outras culturas, como soja ou trigo, ou em consorciação com mandioca, amendoim e algodão. Esta oleaginosa é considerada uma excelente cultura complementar nas propriedades agrícolas, devido ao ciclo rápido e baixo

custo de produção.

Trazido para o Brasil pelos escravos em 1548, oriundo da África e Ásia, o gergelim era usado inicialmente apenas como fonte de proteínas e vitaminas. Atualmente, é bastante consumido por classes de maior poder aquisitivo, em produtos finos de panificação e doces exóticos, podendo ser consumido também *in natura*, torrado e salgado, no tempero de saladas, e, ainda, como farelo ou farinha e na



forma de óleo comestível (suas sementes possuem cerca de 50% de teor de óleo).

O Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), órgão da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, é pioneiro no trabalho com pesquisas e experimentação contínuas com esta cultura no Brasil. O pesquisador Octávio Bento de Almeida Camargo, coordenador do Programa Gergelim do IAC, estima que a produção nacional gira em torno de três a quatro mil toneladas anuais. Embora o plantio esteja concentrado principalmente em Goiás e Mato Grosso, cerca de 90% da produção é consumida em São Paulo. Os técnicos avaliam que o rendimento ao produtor, hoje, é de aproximadamente US\$ 550/t,

e o preço do mercado de exportação chega a US\$ 1.200/t. Octávio Bento afirma que, a partir da década de 80, os eixos Rio-São Paulo e Curitiba-Porto Alegre passaram a se destacar como centros potenciais de consumo.

Plantio — O gergelim é uma planta de clima tropical e subtropical, adaptada a temperaturas entre 25°C e 30°C. No Estado de São Paulo, pode ser plantada na época das águas (ou-

tubro a novembro) ou na seca (janeiro a março). Os pesquisadores do IAC explicam que no sul do País, devido às diferenças climáticas, o gergelim deve ser plantado preferencialmente em setembro, logo após as chuvas (ampliando esse prazo, no máximo, até o início de outubro), e o plantio da seca precisa concentrar-se na primeira quinzena de janeiro, para evitar o período frio no final do ciclo.

O espaçamento indicado para a cultura é de 50cm a 60cm em média, e a densidade de semeadura, de 20 a 25 plantas por metro linear. Seguindo essas recomendações, os pesquisadores afirmam que o gasto será de 2,5kg de sementes por hectare, com pequenas variações, dependendo do cultivar escolhido. A semeadura, manual ou mecânica, deve obedecer à profundidade de cerca de 3cm, sendo utilizadas semeadeiras de hortalças. O solo precisa estar cuidadosamente preparado, com aração profunda e a última gradeação pouco antes do plantio.

Os pesquisadores recomendam o gergelim como cultura secundária, e dão um exemplo: "Colhe-se o milho em janeiro e implanta-se, na mesma área, o gergelim, com economia de adubo (residual), aproveitado da cultura anterior".

A adubação utilizada para o milho é suficiente para a cultura do gergelim

Sementes — As únicas sementes comerciais de gergelim disponíveis, hoje, foram desenvolvidas pelo Instituto Agrônomo de Campinas. O pesquisador Ângelo Savy Filho, um dos integrantes da equipe dedicada à cultura no IAC, explica que as variedades recomendadas, IAC-Ouro e IAC-China, são fornecidas em pequenas quantidades aos produtores rurais diretamente pela Seção de Oleaginosas da entidade. Mas ele alerta para a antecedência necessária dos pedidos: "Os agricultores interessados devem ligar entre

os meses de julho e agosto de cada ano, a fim de se cadastrarem e receberem o material na época oportuna".

O IAC-Ouro foi lançado em 1983, através da seleção de material originário dos Estados Unidos. Sua principal característica é a uniformidade de maturação. De ciclo precoce (cerca de 100 dias) e porte que varia de 1,20m a 1,50m, pode ser plantado com sucesso após a soja ou antes do trigo. Essa variedade possui capacidade produtiva de 1.200kg a 1.500kg de sementes por hectare, mas requer solos férteis, profundos e bem drenados (sem encharcamento). O porte e arquitetura da planta, com ramificação baixa e ereta, possibilitam o aumento populacional por área, sem que ocorra o acamamento, facilitando tanto a colheita manual como a mecanizada.

O gergelim IAC-China é uma planta de ciclo médio (125 a 135 dias entre a germinação e a colheita), pouco exigente com relação a solo e com a vantagem de apresentar sementes grandes. Esta última característica, segundo o pesquisador Octávio Bento de Almeida Camargo, um dos criadores da nova variedade, "foi responsável pela grande aceitação no mercado de panificação e doces, com utilização em produtos de redes comerciais como Mc Donald's e Carrefour". A variedade foi divulgada oficialmente em junho de 92, após ter sido aprovada em teste industrial e produzida de forma experimental desde a década de 80 no norte de São Paulo, nordeste do Mato Grosso e sul de Goiás. A produtividade varia entre 800kg e 1.500kg por hectare, e a altura fica por volta de 1,50m e 2,10m (adulta). Pelos dados de pesquisa e em testes de campo, foi verificado que, no espaçamento entre linhas de 50cm até 60cm, não sofreu acamamento.

Tratos culturais — A necessidade de adubação e calagem do gergelim deve ser avaliada pela análise química do solo, mas os pesquisadores do IAC ponderam que "a adubação adequada

para a cultura de milho tem se mantido suficiente para o gergelim, enquanto a calagem é determinada pelo pH, que deve ficar em torno de 6,0". Ângelo Savy Filho salienta que "é interessante, do ponto de vista econômico,

o plantio do gergelim como cultura secundária na seca, para melhor aproveitamento do terreno e dos insumos aplicados na lavoura principal (soja, milho, etc)".

É necessário que o gergelim seja mantido limpo nos primeiros 40 dias, pois as plantas, nos estágios iniciais, são sensíveis à concorrência de ervas daninhas, havendo necessidade de duas a três capinas durante todo o ciclo.

Colheita — Na época do amarelecimento e queda das folhas é feita a colheita, o que varia conforme o cultivar plantado. Octávio Bento explica que, com a variedade IAC-Ouro, isso acontece em torno dos 100 dias, e com o IAC-China, por volta dos 120-125 dias. Após o corte, as plantas devem secar em terreiro (para evitar perdas) durante 15 a 20

VALOR NUTRITIVO DA SEMENTE cada 100 gramas contém:

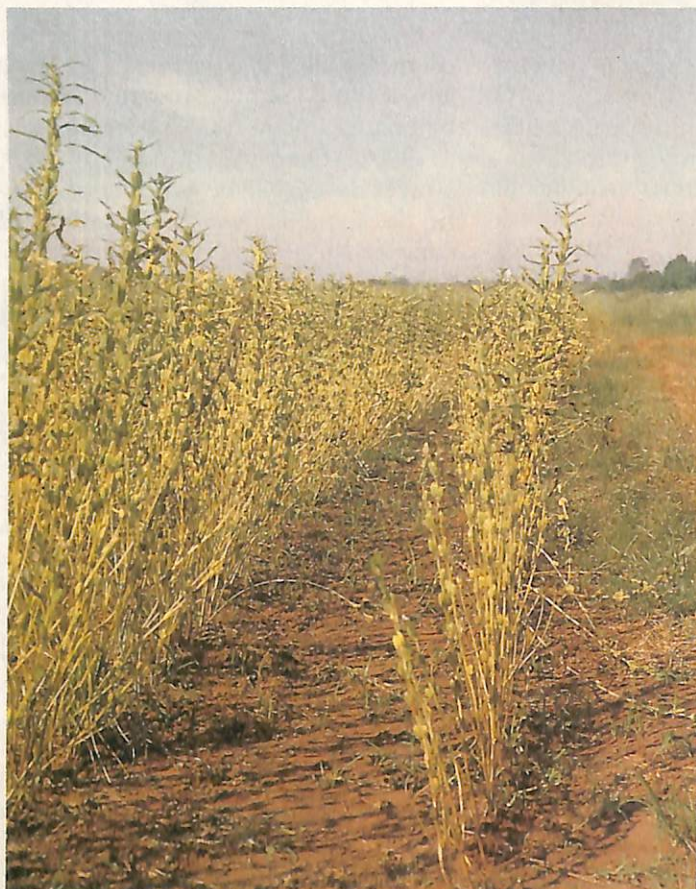
Calorias	594
Glicídios	14%
Protídios	21%
Lipídios	51%
Cálcio	0,5%
Fósforo	0,56%
Ferro	8,40%

Fonte: Ariosto R. Peixoto

dias. Após esse período, basta trilhar (pré-limpeza dos resíduos da cultura) e limpar as sementes. É recomendável que os produtores de sementes certificadas ou fiscalizadas usem a mesa gravitacional, própria para a seleção.

O Programa de Gergelim do IAC é coordenado pelo pesquisador Octávio Bento de Almeida Camargo, e sua equipe é integrada pelos pesquisadores Ângelo Savy Filho, Nicolau V. Banzatto (Seção de Oleaginosas), Sérgio Almeida (Genética) e Antonio A. Lago (Sementes).

Maiores informações podem ser conseguidas junto à Seção de Oleaginosas do IAC, pelo fone (0192) 415188, ramais 319 e 320. ■



Lavoura da variedade IAC-Ouro em fase de colheita: em solos férteis e bem drenados produz até 1.500kg de semente/ha

A FLOSUL SEGURA AS PONTAS PARA VOCÊ.

Especializada na preservação de madeira, a Flosul busca constantemente a melhor qualidade em todos os seus produtos. Os moirões para cercas Flosul pos-

suem um processo de preservação que protege a madeira do ataque de fungos e insetos, o que garante uma vida útil de, no mínimo, dez anos. Por isso,

são os mais duráveis e seguros para a pecuária em geral e outras atividades agrícolas. Moirões Flosul, madeira preservada com garantia de qualidade.

M O I R Õ E S

FLOSUL

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MADEIRAS LTDA

(051) 344-5577 - P. Alegre - RS / (051) 681-1404 - Palmares do Sul - RS

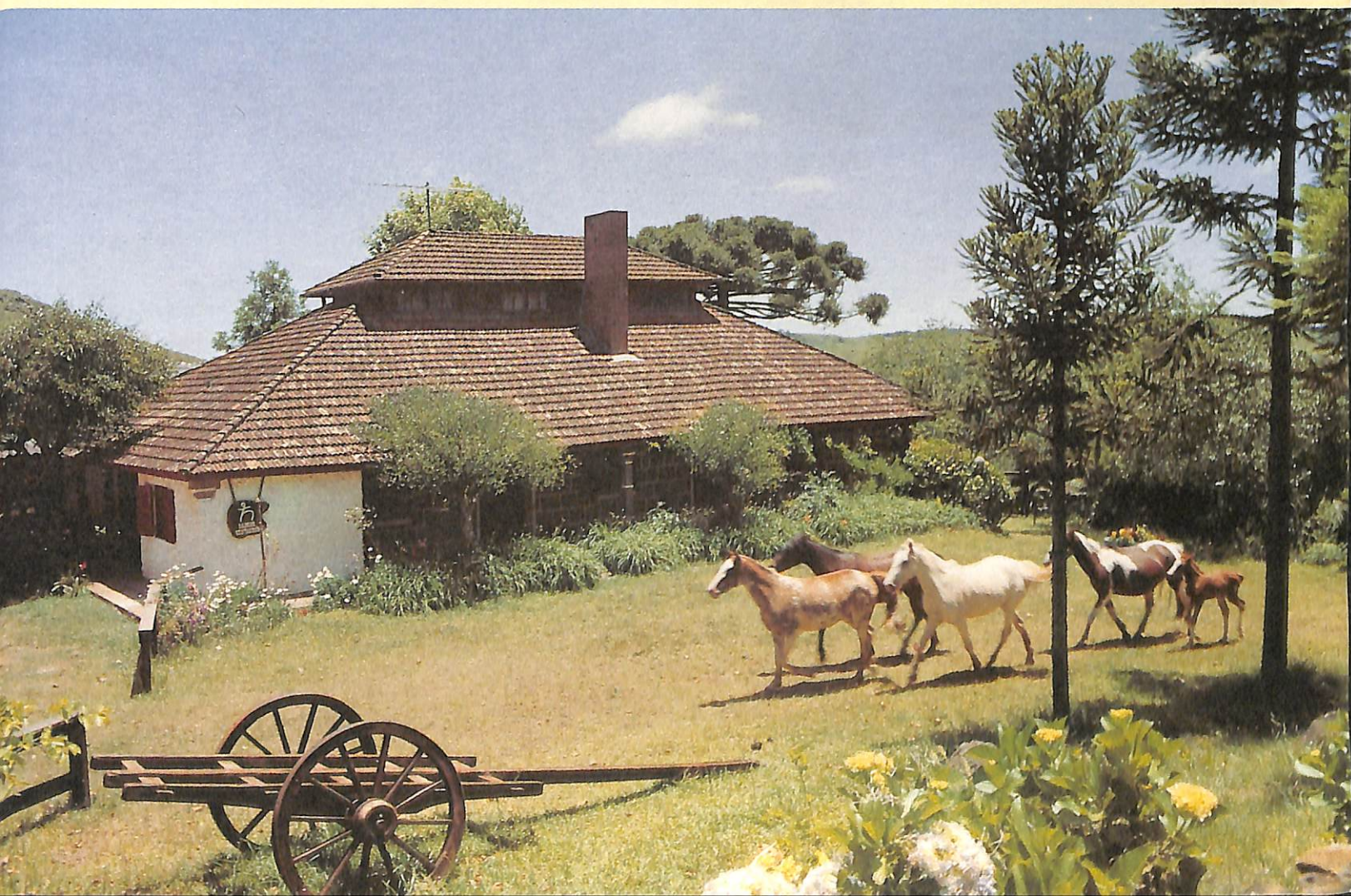


COMPETENCE



Onde a revista
a granja
A REVISTA
DO LÍDER RURAL

tem seu campo de provas!



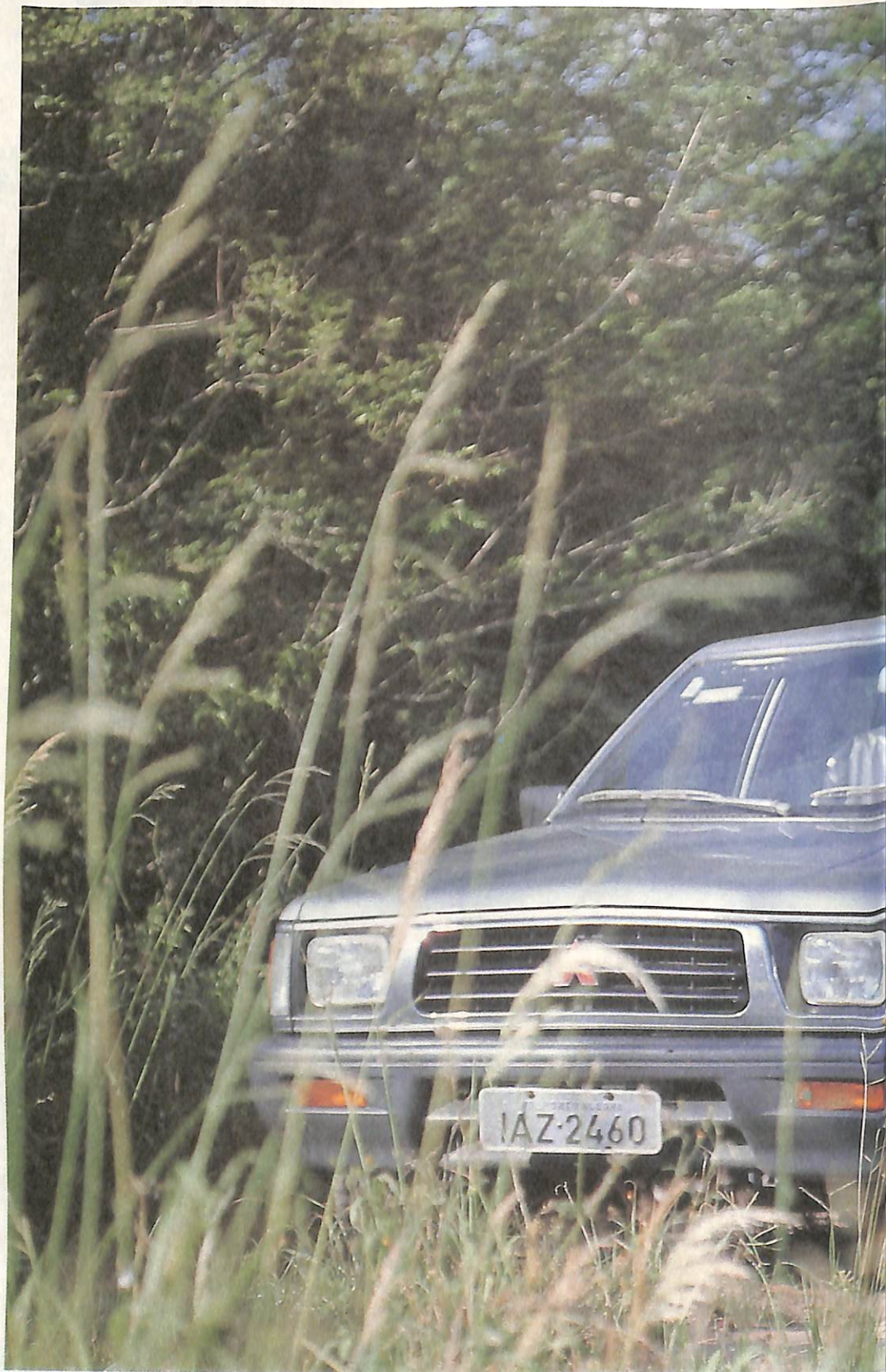
Caminhonetes importadas: verdadeiras

Elas começaram a rodar nas terras tupiniquins em março de 90, a partir da abertura do Governo Federal. Hoje, as maravilhosas estrangeiras estão quase todas aí. Prontas para o serviço e o conforto do produtor rural

Texto: Luiz Fernando Boaz

Os russos largaram na *pole position* nesta corrida de importados, que invadiram as vias brasileiras, aproveitando a abertura oferecida pelo Governo Federal em março de 90. Enquanto a estrada ainda estava meio vazia, o brasileiro ia se acostumando com os Lada que desfilavam por aí, em número bem superior aos demais. As outras marcas foram chegando e, um ano depois, como que para solidificar este novo processo, nascia a Associação Brasileira das Empresas Importadoras de Veículos Automotores (Abeiva), com sede em São Paulo. A entidade foi fundada por representantes das empresas Lada do Brasil S.A., Regino Importação e Comércio de Veículos Ltda. (BMW) e Importadora de Veículos XM Ltda. (Citroën).

Empresários brasileiros e estrangeiros mal vislumbraram o sinal verde oficial e foram articulando a formação de empresas, visando a importação e distribuição de veículos para o mercado nacional. O consumidor brasileiro estava ávido pelas maravilhosas má-



máquinas de trabalho e de prazer



A dificuldade de encontrar peças de reposição e mecânicos especializados já deixou de ser problema



Lada Niva: a russa de tração integral 4x4 contínua e câmbio de 10 marchas (5+5)

quinas de Primeiro Mundo, até então só vistas em filmes ou uma que outra nas ruas, de propriedade de gente classe A+. As pesadas taxações e burocracias alfandegárias dificultavam as transações. É claro que, hoje encontradas em qualquer esquina, não são acessíveis para o trabalhador, em geral, uma vez que a média de preços anda na faixa dos US\$ 20 mil. E o próprio "carro popular", até 1000cc, não sai por menos de US\$ 8 mil.

A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) encara o processo de abertura às importações como necessário e correto, porém gostaria de discutir o ritmo com que vem sendo executado. Existe um projeto de lei sobre incentivo às exportações automotivas, em tramitação na Câmara dos Deputados e objeto de negociação da Câmara Setorial. A Anfavea deseja abordar a entrada dos veículos com o sistema cota, ou seja, fazendo algum parâmetro com relação ao mercado interno. A associação acha oportuno que houvesse uma defesa da produção local mediante a fixação de cotas sobre o mercado interno, a exemplo do que é feito em outros países.

Nomes de peso — Durante a fase de aquecimento mercadológico, quando as avenidas brasileiras poderiam ser confundidas com as de outros países, tamanha a profusão de automó-

veis e pick-ups estrangeiros, aconteceram pesquisas voltadas ao estudo e planejamento estratégico para a estruturação das redes de concessionárias e assistência técnica. A principal finalidade era diminuir ou mesmo acabar com o receio do comprador de ficar "sem pai nem mãe" após adquirir o importado.

Em outras palavras, o receio de não encontrar peças de reposição em uma estrada, bem como profissionais qualificados que conhecessem a mecânica, foi desaparecendo, havendo o respaldo para uma compra segura e sem riscos. E essa tranquilidade hoje já é

dada por 380 lojas, devendo chegar a 450 pontos de atendimento ainda neste ano. Para se ter uma dimensão do novo filão de negócios, de janeiro de 1991 a julho de 1992 o setor contabilizou a importação de aproximadamente 37.000 veículos, sobrando apenas 1.000, nesse período, para uma cadeia de 200 revendas. Em 93, foram 20.333 unidades.

Aproximadamente, estão rodando em solo brasileiro cerca de 50.000 importados, distribuídos por 26 marcas, que compõem a Abeiva, representadas no País com exclusividade, e estabelecendo a co-responsabilidade dos fabricantes internacionais para com a clientela nacional. Assinam a entidade nomes de peso, como a BMW, Suzuki, Toyota, Lada do Brasil, Asia Motors, Bentley, Ferrari, Mazda, Polaris, Renault, Rolls-Royce, Subaru, Jaguar, Kia Motors, Maserati, Harley Davidson, Bimota, Chrysler, Citroën, FSO, Guzzi Benelli, Hyundai, Land Rover, Mitsubishi, Nissan e Peugeot.

Medo da sombra — Inicialmente, a chegada dos importados não provocou grandes apreensões junto às montadoras nacionais. Pelo contrário, foi até motivo de descrédito. No entanto, elas não esperavam tamanha acolhida por parte do público. A nova realidade obrigou as "donas do campinho" a rever suas estratégias, encarando esta força sob outro prisma, uma vez ►



Ford Explorer: norte-americana com injeção eletrônica controlada pelo sistema EEC-IV, o mesmo dos carros de Fórmula 1

Uma família com tino comercial.

MCCANN



**Linha de comerciais Chevrolet.
A mais vendida do mercado.**

As Pick-ups Chevrolet venderam até agora mais que o dobro da segunda colocada. Isso, de acordo com os números dos últimos anos. O que vale dizer que elas foram as preferidas do público. E não é difícil entender essa preferência. As Pick-ups Chevrolet foram

feitas para pessoas que entendem. Que gostam de ter à mão a melhor tecnologia aplicada: capacidade para uma tonelada de carga; motores Chevrolet 4.1L a álcool, gasolina, e Maxion "S4" diesel e "S4T" diesel turbo. Positraction, embreagem com acionamento

hidráulico, sistema de direção hidráulica progressiva. Por isso a família de Pick-ups Chevrolet tem tanto tino comercial. E um dos melhores valores de revenda do mercado. É dinheiro no bolso. Linha de Pick-ups Chevrolet. A mais vendida.



Estes veículos estão em conformidade com o PROCONVE. Preserve a vida. Use o cinto de segurança.



que as unidades negociadas representaram 3,7% da demanda nacional de veículos em 91.

E, se, por um lado, o quadro deu um susto neste pessoal, que estava mal acostumado com a reserva de mercado, com a abertura houve a obrigação de incorporar melhorias nos equipamentos. Acabou aquela fase em que apenas o veículo exportado, por força de legislação internacional (caso dos catalisadores) ou mesmo de exigências de mercado, era dotado de melhorias, até então não-incorporadas no adquirido por aqui.

Assim, além do consumidor sair ganhando, houve necessidade de mão-de-obra, em empregos diretos ou indiretos, bem como maior arrecadação em impostos. Neste campo, apenas no segundo semestre de 90 e ao longo de 91, a União recolheu nada menos do que US\$ 250 milhões, provenientes de imposto de importação, IPI, ICMS e outras formas de taxaço. E foram mais de 10.000 empregos diretos, com investimentos da ordem de US\$ 350 milhões voltados à estruturação das concessionárias.

Até o ano 2002, o setor de importados, conforme pesquisa feita junto aos associados da Abeiva e demais empresa não-filiadas, deverá contar com uma rede de 1.000 concessionárias, com investimentos da ordem de US\$ 700 milhões. E quem pensa que a indústria dos importados significa trazer os veículos "in natura", e nada mais, está enganado. Somente no primeiro ano, a principal empresa importadora desenvolveu cerca de 500 itens de autopeças, em conjunto com a indústria nacional, que passa a conviver de forma amistosa com os colegas. Tal parceria poderá representar, em dez anos, negociações de US\$ 2,5 bilhões. E, para solidificar a chegada definitiva dos estrangeiros, a Mitsubishi japonesa, a Land Rover inglesa e a Kia coreana estão com projetos em andamento no distrito industrial de Manaus/AM, para a montagem de veículos em CKD.

"Você coloca o engate na traseira e tem condições de arrastar de dois a três mil quilos"

O 4x4 baratinho — A facilidade de preço aliada à forma de pagamento (quatro parcelas, em dólar comercial) levou o produtor de leite B José Marcelo França a trocar uma D20 por um jipe Lada Niva. Com um plantel de girolanda, ele consegue atingir uma



Defender, da Land Rover: Livoti vai enfrentar os Andes com o veículo fabricado na Inglaterra



Besta, da Kia: design e tecnologia "made in Korea", une conforto e utilidade

produção diária de 1.300 litros na Fazenda Boa Esperança, localizada em Sapucaia/RJ, a 180km da capital. Cotado na faixa de US\$ 10,5 mil, é considerado o 4x4 mais barato do País, já que o concorrente próximo é a Toyota, com custo três vezes maior.

Tendo um consumo entre 10km e 12km/l, França garante que se trata de um carro de resistência e durabilidade inigualáveis. "Você coloca o engate na traseira e tem condições de arrastar entre dois e três mil quilos, puxando qualquer coisa, até substituindo o trator em determinadas tarefas. Pode levar as crianças ao colégio, sendo um veículo fácil de mexer e

com mecânica simples. Não tem lugar na propriedade que não se possa entrar com ele. Os únicos problemas seriam de desgaste normal, tais como pastilhas de freio, limpeza de carburador, substituição de velas, etc."

Em caso de reparos maiores, as concessionárias dispõem de um kit de peças completo e de mecânicos treinados diretamente na Lada, em São Paulo, e a garantia total de fábrica é de um ano. O Niva vem equipado com assentos dianteiros reclináveis, cintos de segurança retráteis de três pontos em todos os bancos, ventilação forçada e ar quente, pára-brisa em vidro laminado, painel completo com conta-giros, motor 1.6, duplo circuito de freios, limpador e lavador de faróis dianteiros.

Patagônia — Aos 30 anos de idade, o comerciante João Carlos Livoti, de Londrina, desembolsou US\$ 38 mil para comprar o jipe Defender, da Land Rover. A intenção é viajar, em janeiro, para a Patagônia, numa aventura de 17 mil quilômetros, com 40 dias de duração. "Eu fazia enduro com uma pick-up Toyota, mas ela tinha muita frescura para enfrentar a poeira de terra vermelha de minha região, com muito carpete e de difícil conservação. Então, retirei os bancos traseiros do Defender, fiz duas camas e montei uma cozinha. É um jipe extremamente rústico, 4x4 integral, diesel turbinado, e seu interior é forrado com borracha, bastando passar uma água para que fique limpo. É o tipo espartano, mas com o conforto de um carro moderno."

A linha Defender é constituída pelos modelos 90, 110 e 130, com amplas variações, tais como: capota de lona ou rígida, pick-ups, peruas e crew-cabs para o transporte de pessoal. Todos dotados com motor de alto rendimento, o diesel de 2,5 litros, com intercooler, turbo-carregado e com injeção direta. O novo motor 200 TDI foi projetado para garantir maior economia e, ao mesmo tempo, ofere-

cer maior potência, mais torque, com vida longa e confiabilidade.

Vai devagar — Soja, trigo, cevada, milho, entre outros produtos, são produzidos pela família Stock, em Guarapuava/PR, na Fazenda 15 Pinheiros, que tem uma área de 500ha. Há cerca de três semanas, os Stock resolveram entrar na onda dos importados e adquiriram uma pick-up Peugeot. A capacidade de carga (1,3t) e o preço (US\$ 20mil) foram os motivos que os levaram a dar uma das duas Chevy 500 de entrada, para fechar o negócio.

Entre as vantagens da Peugeot anunciadas pelo fabricante, podem ser destacados o motor diesel com antecâmara e velas de pré-aquecimento, proporcionando uma partida imediata, suavidade no funcionamento e ausência de vibrações; tração traseira com suspensão dianteira independente; diferencial autoblocante, para evitar que a roda patine em pisos de baixa aderência; servofreio com discos dianteiros e duplo circuito de frenagem; câmbio de cinco marchas; caçamba com 2,00m x 1,51m, e uma garantia de 12 meses, sem limite de quilometragem.

Cabine dupla e carroceria com capacidade para transportar 1,2t conquistaram criador de PSI

Caminhãozinho — Capacidade para seis pessoas, cabine dupla e uma carroceria com possibilidade de transportar 1,2t convenceram o produtor José Fernando de Moura, 50 anos de idade, a desembolsar US\$ 32 mil por uma Mitsubishi. Com uma propriedade de 300ha, em Rio Pardo/RS, distante 135km de Porto Alegre, engordado para abate. Além disso, cria cavalos PSI, onde um plantel de 20 animais tem participado de corridas nos hipódromos do Cristal (RS), Gávea (RJ) e Cidade Jardim (SP).

A Mitsubishi, para Moura, tem a capacidade de um caminhãozinho,

sendo pequena, porém com enormes vantagens sobre as similares brasileiras. Os preços oscilam de US\$ 30 a US\$ 50 mil, sendo o carro-chefe a versão L200, a preferida do produtor rural.

Força nipônica — Em 1920, nasceu, no Japão, a Mazda Motor Corporation, que hoje emprega mais de 29 mil pessoas somente naquele país, com duas fábricas, em Hiroshima e em Hofu. Considerada uma das maio-



Pick-up da Nissan: ar condicionado e sistema de áudio direto do Japão



Hilux, da Toyota: tração 4x4 e capacidade de carga de 1,24t

res empresas do Oeste japonês e terceira produtora de veículos, está presente nos cinco continentes, totalizando 120 países. A montadora levou um ano e meio para escolher um representante no Brasil (Grupo Mesbla) e exigiu, antes de vir para cá, a implantação de um centro de treinamento permanente para especialização de mecânicos.

Os audaciosos e agressivos tigres asiáticos estão atacando em todas as frentes

O preço final da Mazda B 2200 diesel está na faixa dos US\$ 25 mil, e as condições de pagamento variam em cada revenda.

Já conhecida — Em 1958, a Toyota fincava sua bandeira em solo brasileiro, mais precisamente em São Paulo, com a produção e distribuição dos utilitários e pick-ups da linha Bandeirante. A Toyota Motor Corporation é a primeira empresa da indústria automobilística japonesa e a terceira no mundo. Só para se ter uma idéia de seu potencial, em 92 ela comercializou 4.538.507 veículos. Após dez anos de atividades no País, apresentava o utilitário 100% nacional. Agora, num espaço de 12 meses, já trouxe do Japão 3.352 caminhonetes, sendo 1.370 modelo Hilux, pick-ups 4x2 e 4x4, cabines dupla e simples; e 1.982 Hilux SW4 (Sport Utility).

O público-alvo dessa nova fatia têm sido produtores rurais, no caso das pick-ups, enquanto comerciantes e empresários preferem a SW4. Os preços vão de US\$ 27 a US\$ 42,5 mil, e os usuários são assistidos por 34 concessionários, espalhados pelo Brasil.

Abriu, entrou! — Os tigres asiáticos estão atacando em todas as frentes, bastando para isso que lhes seja dada alguma abertura. E essa audácia e verdadeiro sucesso podem ser creditados ao amplo acesso a fortes mercados, caso do americano; à agressividade do fabricante e do exportador; à baixa incidência de impostos e desburocratização. Esse rosário de fatores trouxe para o Brasil a Asia Motors Corporation, fundada em 1965, e considerada a maior montadora de veículos comerciais da Coreia do Sul, com uma produção de 300 mil unidades/ano.

Com mais de 21 pontos de venda e atendimento, a Asia Motors do Brasil está investindo US\$ 12 milhões nessa empreitada, e já importou 820 unidades, e a segunda remessa é de 500, até o fim deste mês. A finalidade é chegar a 5.000 ao longo de 94, comercializando, no País, apenas seis modelos/versões, com preços-público de US\$ 11,5 mil (Towner/Truck); US\$ 14,5 mil (Towner/Coach); US\$ 12,5 mil (Towner/Van); US\$ 22 mil (Jeep



Mazda B 2200: a japonesa tem motor diesel e embreagem de acionamento hidráulico

Rocsta); US\$ 26 mil (Hi-Topic) e US\$ 39,6 mil (AM-815).

O sistema "Road Service" garante um ano de assistência técnica gratuita

Coreanos embalados — Com um ano de trabalhos no Brasil, a Kia Motors festeja o sucesso das vendas dos utilitários Besta, Ceres e do caminhão K 3500 S, cujas transações iniciaram em janeiro último. Decorridos oito meses, foram vendidas 1.485 unidades, e a meta da diretoria é chegar a 6.500 antes da virada do ano. Com 29 concessionárias, até o final deste mês deve chegar a 50 pontos. A Kia é uma indústria com sede na Coreia e foi fundada em 1944, época em que iniciou suas atividades fabricando bicicletas, passando por veículos de três rodas e depois caminhões. Hoje produz 500 mil veículos/ano e espera atingir um milhão até 96.

A Kia Motors do Brasil, com centro de operações em Jundiaí/SP e fábrica em Manaus/AM, colocou à disposição do produtor rural seus três produtos. O Kia Ceres tem como principais características a boa aceleração e fácil condução, sendo equipado com motor diesel 4cc e potência de 70cv a 4.000rpm, nas versões carga ou basculante; o K 3500 S é indicado para o transporte e distribuição de cargas em curtas e médias distâncias. A cabine compacta, oferece conforto, segurança e durabilidade, com um motor de 4cc e 150cv de potência; e o Kia Besta apresenta um design moderno e funcional, dentro das tendências de projetos automobilísticos, podendo levar passageiros ou carga.

Esta você conhece — Rodando

tranquilo, mesmo com a chegada das vedetes estrangeiras, a Saveiro, da Volkswagen do Brasil, nos cinco primeiros meses deste ano representou 30,1% no segmento de pick-ups, período em que foram comercializadas 5.569 unidades. Enquanto o segmento co-

mo um todo, de 87 a 89, registrou um crescimento de 23,0%, o modelo da Volks quase dobrou este índice, atingindo 43,6%. Desde 1982 é fabricado e, ao longo destes anos, foram vendidos 100.000 veículos.

A linha 94, para não dar margem à concorrência, já tem versões com ar condicionado e direção hidráulica.

Rondon aprovou — O marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, em 1920, utilizou um Ford modelo "T", na sua viagem pioneira para implantar postes telegráficos na rota, então inóspita, entre São Paulo e Cáceres, no Mato Grosso. Aquele veículo era apenas um entre os 24.750 que a Ford vendeu no Brasil em 1924. Em 1950, inaugurava seu complexo industrial no Ipiranga, em São Paulo, de onde seis anos mais tarde saía da linha de montagem o primeiro caminhão nacional, um reluzente F-600 à gasolina, acompanhado da pioneira F-100. Essa caminhonete de imediato ganhou a preferência do consumidor devido a versatilidade, economia e robustez.

Hoje em dia, num mercado supercompetitivo, a Ford joga alto na F-1000, lançada em 1979, investindo US\$ 5 milhões, para desenvolver e

lançar a versão 4x4, dotada de caçamba de maior capacidade (1.095kg), cabine maior e banco traseiro rebatível.

Para ajudar na briga pela fatia das importadas, a Ford foi buscar nos EUA o modelo Explorer, definido como um jipe de múltiplo uso, que lidera o segmento de sua categoria entre os norte-americanos. Equipado com motor Ford V6, à gasolina, de 160cv, utiliza o EEC-IV (*Eletronic Engine Control*), um sofisticado sistema de comando por computador, semelhante ao dos carros da equipe Ford-Benetton de Fórmula 1.

E, nos comerciais leves, ainda tem o Pampa, segundo o fabricante o mais vendido no País em todos os tempos, com a marca de 189.000 unidades. O modelo 94 conta com opções de motor a álcool (dotados com carburador de comando eletrônico) ou à gasolina. Como detalhes de estilo, incorpora novas molduras laterais para a versão "S", e grade do radiador na cor do carro para os modelos *top*, entre outras novidades.

Inúmeras opções — A liderança absoluta em pick-ups grandes pertence à General Motors do Brasil, uma montadora que dispõe da maior variedade de modelos e versões de veículos comerciais leves. O último lançamento da GMB foi o Trafic, originalmente fabricado na Argentina na versão furgão. A capacidade é de 1.410kg de carga, dotado com motor à gasolina de 2.0 litros, com 80cv de potência, ou diesel 2.1 litros, de 60cv.

Por outro lado, conforto e economia podem ser encontrados nas Chevrolet D-20, cabines dupla ou simples, chassi longo ou curto e motores a álcool, diesel ou gasolina, aspirado ou turbo, em qualquer caso. A GMB assegura ser a D-20 a líder em seu



D-20, da General Motors do Brasil: líder de mercado no País



AM 250 Towner Truck, da Ásia Motors: a pick-up coreana faz 20km/l de gasolina

segmento, apresentando, com exclusividade, a embreagem de comando hidráulico, direção hidráulica progressiva, coluna de direção regulável e assoalho do compartimento traseiro em madeira. O pioneirismo da cabine dupla de quatro portas, a caçamba longa e o *bed liner* (proteção total à caçamba) também pertencem à GM.

Já a Chevy 500, única com tração traseira, tem um custo 5% menor, comparada à concorrência. Embora o Chevette saia de linha neste mês, essa caminhonete será normalmente fabricada. A linha 94 traz como novidades os ganchos externos de amarração e o estrado de madeira para proteger a caçamba. E, ainda, como opção exclusi-

tuita, sem limite de quilometragem, para panes espontâneas no sistema elétrico ou conjunto mecânico.

Jipinhos japoneses — Antônio Carlos Silva, gerente geral da Tibagi Comércio de Veículos Ltda., representante exclusivo da Suzuki para o Rio Grande do Sul, que desde setembro de 92 atua com importados, apresenta, em especial, três modelos bastante apreciados pelo produtor: o Samurai, um jipe; o Vitara, considerado uma mistura de jipe com automóvel, aliando conforto e sofisticação e a Sidekick, também um jipe, porém com o chassi mais longo, que dá uma impressão de caminhonete. Todos têm tração 4x4, não havendo, segundo in-

formações do fabricante, barro que atole um Suzuki. “Já vendemos mais de 100 unidades, com destaque para o Vitara e Sidekick, num mercado que oscila de forma acentuada. Os valores variam de US\$ 15 a US\$ 32 mil”, destaca Antônio Silva.

Também oriunda do Japão, a Nissan do Brasil é uma das últimas empresas que aportaram por aqui, filian-do-se à Abeiva em agosto. Na bagagem, trouxe cinco modelos, sendo três utilitários e dois automóveis. A pick-up, por exemplo, oferece uma vasta linha de modelos, com cabines simples ou dupla, de duas ou quatro portas, tração padrão 4x2 ou 4x4 para condições fora de estrada. E a versão Pathfinder, diesel ou gasolina, ambas 4x4, combina níveis de luxo e conforto sobre um motor de 3.0 litros. Tudo isso mais a resistência de uma carroceria de estrutura tipo escada, entre outros itens.

No final das contas, opções de escolha é o que não falta para quem tiver condições de embarcar nesta onda. **■**

Amazonia - VOCÊ FRENTE A FRENTE COM O FUTURO



Única fabrica no Brasil que não transforma, mas fabrica toda a carroceria, na opção de duas ou quatro portas, aumentando a resistência e eliminando completamente a corrosão, pois a cabine é confeccionada em fiberglass reforçado, feita para resistir as estradas do Brasil, pois leva um chassi independente da pick-up.

Em ambos os modelos, há ainda inúmeros itens opcionais:

Ar condicionado / frigobar / antena elétrica / som, cd / alarme turbo

DEZ FATORES DESTACAM UMA AMAZONIA DAS DEMAIS MARCAS

CABINE INTEIRA

Cabine sem emendas conjunto em monobloco com sub chassi estrutural, tecnologia de vanguarda.

CALÇOS ESPECIAIS

Eliminam o ruído e a vibração.

DURABILIDADE

Cabine em poliéster reforçado, totalmente anticorrosiva, maior resistência contra impacto.

CONFORTO

Maiores espaços internos, banco traseiro com descanso braço, cinto de segurança retrátil e o melhor acesso pelo seu estribo embutido.

PORTA MALAS

O maior porta malas do mercado, com capacidade para 1.368 lbs.

NÍVEL DE RUÍDO

O menor nível de ruído interno em utilitários do mercado, proporcionado pelo seu isolamento acústico.

DESIGN

Arrojado e moderno, com linhas futuristas sem similar.

COEFICIENTE AERODINÂMICO

Que lhe dá maior penetração e visibilidade.

PAINEL

Seu novo painel de fácil identificação e acesso rápido aos comandos.

QUALIDADE

Para a Amazonia, a qualidade se resume em acabamento impecável, resistência e durabilidade e na possibilidade única de satisfazer as mais exigentes expectativas.



Amazonia
INDÚSTRIAS DE CABINES ESPECIAIS

CONSULTE - NOS PELOS FONES:
(055) 332.3652 / (055) 332.3635
BR 285 - Km 337 - Ijuí/RS

50 ANOS

As Bodas de Ouro

Em 1994, a revista A Granja estará completando 50 anos de vida. Essa data significa meio século ao lado do produtor rural, mas com os olhos no futuro.

Sempre à frente do seu tempo, a revista comemora as Bodas de Ouro em grande estilo, com modernidade e muita informação

No dia 31 de dezembro de 1944, a primeira edição da revista **A Granja** chegava à porteira dos produtores rurais. Eram tempos de recessão. A Segunda Grande Guerra preocupava o mundo. Soldados de todas as nações, inclusive brasileiros, morriam em combate, e, no máximo, conseguia-se alguma notícia, captada através dos ruídos dos velhos rádios. Em solo brasileiro, a certeza era uma só, a importância do setor agrícola para o crescimento de uma país que começava a dar os seus primeiros passos rumo ao progresso. "Enquanto os nossos soldados morrem em busca de liberdade e justiça, aqui a nobre classe rural tem responsabilidades sobre os destinos da pátria", afirmava o editorial de **A Granja** número um. Há 50 anos, nasce a revista, assumindo um compromisso com o líder rural e outro com o futuro. E hoje se caracteriza por ser a mais antiga do País.

A Granja foi a primeira publicação rural especializada do Brasil, os exemplares iniciais dedicando-se exclusivamente à pecuária bovina leiteira, à suinocultura e à avicultura. Produzida e publicada no Rio Grande do Sul, as matérias se restringiam ao produtor gaúcho. Mas isso durou pouco. A agropecuária crescia no Brasil inteiro, e informações sobre Santa Catarina e outros Estados começaram a aparecer com frequência. A circulação ampliava-se de edição para edição, e o que era uma revista restrita a uma região, em abril de 1948 passou a atingir todo o Sul, Nordeste e até mesmo países da América do Sul, Canadá e Estados Unidos. Algumas matérias eram publicadas em espanhol, para melhor entendimento de leitores argentinos e uruguaios. Com o tempo, a dedicação voltou-se também para as chamadas novas fronteiras, como o Centro-Oeste brasileiro.

Bola de cristal — Porém não bastava ser porta-voz do líder rural e produzir informações sobre a rotina do lado de dentro da porteira. O objetivo era muito

maior: levar ao produtor o que havia de novo. **A Granja** assumiu o papel de bola de cristal do meio agropecuário, com informações precisas sobre as últimas novidades. Assim, em junho de 1948, os leitores puderam apreciar todos os detalhes do primeiro transporte de bovinos por via aérea, de Miami para o Rio Grande do Sul, o que significava o aprimoramento dos rebanhos.

Quem acompanha a vida da revista há mais tempo também sabe que ela foi responsável por algumas novas práticas que os anos comprovaram como eficazes. Inseminação artificial, hoje, é conversa de criança, e qualquer um sabe como funciona. Mas, em 1945, ninguém tinha ouvido falar no assunto. **A Granja** teve que buscar dados em Nova Iorque, onde aconteciam experimentos iniciais. E o agribusiness, que atualmente serve até de tema para comerciais de produtos agrícolas, **A Granja** adiantou, em primeira mão, como uma tendência mundial. Naquela época, muitos especialistas nem sabiam

a granja
A REVISTA
DO LÍDER RURAL

**EDIÇÃO
ESPECIAL**

Janeiro/94

da Revista A Granja

como grafar a palavra, e o leitor da revista tinha material para dar aula sobre o assunto.

Poucos produtos sobreviveram às mudanças que ocorreram no mundo neste meio século. O modo de vestir, falar, pensar se modificou ao longo do tempo. Entretanto, nomes, como Érico Veríssimo, ficaram para sempre na memória das pessoas. O famoso escritor dizia, no terceiro número de A Granja, que a pecuária deveria ser estimulada neste país. Já naquele tempo, a revista ouvia as pessoas certas. E resistiu a mudanças de regime, planos econômicos, crises na pecuária, e se mantém firme, como a terra e aquele que trabalha, produz e tira o seu sustento da produção.

Romance e Profissionalismo — Pode-se dizer que a história desta publicação se divide em duas partes. A primeira, de 1944 a 1967, classificada como mais romântica, até mesmo em função de ser a época em que o mérito do seu sucesso estava ligado a um esforço familiar. E a segunda, mais empresarial, reflete as exigências de um novo tempo, onde o profissionalismo determina os rumos dos negócios em qualquer área. De qualquer maneira, a seriedade e a exatidão das informações continuam intactas. Aqui, o produtor tem a certeza de encontrar respostas para as horas de aperto, para dúvidas sobre um problema na propriedade ou sobre aquela tecnologia de primeira geração que pode solucionar uma falha na produção.

Sempre esteve muito clara, na ideologia da revista, a total responsabilidade junto ao homem do campo, que sempre buscou saídas francas e exatas para os seus questionamentos e só encontrou superficialidade em publicações comuns. Passo a passo, A Granja conquistou sua confiança, se firmando pela credibilidade, a ponto de oficializar de vez uma sólida parceria. A Granja sempre acreditou que modernidade e campo são duas palavras que combinam perfeitamente. Para as pessoas, 50 anos é uma vida, e existe muito leitor que soletrou as suas primeiras palavras, ainda criança, nas páginas da revista.

E ela acabou fazendo parte do dia-a-dia das famílias. São matérias curiosas, abordando os mais diferentes assuntos, servindo de fonte para diferentes gerações. Em meio século, o número de assinantes foi crescendo e gerou o aumento da tiragem. As fronteiras agrícolas avançaram, e A Granja se manteve presente,

junto ao produtor de qualquer ponto do País. Hoje, é normal encontrar agricultores com coleções da revista, que servem como biblioteca particular ou leitura de cabeceira, enfim, sendo sempre uma boa companhia.

Novos Rumos — E são 50 anos de muita luta também. Não só os anos prósperos do trigo, da soja, mas a crise dos anos 80, quando os créditos findaram, as dívidas eram grandes e a recessão tomava conta do Brasil. A revista apresentou novos rumos. Caminhos alternativos a serem perseguidos, culturas do futuro e que grandes potências estavam para merecer o título de Primeiro Mundo.

A cartas, telefonemas e dúvidas A Granja sempre respondeu na ponta do lápis, sendo consultadas as maiores autoridades nos assuntos. Técnicos, especialistas e, principalmente, produtores servem como base para as matérias. Isso sem falar nos artigos assinados, que revelam experiência própria e conhecimento de causa.

Governos e políticas agrícolas passam, e a agropecuária brasileira, felizmente, consegue se fortalecer, assim como a revista. Estes 50 anos de existência são comemorados em meio a uma tiragem média mensal de 85 mil exemplares, para cerca de 80 mil assinantes em todo o País. Trinta funcionários trabalham incessantemente na busca de um resultado final cada vez melhor. A Granja continua sendo produzida no Rio Grande do Sul, mais precisamente em Porto Alegre, no bairro Menino Deus, um dos mais tradicionais da cidade. Dali, as edições são distribuídas para os mais diferentes cantos do País.

Ao festejar as suas Bodas de Ouro, a revista A Granja oferece aos seus companheiros de longa data uma edição especial. A partir do próximo mês, os leitores serão presenteados com matérias inéditas, debates sobre o setor agropecuário e um pouco mais da biografia desta publicação. Mas a festa comemora também um feliz casamento entre A Granja e o líder rural, já que poucas relações se perpetuam por tanto tempo. As raízes desta revista foram fincadas em solo fértil, germinaram e cresceram fortes, com apenas um adubo: a informação. Sempre à frente do seu tempo, a revista está madura, sábia e moderna. Esses 50 anos, que se completarão em 94, se resumem em cumplicidade e amor ao campo. É fazer informação com o cheiro da terra. 

ÃO
IAL



ZEBU



Programa Nacional de

A eficiência da pecuária está intimamente comprometida com a relação genética/meio ambiente. Neste artigo, o autor do programa da ABCZ destinado a todas as raças zebuínas faz uma abordagem ampla da questão e apresenta os diferentes níveis do projeto

Zootec. Luiz Antonio Josahkian



Melhoramento Genético da ABCZ

Quando, em dezembro de 1990, um grande grupo composto por segmentos que envolviam criadores, pesquisadores, técnicos da área e o próprio Mara foi convidado pela diretoria da Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ), para discutir de forma ampla

o programa de melhoramento genético desenvolvido pela entidade, ele o fez ao ritmo pulsante que a marcha de globalização econômica do mundo tem imposto. Embora as ondas de mudanças que vêm varrendo a Comunidade Econômica Européia, o Japão e os Estados Unidos cheguem até nós menos turbulentas, elas nos impelem a discutir quaisquer assuntos de ordem social, política ou econômica considerando seus efeitos.

Especialmente no Brasil, não há quem não se pergunte (de uma forma ou de outra) que papel cabe ao País nessa sociedade emergente em pleno limiar do século XXI. Numa velocidade maior do que podemos assimilar ou acompanhar na prática, temos assistido à integralização de mercados, à queda de barreiras físicas, à internacionalização de moedas. Em um mundo assim, em que o poder de competição se desloca cada vez mais para a produtividade ou qualidade, já que políticas aduaneiras de proteção a mercados internos terão, daqui para a frente, um papel cada vez menor, é preciso repensar os sistemas de produção.

Nesse contexto global, o que podemos esperar do Brasil? É preciso considerar que o País apresenta um potencial imenso no setor agropecuário. E, aqui, por razões óbvias, vamos nos limitar a esse segmento. A fase do "milagre brasileiro", que muito beneficiou a industrialização, já aconteceu. Não vamos discutir se bem ou mal. O fato relevante é que, em função do esforço para se industrializar, o País relegou a segundo plano seu potencial natural: a agropecuária. Esse segmento da economia, apesar da importância fundamental na formação do PIB, migrou para caminhos extrativistas. Pouco ou quase nada se fez, a não ser algumas iniciativas isoladas ou governamentais, em prol de "empresariar" a atividade.

"A nova ordem mundial exige o uso das modernas ferramentas disponíveis à pecuária"

Consideremos algumas informações sobre o Brasil, que, para "efeitos matemáticos" podem ser imprecisas, mas servem bem para o objetivo a que nos propomos. Possuímos o maior rebanho bovino comercial do mundo, 152 milhões de cabeças, e, ainda, 35 milhões de suínos, 12 milhões de caprinos, 20 milhões de ovinos e 580 milhões de aves. A produção interna de carnes, em 1992, foi da ordem de 8 milhões de toneladas, a de leite, de 15 bilhões de litros, e 15 milhões de ovos foram coletados. São números fantásticos, principalmente considerando nosso descompasso econômico. O Brasil é o quinto país em extensão territorial e, daqui a algum tempo, um em cada dois latino-americanos será brasileiro.

Todas essas informações, mesmo que constituam uma imensa atividade econômica sustentada em uma base política instável, demonstram que somos capazes de quase tudo, menos de ser pequenos.

Foi, certamente, norteado por essas premissas que o referido grupo trabalhou no desenvolvimento das bases de um programa de ação nacional de melhoramento genético.

Não se questiona o que já foi feito pela pecuária do País, principalmente pelos abnegados selecionadores de raças. Apenas, em função de uma nova ordem mundial, é preciso rever os sistemas de produção empregados, constatando o quanto deixou-se de fazer ou ganhar por não serem usadas as modernas ferramentas disponíveis.



A Granja

Fenótipo = genótipo + meio ambiente, regra básica de qualquer trabalho de melhoramento genético animal

Papel da genética — Os avanços tecnológicos, sobretudo na área de informática, trazem um sem-número de novas informações. Os meios de comunicação nos deslocam, quase instantaneamente, de um continente para outro, fazendo com que sejamos parte da história contemporânea, integrando a “aldeia global”, anunciada anos atrás.

É dessa forma que, em geral, se ouve falar de genética, ora aplicada à pecuária especificamente, mostrada em programas dirigidos ao setor, e, mais amiúde, à medicina humana.

Mas o que é efetivamente a genética e de que forma pode ser utilizada, para acelerar o ritmo de produção e melhorar a qualidade dos produtos brasileiros? Considera-se, atualmente, que um entendimento básico do assunto é necessário a quem quer que esteja, de alguma forma, integrado na produção de carne e/ou leite.

Assim, sem a menor pretensão de esgotar o assunto, seguem-se alguns conceitos que esclarecem, ao menos em parte, a importância da aplicação da genética na pecuária.

A genética — ciência da hereditariedade, da variação, das diferenças, da determinação do sexo e de outros fenômenos correlatos — desenvolveu-se no início deste século. Como ciência, teve início em 1865, com os estudos do frade austríaco Thomas Gregory Mendel, que enunciou as leis básicas da hereditariedade.

Em termos práticos, pode ser entendida como a ciência que procura explicar as diferenças e as semelhanças existentes entre os seres vivos, sendo os gens as unidades básicas de herança controladoras de toda e qualquer característica do

indivíduo. Eles mantêm sua identidade e integridade através das gerações e se localizam nos cromossomos.

Nos bovinos, ocorrem, nas células, 30 pares de cromossomos, metade dos quais (ou seja, 15 pares) serão repassados aos filhos, através de células especiais chamadas de gametas (óvulo na fêmea e espermatozóide no macho), que passam por um processo biológico denominado mitose, no qual ocorre a redução dos cromossomos.

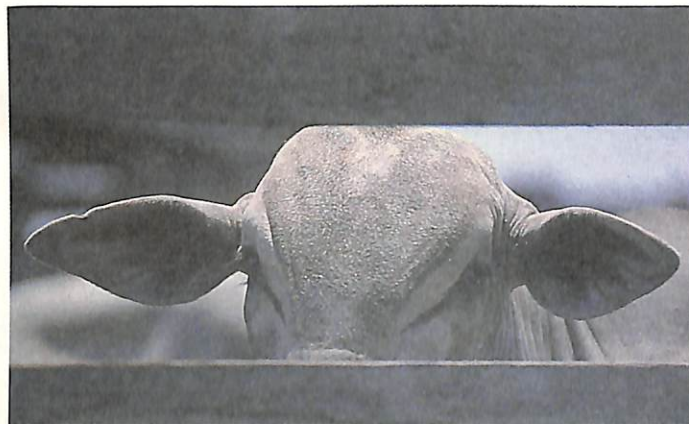
Como o pai e a mãe contribuem cada um com 50% dos cromossomos na determinação de um novo indivíduo, o número natural de pares da espécie se reestabelece.

Ao conjunto de gens de um indivíduo denomina-se genótipo. Sobre o genótipo interage uma grande soma de efeitos externos, que, em última análise, constitui o meio ambiente no qual ele vive.

A interação do genótipo com o meio ambiente (alimentação, manejo, doenças, luz, etc.) determina tudo aquilo que pode ser visto ou medido nos animais (caracteres raciais, cor, pelagem, peso, fertilidade), o que chamamos de fenótipo.

Aqui chega-se a uma regra básica: fenótipo = genótipo + meio ambiente, equação sobre a qual se sustenta toda a aplicação da genética no melhoramento animal.

Para usar essas informações em um

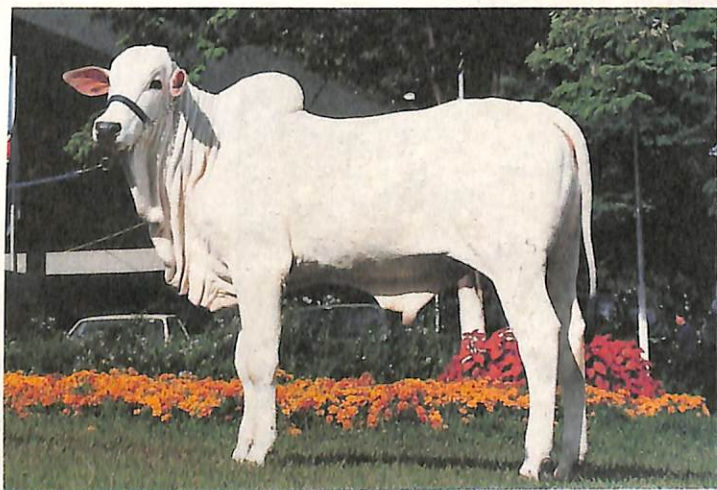


Ciência reveladora: nem sempre o que vemos num animal é um bom indicativo de seu potencial genético

sentido prático, basta imaginar um acasalamento. Macho e fêmea entram em igualdade de condições, como já foi mencionado, na determinação de um novo indivíduo. Quando o óvulo é fertilizado por um espermatozóide e se restabelece o número total de cromossomos da espécie, está fixado o potencial ou mérito genético verdadeiro do indivíduo, que se manterá inalterável por toda a sua vida. Só isso já atesta a importância da escolha correta de touros e vacas para produção da próxima geração, pois é no momento exato da fecundação que se imprime ou não melhoramento genético à população.

Assim, o sentido prático da genética aplicada à pecuária é o de aumentar as chances de que a formação de novos genótipos seja benéfica aos objetivos do sistema de produção proposto. A rigor, isso seria o “melhoramento genético animal”.

Recorrendo à equação básica, temos que o fenótipo é resultante de duas forças que interagem: genótipo e meio am-



biente. O genótipo é "invisível" em termos práticos. Só pode ser estimado através do fenótipo. O meio ambiente, por sua vez, é passível de controle, ainda que não totalmente. Mas variações ambientais grandes entre os indivíduos podem ser evitadas.

A uniformidade no manejo dado aos animais dentre os quais serão selecionados os possíveis reprodutores, ou seja, aqueles que determinarão as chances de progresso genético, às vezes não é atendido. Sendo assim, as diferenças observadas entre os indivíduos podem não ser de origem genética, mas, sim, ambientais. É por isso que se diz que nem sempre o fenótipo (o que vemos) é um bom indicativo do genótipo (o que será repassado às gerações).

Manter a população em condições o mais uniformes possíveis até o momento da seleção é de fundamental importância em qualquer programa de melhoramento. Só assim podemos inferir que "superioridades fenotípicas" indicam "superioridades genotípicas".

Populações muito pequenas submetidas a manejo desuniforme conduzem certamente a uma confusão de escolha. Da mesma forma, ainda que um pouco atenuada, populações muito grandes com variações de manejo também determinam insucessos. Em ambos os casos, há a probabilidade de erros e acertos na escolha dos animais, que vão se alternando no decorrer do tempo e que tendem a se anular mutuamente. O mais correto, enfim, é procurar a melhor uniformidade de manejo para a seleção. Como ponto de partida, é importante o emprego da estação de monta: a concentração dos acasalamentos determina, em uma seqüência lógica e prática, a concentração de nascimentos, desmamas e fases subseqüentes em uma mesma estação do ano.

Se atendida essa premissa básica de

uniformidade de meio ambiente, pode-se concluir que melhoramento genético não necessita, obrigatoriamente, de sistemas complexos de informática ou modelos matemáticos sofisticados e quase incompreensíveis para a maioria. Talvez seja essa a característica que irá permitir a sua popularização no Brasil, pois projetos onerosos, dependentes de terceiros e de difícil digestão, afastam a maioria das pessoas.

Foi levando esse fato em consideração e ainda os vários estágios tecnológicos encontrados no meio pecuário, que a ABCZ lançou o seu programa de melhoramento flexível, modular e intercambiável.

Estágios — O Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos (PMGZ), em função da proposta de ser abrangente e, assim, alcançar um número maior de criadores participantes, foi estruturado de forma modular, ou seja, é possível entrar gradativamente no projeto, segundo as conveniências e possibilidades de cada criador.

A preocupação marcante quanto à facilidade de captação e tratamento dos dados permite ao próprios criadores ou seus prepostos passarem ao sistema as informações ou mesmo tratá-las a nível local (na propriedade) ou regional (escritórios regionais, filiais, etc.), enviando para a ABCZ somente os itens básicos. O processamento descentralizado é fundamental para o sucesso do projeto, não só por reduzir as distâncias entre o criador e seu ponto de atendimento, mas também por estimular o aparecimento de novas idéias e sugestões a ser incorporadas.

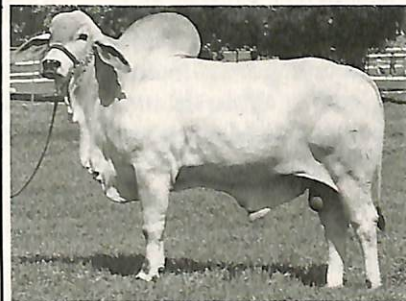
A migração dos dados locais ou regionais para o nível nacional será feita mediante o desenvolvimento de sistemas informatizados que apresentem comunicabilidade e portabilidade entre si. Somente informações corretas, sujeitas

a uma rígida consistência, integrarão o Arquivo Zootécnico Nacional. A ABCZ já está comercializando, desde maio deste ano, o sistema Procan — Produtividade e Controle Animal, para uso em propriedades informatizadas. ►

Touros melhorados: da esquerda para direita, zebuínos das raças guzerá, nelore e gir



TABAPUÃ



CAMPEÃO DE TODAS AS PROVAS DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL, DESDE 1975.

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO

**TABAPUÃ,
A RAÇA FEITA PARA O BRASIL
FAZENDA ÁGUA MILAGROSA**

Cx. Postal 23 - 15880-000 - Tabapuã - SP
Tel: (0175) 62.1117 - PABX e FAX: 62.1499

INFORMÁTICA RURAL

ADM RURAL - O melhor e mais completo Software de Administração Gerencial voltado para o Controle e Elaboração de Custos de Produção das Atividades Rurais: Agricultura, Pecuária e Agroindústria. Controla de forma totalmente integrada as seguintes informações:

- Custos Diretos
- Inventário Completo (depreciação)
- Estoque (Insumos e Colheitas)
- Semoventes (Custos/Movimentações)
- Manutenção e Custo de Máquinas
- Uso e Valor da Terra
- Custos das Administrações
- Completo Controle Financeiro
- Totalmente Indexado (8 moedas)
- Rico em Gráficos e Relatórios
- Muitas outras funções

Planejar

PLANEJAR SOFTWARE

Rua 15 de Janeiro, 481 - cj.303 Canoas - RS
Fone/Fax: (051) 472-1168 CEP 92010-300
CADASTRAMOS REPRESENTANTES

O PMGZ está dividido em três estágios na seleção para corte: básico, intermediário e avançado, definidos segundo as características da propriedade e do sistema de produção. Existe ainda o Módulo de Seleção para Leite, constituído basicamente pelo Controle Leiteiro.

Estágio básico — Este estágio é destinado àquele sistema de produção de carne extensivo e que, geralmente, explora um grande número de animais, sem o apoio de uma escrituração zootécnica básica e sem a existência de balança na propriedade.

Não é, como pode parecer à primeira vista, um simples manual para principiante, mas um pequeno conjunto de técnicas executáveis em termos de pecuária extensiva no Brasil, as quais trazem retorno econômico, facultando ao usuário ir sofisticando suas avaliações, por meio de outros estágios.

A principal característica que é objeto de seleção nesse estágio é a reprodução: a mais importante em qualquer sistema de exploração pecuária. Reprodução eficiente, aqui conceitua-

Estágio Básico				
Fase	Ação	Resultado	Seleção	Mês/Ano
1	Identificação e localização das matrizes e touros disponíveis	Estoque de animais disponíveis para seleção		Até out. / 00
2	Formação de lotes de vacas com touros	Estação de monta		Out. / 00 à abril / 01
3	Retirada dos touros	Fim da estação de monta		Abril / 01
4	Diagnóstico de gestação (toque)	Taxa de fertilidade	Descartar vacas ou novilhas vazias ou que perderam bezerro	Julho / 01
5	Avaliação visual dos bezerros à desmama, classificando-os em: pequeno (P) médio (M) grande (G)	Avaliação da habilidade materna das vacas e performance dos bezerros	Descartar bezerros fracos (P ou M) e suas respectivas mães e vacas fracas e com defeitos de conformação	Abril / 02
6	Volta-se à ação número 1			

da como a capacidade da vaca em produzir uma cria saudável por ano de vida útil, sem dúvida, vai determinar a existência de duas condições fundamentais de melhoramento: o que descartar e o que repor.

Pense no seu rebanho de matrizes e procure mentalizar todas as fases de

reprodução que nele ocorrem: o cio, a fecundação, a gestação, a parição, o aleitamento, nova fecundação, o desmame. Agora, submeta tudo isso às variações ambientais ocorridas durante o ano. É praticamente impossível registrar eficientemente todos esses fatos individualmente em rebanhos de tamanho médio, grande ou mesmo pequeno.

Mais complicado ainda seria tentar fazer comparações objetivas sobre a performance reprodutiva de vacas ou grupos de vacas submetidas a essas condições. É por isso que se aconselha a adoção de um período determinado de acasalamentos, conhecido por estação de monta, quando todas as matrizes terão a mesma chance de emprenhar, e as que não o fizerem serão facilmente detectadas e descartadas.

(Ver as ações do estágio básico no quadro acima.)

Estágio intermediário — O estágio intermediário apresenta os mesmos conceitos do básico. A grande diferença é que pressupõe a existência de uma balança na propriedade. Dessa forma, a ação nº 5 — avaliação visual dos bezerros à desmama — é eficientemente substituída pela pesagem.

Com a obtenção da informação, o descarte de vacas de baixa habilidade materna é mais eficaz e também pode-se conhecer melhor a capacidade dos touros em produzir progênes mais pesadas.

Estágio avançado — Nesse estágio, as características objetos de sele-



**ATENDIMENTO
MÉDICO-ODONTOLÓGICO
AMBULATORIAL E HOSPITALAR
ÀS EMPRESAS E PARTICULARES.**

FONE: 342-4242

ção requerem um maior número de dados a ser informados ao sistema. Eles aumentam gradualmente de módulo para módulo. Entretanto, foi evitado ao máximo que se tornassem excessivamente numerosos, mesmo no sistema global. Estrategicamente, buscou-se retirar o maior número possível de informações do menor cruzamento dos dados básicos.

Dentro do estágio avançado, foram inicialmente previstos cinco módulos: controle da produção, controle do desenvolvimento ponderal, prova de ganho em peso, avaliação do tipo e certificado de produção. (Para melhor entendimento do estágio avançado, ver quadro ao lado.)

“A nossa meta é envolver no programa 2,5 milhões de vacas das diferentes raças zebuínas”

Controle leiteiro — O controle leiteiro consiste em realizar pesagens de leite mensais na propriedade. Nessas ocasiões, opcionalmente, poderá ser realizada a análise de gordura e proteína do leite.

Este controle é precedido por uma esgota total do leite da matriz, realizada na véspera. Com isso, é possível medir a produção por um período de 24 horas.

Por se tratar de pesagens mensais, o intervalo entre os controles deve ser de, no mínimo, 15 dias e de, no máximo, 45 dias.

As pesagens podem ser realizadas por técnicos da ABCZ e da Emater-MG (no caso do Estado de Minas Gerais) ou ainda por técnicos autônomos, desde que credenciados junto a ABCZ. Esse tipo de credenciamento, exclusivo para o controle leiteiro, surgiu da necessidade de atender um maior número de criadores e, ainda, de permitir uma redução considerável dos custos do processo.

Ao final da lactação, são apresentadas a produção total e a produção em 305 dias de lactação da matriz que foi submetida ao controle leiteiro.

A padronização em 305 dias permite comparar a produção de matrizes mantidas sob o mesmo manejo e igual alimentação, o que possibilita a identificação dos melhores animais. Com o Relatório Individual de Lactação

(RIL), também é possível avaliar o manejo e a alimentação fornecidos aos animais, já que a produção de leite é grandemente influenciada pelo meio. Identificando as melhores matrizes, o criador poderá chegar aos reprodutores cujas filhas proporcionaram esses resultados.

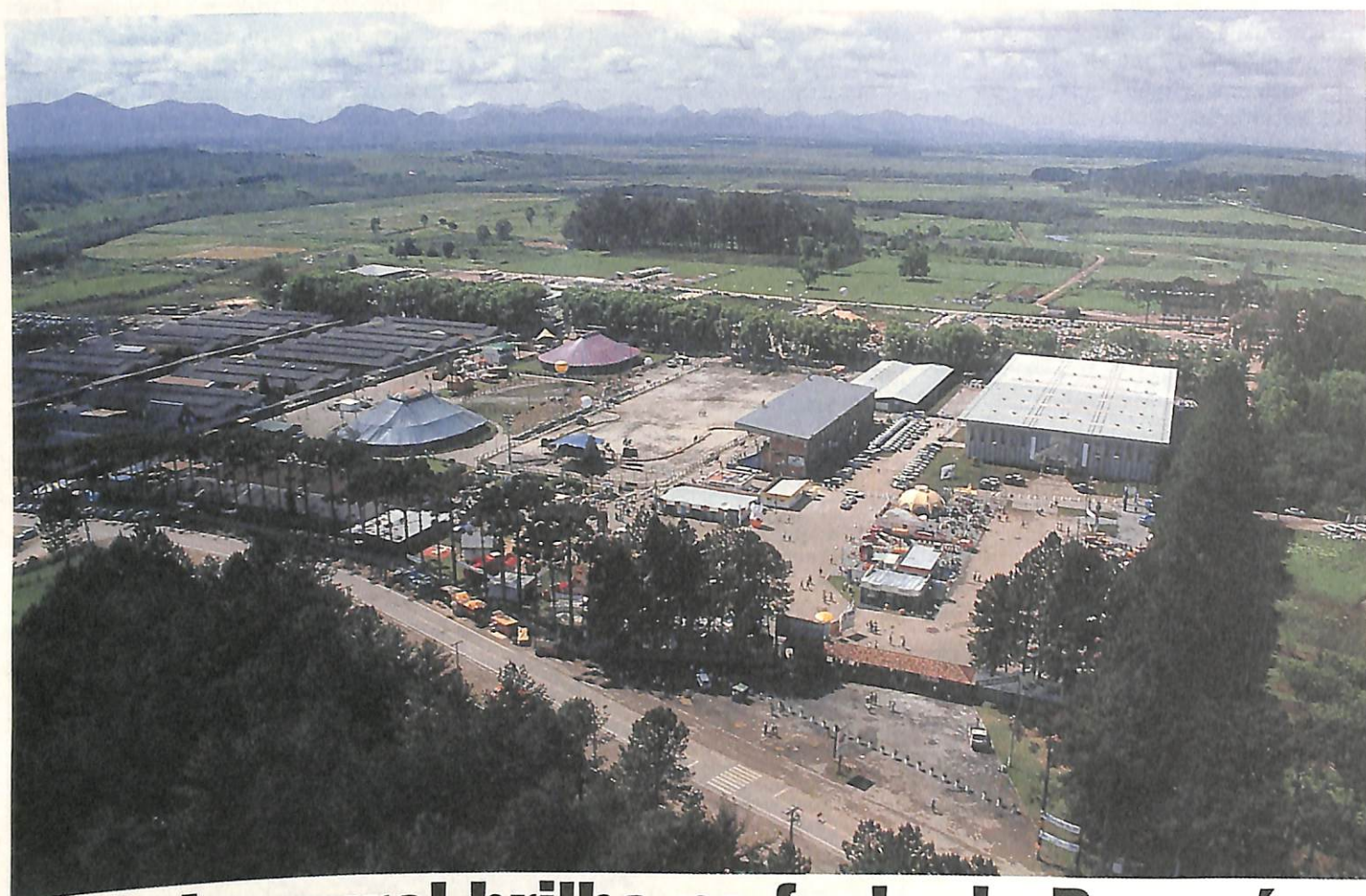
De posse das informações, haverá uma maior valorização do produto (bezerro), que será conhecido e comprovado, tornando-se, assim, diferenciado.

Considerações finais — O progra-

ma está em andamento. Vários criadores já desenvolvem os módulos 1, 2 e 3. A nossa meta — a bem da verdade, uma megameta — é a de envolver no projeto 2,5 milhões de vacas. Desse sistema gigantesco, de âmbito nacional, o resíduo final seriam 200 mil tourinhos jovens testados e incorporados anualmente ao rebanho. É um número impressionante, mas nem tanto assim, se considerarmos que representa menos de 10% da população total de vacas no País. ■

Estágio Avançado

AÇÕES	RESULTADOS
Módulo 1 - Controle da Reprodução	
- Identificar os touros e matrizes individualmente em reprodução, registrando o início e o fim da estação de monta. - Proceder o diagnóstico de gestação. - Registrar todos os nascimentos, com data, sexo e peso ao nascer da cria.	- Idade ao 1º parto de novilhas. - Período de de serviço. - Idades média e individual dos touros e vacas do rebanho. - Intervalo entre partos. - Taxa de fertilidade total. - Identificação das matrizes vazias (que não engravidaram na estação).
— Estes aspectos indicam aos criadores a importância de eliminar categorias improdutivas e numerosas do rebanho.	
Módulo 2 - Controle do Desenvolvimento Ponderal	
Pesagem trimestral de todos os bezerros nascidos, até completarem 18 meses (note-se que se a estação de monta for adotada, duas ou mesmo uma pesagem por ano, são suficientes para o sistema).	- Obtenção dos pesos-padrões da desmama, ano e sobreano. - Pelo uso do peso à desmama, conhecer a habilidade materna das mães e outros índices correlatos. - Conhecer o perfil econômico médio dos touros, pelo grupamento de suas progênes.
Módulo 3 - Prova de Ganho em Peso	
Confinar, durante 168 dias, machos, com idade compreendida entre 200-290 dias no início do teste. O arraçãoamento é de nível médio (12%PB;65-70%NDT). O período de 168 dias compreende 56 dias de adaptação e 112 de prova efetiva.	- Conhecer a capacidade de ganho em peso dos animais neste sistema. - Classificar os animais e consequentemente seus pais, em categorias "Elite", "Superior" e "Regular".
Módulo 4 - Avaliação do Tipo	
- Avaliação visual dos animais segundo um modelo linear de tipo, na fase de sobreano ou desmama e sobreano. - O modelo linear envolve os itens desenvolvimento e harmonia do conjunto, características econômicas e raciais, apurmos e características sexuais. Todos os itens recebem notas de 0 a 5 e não são totalizados.	- Classificação dos animais dentro do modelo proposto. - Por acúmulo de dados, obter o perfil médio do rebanho ou de touros em todos os itens avaliados. - Conhecer os pontos deficientes ou as qualidades do rebanho / raça.
Módulo 5 - Certificado de Produção	
Remessa dos dados dos módulos 1, 2 e/ou 3 para a ABCZ.	Os animais do sexo masculino que ultrapassarem os níveis de descarte estabelecidos receberão um Certificado Nacional de Produção, que o distinguirá entre todos os animais da raça/grupo. Os níveis de descarte inicialmente estabelecidos são: classificação "Elite" no Módulo 2 (CDP) ou no Módulo 3 (PGP), e ainda serem filhos de vacas com idade ao 1º parto inferior a 42 meses e que não tenham sido eliminadas, por uma pressão de 20% de descarte sobre o grupo de matrizes, em índice a ser definido. A ABCZ se reservará o direito de alterar esses critérios, respaldada por argumentos técnicos. Estes machos, portadores de certificados, serão os indicados para a reprodução ou comercialização diferenciada.



Denis Ferreira Netto

Setor rural brilha na festa do Paraná

A II Exposul, realizada no Parque Castelo Branco, em Curitiba, mostrou por que o Paraná é o Estado "da gente que faz". O faturamento global diz tudo: em nove dias, o evento movimentou US\$ 13 milhões

O Paraná segue a trilha gaúcha e começa a se projetar como pólo produtor e exportador de animais de qualidade genética elevada, atraindo criadores de Estados tradicionais na atividade pecuária. Condições na atividade pecuária que presforme os empresários rurais que presformaram a II Exposul Internacional, realizada de 16 a 24 de outubro no Parque Castelo Branco, em Curitiba, as evidências dessas novas perspectivas estão nos próprios recordes de vendas de animais e de faturamento global da feira pecuária agroindus-

trial, que se fortalece ano a ano, realizada na região mais urbana do Paraná. Com oportunidades de negócios para todos os bolsos, a feira movimentou US\$ 13 milhões em nove dias.

"A Expotiba era uma feira acanhada, e, hoje, a Exposul se firma como uma das grandes exposições do Brasil, em evidência nacional", enfatiza o pecuarista e industrial José Carlos Tibúrcio. Ele lembra que foram 22 anos com o antigo nome, e afirma que

o governo tem feito um bom trabalho, agora explorando o potencial de negócios do Estado no cenário do Mercosul. Para Tibúrcio, falta pouco tempo para que a Exposul se equipare ao que define como *top* nesse tipo de evento, citando a Expointer como referencial.

Numa área de 85 hectares da Região Metropolitana de Curitiba, cercada por fábricas, pequenas propriedades rurais e cidades-dormitórios, o Parque Castelo Branco permite a vista parcial de um dos trechos mais preservados da Serra do Mar.

"Garantimos ao pequeno e ao médio produtor a mesma oportunidade de investir em aumentos de renda"

Faturamento — Na avaliação do secretário da Agricultura e Abastecimento, Osmar Dias, os resultados da II Exposul vão muito além do faturamento, que inclui a movimentação de US\$ 2 milhões no setor de comércio de produtos e tecnologia industrial. No Pavilhão Internacional, ele destaca a participação de sete dos onze países que o procuraram, manifestando interesse em aumentar o comércio com o Paraná. Osmar Dias cita ainda os negócios de US\$ 1 milhão nas vendas de 85% dos animais ofertados nos leilões do evento, onde foram expostos 6 mil exemplares de 75 raças.

Como resultados paralelos à feira e consequências do novo perfil econômico do Paraná — de diversificação agrícola, industrialização e rebanhos de qualidade genética — o secretário tem uma série de fatos a destacar. "Foi durante a Exposul que fabricantes de tratores, como a Valmet, e de implementos, como a Baldan, anunciaram a instalação de montadoras no Estado, e, ainda, que a Áustria se propôs a investir no rebanho simental, e a Itália e o Canadá oficializaram o interesse de transferir genética animal e tecnologia industrial, em associação com as cooperativas e com o governo do Estado", justifica.

De outro lado, Osmar Dias reconhece que as linhas estaduais de estímulo à agropecuária foram responsáveis pela maior parcela do faturamento da feira. "Por incrível que pareça, garantimos ao pequeno e ao médio produtor a mesma oportunidade de investir em aumentos de renda". Segundo ele, a abertura de crê-

dito para a compra de tratores pelo sistema de equivalência em milho garantiu as vendas de 500 veículos, movimentando US\$ 9 milhões do Banco do Estado do Paraná. Com a assinatura de contrato para importação de 50 mil matrizes ao programa de ovinocultura, o governo incluiu mais US\$ 1 milhão no bolo final. As matrizes são distribuídas como subsídio para devolução em animais num prazo de três anos, com um ano de carência.

Elite — No comércio de animais de elite das raças que mais recentemente projetam o Paraná como exportador de genética pecuária, cabe a dois criadores do Rio Grande do Sul confirmarem o novo status realçado pela Exposul. "A Exposul se transformou num pólo de quantidade e de qualidade da raça simental", afirma Eduardo Borges de Assis, representante do Grupo Dirceu Borges de Assis e Filhos.

No caso do criador Francisco Tel-lechea, diretor superintendente da Junco S.A., produtora de cavalos crioulos da *griffe* BT do Junco, de Uruguaiana, a preocupação é frisar que o sucesso da raça no Paraná

decorre do esforço gaúcho de torná-la nacional. "O crioulo paranaense tem sido bem vendido e ganhado importantes premiações em feiras disputadas, como a Expointer", diz ele. Resumo dessas declarações, o paranaense Márcio Luiz Vecchi cria as duas raças e é fornecedor de criadores do Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Santa Catarina.

Tecnologia — Além das ofertas estrangeiras de negócios com tecnologia de produção industrial, a II Exposul teve pelo menos mais três destaques nesse setor. Em termos de equipamentos expostos, o sucesso ficou com a colheitadeira de mandioca produzida no Brasil a partir de tecnologia alemã. Na área de assistência técnica, a Empresa Paranaense de Extensão Rural lançou o projeto "Videoteca Rural", uma coletânea inicial de trinta fitas de vídeo sobre as mais variadas temáticas do agribusiness, para exibição aos produtores nos escritórios do interior.

O projeto iniciado com benefício a 150 municípios deve atender a todas as regiões produtivas até o final de 1994. Outro lançamento do Insti-

tuto Agrônomo do Paraná (Iapar) divulgou durante a Exposul o desenvolvimento de um novo cultivar, a partir da batata-doce precoce, rico em carotenóides. Com a cor laranja acentuada, gosto forte e alta concentração de vitamina A, os técnicos acreditam que o cultivar será conhecido como "batata-cenoura", já a partir da distribuição das 20 mil primeiras mudas aos produtores do Estado. 



Atração: gado da raça caracu e minivacas de sangue jersey que possuem 80 centímetros de altura

ISRAEL

Um oásis no meio do deserto

Com o emprego de tecnologia agrícola de ponta, o país produz frutas para seu povo e para exportação

Agr. Gilmar Marodin



Uma ilha rodeada por terra em vez de água. Isto é Israel. País localizado no Oriente Médio, com 27.817 quilômetros quadrados (2,78 milhões de hectares), que, desde a sua independência, em 1948, até o presente, multiplicou 16 vezes a produção agrícola, tendo como protagonistas principais os kibutzim, que respondem por 35% dessa produção, apesar de representarem apenas 2,7% de uma população de 5.200.000 habitantes.

Mesmo com mais da metade do país sendo constituída por desertos (Néguev e Judea), são cultivados cerca de 440.000 hectares, dos quais 255.000 são irrigados. Dos 1.600 milhões de metros cúbicos anuais de água disponíveis, 75% são utilizados na agricultura.

Para reduzir os desequilíbrios regionais de disponibilidade de água — o regime de chuvas varia de 50mm, no Sul, a 700mm, no Norte, ocorrendo entre novembro e abril —, a maioria das fontes de água doce foi unida através do Aqueduto Nacional, rede integrada de estações de bombeamento, cisternas, canais e tubulações, que transferem a água desde o Norte, onde se encontra a

maior parte das fontes, até as áreas agrícolas do semi-árido Sul.

Entretanto, há projetos de racionalização do uso da água — por exemplo, reduzindo cultivos de grande consumo e baixa produtividade — e de busca de novas alternativas, como a purificação de águas salgadas, a reciclagem de águas sujas e o armazenamento da proveniente das chuvas.

A escassez da água, a limitação das terras cultivadas, a impossibilidade de negociar com os vizinhos árabes, o custo dos insumos, a distância dos mercados compradores, entre outros itens, são fatores determinantes para a busca de um modelo altamente tecnificado na agricultura.

Em 1992, as exportações do setor agrícola israelense totalizaram US\$ 665 milhões (41% frutas, 31% flores e 10% hortaliças, e o restante com outros cultivos e produtos de origem animal), representando 5,6% do volume de vendas do país ao mercado externo.

Fruticultura — A atividade frutícola é desenvolvida em 61,7 mil hectares, sendo 37,3 mil de frutíferas subtropicais, 20,3 mil de temperadas e 4,4 mil de tropicais.

Mesmo tendo uma das mais elevadas taxas de consu-

Principais espécies cultivadas em Israel/1992.

Nome comum	Área (ha)		Produção anual (t)
	Total	Produtiva	
1. Temperadas			
Ameixa (2 esp.)	1.800	1.600	27.000
Almendro	2.000	1.900	1.500
Caqui	1.100	1.100	12.000
Damasco	1.100	1.100	12.000
Cereja	120	100	800
Figueira	300	250	1.100
Kiwi	200	160	2.000
Maçã	4.500	3.700	105.000
Marmelo	40	40	1.000
Noz	750	720	730
Pêssego/Nectarina	2.500	2.200	42.000
Pêra	1.100	1.000	15.000
Videira - Mesa	2.800	2.700	45.000
- Vinho	2.000	1.900	300.000
Outras	50	20	20
	20.360	18.490	—
2. Subtropicais			
Abacate	8.000	7.500	70.000
Laranja	13.000	12.000	400.000
Limão	1.500	1.400	50.000
Nêspera	400	250	3.000
Litchi	140	70	230
Pomelo	2.000	1.800	60.000
Tangerina	4.000	3.000	100.000
Toranja	8.000	6.000	350.000
Romã	200	200	—
Outras	90	90	—
	37.350	32.310	—
3. Tropicais			
Abacaxi	25	15	300
Banana	2.000	2.000	70.000
Goiaba	300	250	3.000
Manga	1.800	1.200	12.000
Mamão	10	8	200
Outras	280	208	1.760
	4.415	3.666	—

Fonte: G. Marodin

mo de frutas do mundo (140kg/habitante/ano), 15% da produção é destinada ao mercado externo.

Entre as subtropicais, destaca-se a laranja, representada pelos cultivares Shamouti, Washington-Navel (Umbigo) e Valência. Porém, existem sérios problemas de comercialização do produto, com excedentes e dificuldades de vendas por ser uma fruta que não se descasca facilmente. Contudo a toranja e o pomelo têm uma situação privilegiada, já que Is-

Consulado de Israel



Laranjas etiquetadas: como as frutas são difíceis de descascar, existem problemas na comercialização

rael domina as exportações para a Europa e EUA. Situação semelhante ocorre com a tangerina e o abacate. No caso do abacate, por exemplo, 90% da produção é comercializada na Europa, em especial, na França.

Com relação às fruteiras tropicais, destacam-se a banana e a manga, sendo que a manga, atualmente, tem recebido a maior fatia dos recursos para a pesquisa, uma vez que Israel busca competir em um mercado de 300 mil toneladas, no ano 2000. ■

TECNOLOGIA NA INDUSTRIALIZAÇÃO DE POSTES DE MADEIRA

É o que a ICOTEMA emprega no tratamento da madeira do eucalipto para postes e mourões com todas as dimensões e padrões. **CONSULTE-NOS**



INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE TRATAMENTO DE MADEIRAS LTDA.

MATRIZ TEL. (011) 409-2611 **TELEX** 11 798 15
FAX: (011) 783-0269 - Av. Eng.º Gianni Palanga, 191 - Itú - São Paulo
ESCRITÓRIO TEL. (011) 826-5188
São Paulo - SP



telamax
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

FABRICAÇÃO PRÓPRIA

TELHAS GALVANIZADAS - INSTALAÇÕES COMPLETAS
PARA CHÁCARAS - CAMPOS DE FUTEBOL
QUADRAS ESPORTIVAS - GRANJA - MOURÕES
DE CONCRETO - SERRALHERIA

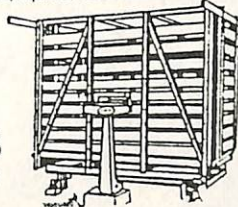
FONE - FAX (0196) 61-3338 / 613380

BALANÇAS

QUALIDADE QUE PESA EXATO DESDE 1951
BALANÇAS: Bovinas, Suínas, Equinas, Rodoviárias e Industriais.
Troncos (Breites)



(0188) 212555
DRACENA/SP



NEWMAQ
FAÇA FENO!

Um ótimo negócio.

Conjuntos de Fenação nacionais e importados, novos e usados, peças, assistência técnica e fios de sisal para enfardadeiras.

SODE - NOGUEIRA - MAINERO
NEW HOLLAND - MENEGAZ - SEMEATO

FALE COM QUEM ENTENDE

Newmaq Comércio e Representações Ltda.
Fones: (011) 34 7704 - Fone/Fax: (011) 35 2913



ESTRUTURAS METÁLICAS

PROJETO - FABRICAÇÃO
MONTAGEM GALPÕES:
INDUSTRIAIS, COMERCIAIS,
AGRICOLAS, ETC.

FONE/FAX: (0196) 61-3757

OPORTUNIDADE

MARCHIGIANA

A raça gigante ideal para cruzamentos

Tourinhos de 6 a 14 meses de idade, de mães e pais altamente selecionados, estão à venda.



Informações:
Fone: (051) 233-2544
Porto Alegre/RS

A SOLUÇÃO IDEAL PARA PICK-UPS



Na troca de câmbios de 4 para 5 marchas para Pick-Ups FORD e G.M. de qualquer ano. Mais Conforto, Economia e Velocidade.

TRANSMISSÕES COMPLETAS À BASE DE TROCA, COM GARANTIA, PARA AUTOS, PICK-UPS E CAMINHÕES.

FACILITAMOS OS PAGAMENTOS

CAMBIOTÉCNICA

Rua Margarida, 153
SÃO PAULO - SP

TEL.: (011) 826-2444

FAX: (011) 67-3082

A qualidade faz a diferença

A indústria brasileira está passando a dar maior importância à qualidade do leite, e o produtor começa a ser pago não apenas pelo volume entregue à usina. Ainda em fase inicial no País, o sistema de pagamento do leite pelo teor de proteína já é comum nos países do Primeiro Mundo e vai exigir novos cuidados com manejo e escolha de touros para inseminação

Texto: Maria Lúcia Badejo



Luiz Fernando Lemmert

O volume produzido está deixando de ser a maior preocupação do leiteiro. Seguindo o exemplo dos países desenvolvidos, a indústria brasileira já começou a incentivar a busca de um leite com maior qualidade, pagando mais pelo produto com teor de proteína superior à média. O sistema ainda está longe



de ser geral. Apenas alguns produtores, como os 721 associados que entregam 365 mil litros de leite por dia à Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda., empresa que industrializa os produtos da marca Batavo, estão sendo beneficiados pela nova forma de pagamento. “Quanto maior a quantidade de proteína, maior o rendi-

mento industrial”, justifica o gerente geral da Unidade de Laticínios da Batavo, Jan Snoeijer.

Para receber o diferencial, o produtor da Batavo precisa entregar o leite com teor de proteína acima da média de 3,10%. Um litro com proteína no nível médio vale US\$ 21 centavos, e

cada 0,1% a mais dá direito a um adicional de 5% deste valor. Ou seja: quem conseguir chegar na média europeia, de 3,4% de proteína, vai receber US\$ 30 centavos por litro. Em compensação, quando o índice estiver abaixo da média, o desconto também será proporcional. Um ano e meio após o início da nova forma de paga-

Para os leiteiros, o pagamento de acordo com a qualidade é um incentivo fundamental

mento, o número de produtores que está entregando leite com proteína acima da média chega a 453, enquanto 247 permanecem abaixo e 21 produzem leite com 3,10% de proteína.

Na base desse sistema, está o controle leiteiro desenvolvido no Paraná. Graças a um convênio assinado pela Universidade Federal do Paraná, a Associação Paranaense de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa e a canadense McGill University, em 1990 as vacas paranaenses passaram a ter avaliados o teor de proteína e o número de células somáticas presentes no leite. O convênio permitiu a criação do Laboratório Centralizado de Análise de Leite do Paraná, para onde convergem as amostras coletadas mensalmente de cerca de 14 mil fêmeas de diversas raças, inclusive de cabras e búfalas.

A maior novidade introduzida pelo convênio foram os dois analisadores eletrônicos de leite, um para gordura e proteína e o outro para células somáticas, utilizado no diagnóstico da mastite subclínica. Os aparelhos, de fabricação norte-americana, foram doados pela McGill, com financiamento da Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional (CIDA). De 1989 a 1992, para a primeira fase do projeto, o Canadá aplicou no programa US\$ 500 mil, dos quais US\$ 140 mil correspondem ao custo dos analisadores. "Antes tudo era feito de forma empírica, manual, e a análise era somente da gordura, por métodos químicos tradicionais", explica o veterinário Newton Ribas, coordenador do convênio. Agora, o analisador eletrônico infravermelho Bentley tem condições de avaliar 360 amostras por hora quanto a gordura, proteína, lactose e sólidos não gordurosos, mas por enquanto apenas os dois primeiros itens estão sendo levados em conta. O contador eletrônico de células somáticas Fossomatic consegue processar 180 amostras por hora.

A valorização do leite segundo a qualidade e não pelo volume, como já é comum em muitos países, é aplaudida pelos produtores. "É a única saída", defende o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Leite



Jorge Rubez: "As miniusinas são ótimas, como alternativa, mas o produtor fica vulnerável"



Analizador de proteína: o Bentley, equipamento de fabricação norte-americana, avalia 360 amostras por hora

B, Jorge Rubez. Líder de um seletor grupo de 7 mil produtores que ordenham anualmente 1 bilhão de litros de leite, Rubez interpreta o pagamento de acordo com a qualidade como a melhor maneira de incentivar o produtor profissional. "Isso colocaria as coisas nos seus lugares."

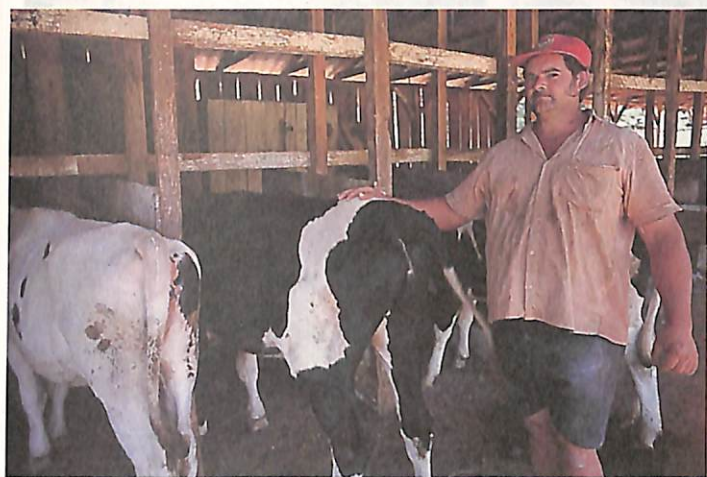
O produtor precisa ser melhor orientado quanto a higiene, genética e alimentação

Unanimidade — Grandes ou pequenos, os leiteiros concordam que o prêmio à qualidade é um incentivo fundamental. "Não é justo eu criar bem as minhas vacas, e o meu vizinho não, e depois ganharmos a mesma coisa", entende Wilmuth Walbrinck, dono de

13 matrizes holandesas no município gaúcho de Teutônia. Jorge Rubez mostra preocupação com a falta de poder de barganha dos produtores diante da indústria, que tem estimulado o abandono da atividade e a proliferação de miniusinas. "As miniusinas são ótimas, como alternativa, mas o produtor fica muito vulnerável e, como aí também existe concorrência, acaba sendo massacrado". Jan Snoeijer, da Batavo, conta que os associados da cooperativa estão satisfeitos com o pagamento de acordo com a proteína e há seis meses rejeitaram a proposta de volta ao sistema tradicional.

Junto com o incentivo ao aumento de qualidade, as

próprias cooperativas procuram difundir normas de higiene e manejo nos tambos. "Quando o leite tem melhores condições na propriedade, chega melhor à usina, pois o nível de contaminação é menor", explica o engenheiro químico Francisco Abrahão, da Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL). Se o produto não é mantido à baixa temperatura, os microorganismos transformam a lactose (açúcar) em ácido láctico, o que o faz coalhar. "Alguns produtores deixam o resfriador desligado durante a noite para economizar energia, e o leite B acaba virando C", observa. Na Batavo, o departamento de Agrostologia desempenha a função de orientar os associados no campo, para conseguirem com a alimentação e a genética produzir um leite mais rico em proteína.



Luiz Fernando Lemmert

Wilmuth: "Não é justo eu criar bem minhas vacas, e meu vizinho não, e depois ganharmos a mesma coisa"

A CCGL, que recebe 60% da produção do Rio Grande do Sul, já estuda a possibilidade de adotar um novo sistema de pagamento, valorizando a qualidade. Em maio deste ano, o diretor-técnico da cooperativa, Ernesto Krug, esteve no Canadá visitando a McGill University e anuncia, para o ano que vem, a assinatura de um convênio semelhante ao fechado com o Paraná,

permitindo a aquisição de equipamento para a avaliação do teor de proteína do leite. No Rio Grande do Sul, segundo Krug, além da CCGL deverão ser envolvidas a Universidade de Passo Fundo, na parte laboratorial, e a Associação de Criadores de Gado Holandês do Estado (ACGHRs), responsável pelo controle leiteiro.

No Brasil, apenas 50 mil vacas estão integradas ao controle leiteiro

Falta de controle — A aquisição de equipamentos modernos, entretanto, não é a maior preocupação do superintendente técnico da ACGHRs,

José Luiz Rigon. "Nosso grande problema é a falta de controladores para a coleta de dados no campo", alega. No Rio Grande do Sul, o controle leiteiro vai fechar 1993 com 7 mil vacas, um percentual muito baixo do rebanho total. No Brasil inteiro, o número de animais integrados ao controle leiteiro é desalentadoramente pequeno. Enquanto nos Estados Unidos, por exemplo, o número chega a 5 milhões de vacas, no Brasil ainda não são controladas nem 50 mil. "Sem controle leiteiro, é impossível fazer teste de progênie", salienta Rigon. Este teste é fundamental para selecionar touros pela produção de proteína, dado já encontrado nos catálogos de touros de origem americana e canadense.

Para a indústria, remunerar o produtor pela qualidade é uma questão discutível. "Hoje haveria problemas de mercado, pois não existe o hábito do consumo de manteiga nem poder aquisitivo, e seria difícil de repassar o custo", analisa o coordenador da Divisão Técnica da CCGL, Osmar Redin. Além disso, ele aponta a mentalidade vigente de pagamento pelo volume, formada em

Anuncie no Suplemento Rural do Jornal do Comércio.

A grande maioria dos leitores do Jornal do Comércio, além de pertencer às classes A/B, sabe que os investimentos e o lazer não estão somente na capital. Eles possuem propriedades no campo que vão desde pequenos sítios até grandes fazendas. É por isso que o seu produto não pode deixar de aparecer no Suplemento Rural. Toda quinta, no Jornal do Comércio.

*Ou você acha que
empresário não gosta
da vida no campo?*

Departamento Comercial fone: (051) 221.8688 FAX: 221.3013



Quem lê, não troca.

mais de 40 anos de tabelamento do leite, que exigiria uma reestruturação do setor. "A classificação do leite em tipos A, B e C também dificulta, pois o produtor que tem maior qualidade não quer receber um pouco a mais, e sim subir de categoria", observa Redin. Na Batavo, segundo Jan Snoeijer, o pagamento extra pela proteína nunca será repassado ao consumidor. "Os produtores que têm desconto pagam os que têm prêmio", explica.

Recém chegado da Europa, onde esteve visitando produtores e indústrias de leite, o veterinário Danilo Cassotti não hesita em afirmar: "Estamos 40 anos atrasados". Chefe substituto do Serviço de Inspeção de Leite e De-



Produção de manteiga: o brasileiro não tem hábito de consumir esse derivado do leite

Luís Fernando Lemmert



Fossomatic: através da contagem eletrônica, indica o número de células somáticas

Equipamento detecta mastite subclínica

Não é apenas o valor nutricional do leite que está em jogo quando se fala em controle de qualidade. Além de proteína, gordura, lactose e minerais, a saúde das vacas e a higiene da ordenha, antes da chegada na usina, são fundamentais para oferecer ao consumidor e à indústria um leite de boa qualidade. No campo da sanidade, a mastite, mesmo nos países onde a pecuária leiteira é mais desenvolvida, é a maior responsável por perdas de produtividade e oferece risco de transmissão ao homem de microorganismos como o *Staphylococcus aureus*. Preocupante na forma clínica, a doença não é menos grave na forma subclínica, mas, como é difícil de ser identificada, muitas vezes o produtor convive com ela sem saber.

No Paraná, todas as amostras de sangue analisadas mensalmente no Laboratório Centralizado de Análise de Leite já estão sendo testadas para

detectar a presença da mastite em sua forma subclínica. "O objetivo é duplo: manter o controle da saúde da glândula mamária e o valor qualitativo do leite", explica o coordenador do laboratório, Newton Ribas. A grande variedade de germes causadores da mastite e o fato de a doença estar estreitamente ligada a problemas de higiene tornam difícil seu combate. Segundo os veterinários chilenos Graham Hardy e Carlos Lizana, em um rebanho de 20 vacas, dez têm a doença, sendo que nove apresentam mastite subclínica. Nos Estados Unidos, de acordo com o National Mastitis Council, 40% das vacas em lactação apresentam mastite subclínica.

A mastite subclínica é menos evidente pelo fato de o leite aparentar normalidade. Mas as aparências enganam: a forma subclínica é de 15 a 40 vezes mais persistente do que a clínica, diminui a produção e afeta a qualidade do leite. "A forma subclínica, acima de tudo, constitui um reservatório de microorganismos prontos para infectar os outros animais do rebanho", explica Ribas. A inflamação no úbere provoca um aumento de células brancas (leucócitos) e de células epiteliais dentro do leite, as

quais formam um conjunto chamado células somáticas.

Com o contador eletrônico Fossomatic, é possível verificar com precisão o número de células existentes na amostra colhida. De acordo com o professor Wilson Mattos, do Departamento de Zootecnia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), em Piracicaba/SP, quando a contagem de células somáticas passa de 50 mil por mililitro, a perda diária de leite passa a ser de 0,7kg e aumenta progressivamente. Se o número ultrapassa as 800 mil células, a vaca chega a ter uma redução de 3,5kg de leite/dia. Além de causar prejuízo com a redução na quantidade ordenhada, a mastite onera o produtor com custos de tratamento veterinário, antibióticos, menor vida produtiva das vacas e risco de transmissão aos outros animais.

A indústria, por sua vez, é prejudicada pelos resíduos de antibiótico no leite, que inibem a ação dos agentes utilizados para a fabricação de iogurtes, queijos e manteigas. Esses resíduos também podem ser tóxicos, causar alergias e desenvolver resistência no organismo humano. A vantagem do contador eletrônico é identificar precocemente a doença. "A mastite subclínica é mais fácil de tratar e mais econômica, pois se consegue resolver apenas modificando o manejo, aplicando compressas quentes e com ordenha freqüente", explica Newton Ribas.

Perdas médias diárias de leite associadas com nº de células somáticas

Número de células (x 1.000)	Perda de leite diária (kg)
10 a 50	0
51 a 100	0,7
101 a 200	1,4
201 a 400	2,0
401 a 800	2,7
801 a 1.600	3,5

Fonte: ESALQ



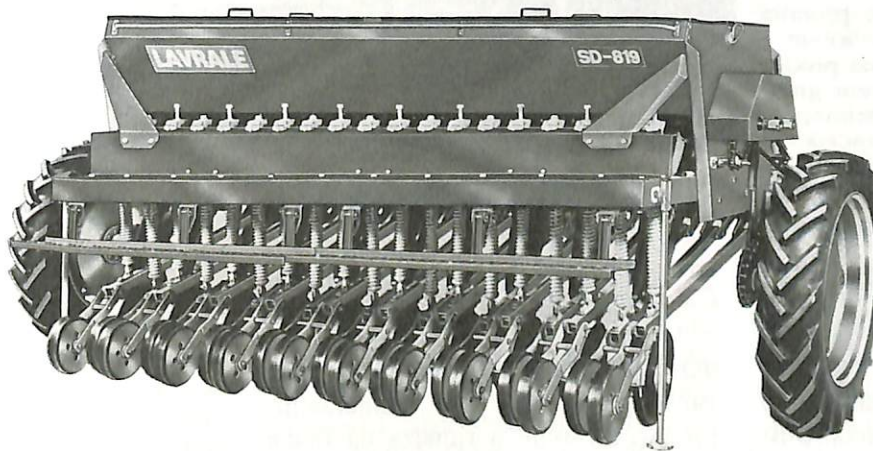
Limpeza das tetas: a higiene protege o animal do ataque de microorganismos que afetam a qualidade do leite ordenhado

rivados do Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, Casotti cita a Espanha como um exemplo a ser observado pelo Brasil. "Eles estavam como nós, mas conseguiram mudar em 10 anos", relata. Preocupado com as baixas condições de higiene do leite, que ainda chega às plataformas das usinas em latões, Casotti considera a única alternativa o estímulo das empresas à produção de leite com qualidade. "Até porque a indústria depende disso". Na França, conta, apesar de a legislação

permitir a contagem de até 100 mil bactérias por mililitro de leite, a indústria trabalha com no máximo 80 mil, para conseguir laticínios de qualidade. "Aqui estamos fadados a comer só queijo fresco e mussarela, por causa da qualidade do leite", conclui.

A preocupação com o teor de proteína do leite parece ao diretor da Companhia Riograndense de Inseminação Artificial (Cria), Carlos Alberto Teixeira, um passo muito avançado em um país onde questões básicas, como produtividade e saúde animal, ainda estão longe de ser resolvidas. "Temos problemas de produção e produtividade, em consequência a indústria trabalha com ociosidade e, por outro lado, o consumidor não tem poder aquisitivo", enumera Teixeira, que também é presidente do Conselho Técnico da ACGHRS. Considera inevitável a adoção do modelo canadense e norte-americano, devido à dependência genética, mas acha que ainda é cedo para segui-lo. "Temos que aplaudir iniciativas de uso de tecnologia, mas precisamos primeiro resolver questões mais importantes." ■

SEMEADEIRAS E PLANTADEIRAS LAVRALE Plantio Direto e Convencional



Versões:
SD - PD - SPD

"UMA ÚNICA MÁQUINA PARA TODAS AS CULTURAS"

- Realiza tanto o plantio direto como o convencional de arroz, trigo, aveia e cevada e de soja, milho, sorgo, feijão, tremoço, etc.
- Uma mesma máquina básica permite realizar todos os plantios de cereais de inverno e verão.



Rua Oberdan Cavinatto, 290
Fone: (054) 222.2211
95055-450 - Caxias do Sul - RS - Brasil

Venda direta

Os fabricantes nacionais de equipamentos têm na Caterpillar Industrial Products uma opção para adquirir os componentes genuínos diretamente das fábricas. Essa subsidiária conta com uma representação instalada na sede da Caterpillar Brasil, em Piracicaba/SP, onde comercializa, exclusivamente, milhares de itens, entre componentes nacionais e importados. O serviço é personalizado e inclui a orientação na escolha das peças e no projeto industrial. Uma rede mundial com mais de 1000 postos dá o necessário suporte, facilitando a reposição. Segundo o gerente da empresa para a América do Sul, Cesar Paganini, a abertura nas importações e a atual tendência de terceirização têm possibilitado a fabricação de novas máquinas e equipamentos, que não eram viáveis anteriormente devido à baixa escala de produção industrial.

Pequeno produtor é analisado

De autoria do professor Roque Lauschner, "Agribusiness, cooperativa e produtor rural", é o novo lançamento da Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com 296 páginas. Na obra, Lauschner procura responder a duas questões: a) se é conveniente para os pequenos produtores rurais organizarem-se em grandes cooperativas agroindustriais, ou se devem preferir a estruturação em pequenas organizações locais; b) se, para o País, é boa ou ruim a existência do pequeno produtor; em caso positivo, que seja apoiado, caso contrário que ele desapareça. Além disso, é analisada a utilização de mão-de-obra familiar. Esta publicação é o resultado da tese de doutorado em Economia do Desenvolvimento na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma.

Linhares à frente do crioulo

A Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos está com nova diretoria para o biênio 93-95. Os componentes são os seguintes: Eduardo

Macedo Linhares, presidente; Antônio Carlos de Araújo Maciel, Antônio Martins Bastos, Ivan Magalhães Siqueira e João Carlos Gerhardt, vices; João Alberto Dutra da Silveira, 1º secretário; Antônio Claudir Weiland, 2º secretário; João Manoel Cordeiro Costa, 1º tesoureiro; Telmo Mota Júnior, 2º tesoureiro; Gilberto Perini, diretor de divulgação; Francisco Ribeiro Tellechea, diretor de exposições; Paulo Antônio Assis Brasil, diretor de marcha de resistência; Aroldo João Schmidt, João Carlos Fleck e João Carmine Laitano, conselho fiscal; Cláudio Plácido Silva Ribeiro, Otto Jayme Beckert e Régis Lopes Salles, suplentes. A entidade está com novo endereço: Rua dos Andradas, 1137, 9º andar, sala 917, fone/fax (051) 225-1018.



Fauna gaúcha

A Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB) acaba de editar a 3ª edição de "Aves silvestres", uma obra cuja finalidade é levar ao público em geral inúmeras informações sobre a riqueza da fauna alada de um Estado que tem 573 espécies registradas, número que soma mais de um terço de todas as demais identificadas no Brasil. Qualquer pessoa pode aproveitar ao máximo a publicação, pois ela é bastante didática e ensina como reconhecer as aves; quando e onde procurar; nomes comuns e científicos, entre outros tópicos. No livro, fartamente ilustrado,

cada família de aves é introduzida por um breve resumo de informações, encabeçado por nomes populares e sistemáticos. Para adquirir a edição, basta entrar em contato com a FZB, através do fone (051) 336-1511.

"Caras-chatas" estão chegando

Primейras unidades do caminhão modelo FH 12 380 Globetrotter, recentemente lançado na Europa, estão sendo importadas pela Volvo do Brasil. O novo veículo é considerado o mais moderno peso-pesado de cabine frontal, popularmente conhecido como "cara-chata". Dotado de um revolucionário motor D12A, de 380cv, tem injeção eletrônica e sua cabine é estampada em aço HSS (*High Strength Steel*), de alta resistência e baixo peso. O presidente da Volvo do Brasil, Carl Lindeström, afirmou que os preços serão bastante competitivos.

Frota renovada

Maior complexo produtor de álcool e açúcar do mundo, pertencente ao Grupo Ometto, de Barra Bonita/SP,

acaba de adquirir junto à Fiat Allis Latino Americana S/A quatro novos tratores de esteiras modelo 14C Turbo e três motoniveladoras FG85, série B, articuladas. Essa aquisição, disse Leonel Geraldi Filho, superintendente da empresa, faz parte da renovação da frota da Cia Agríc. Pedro Ometto (Capo), uma das empresas do Grupo Ometto que abastecem de cana a Usina da Barra. Com um dos mais elevados índices de produtividade no setor, ao longo deste ano foram produzidos 7,3 milhões de toneladas de cana em suas terras, volume que rendeu 8,4 milhões de sacas de 50 quilos de açúcar refinado e 332 milhões de litros de álcool.



Erva-mate derruba conservador

Sementes de erva-mate de boa qualidade, a baixo custo e com potencial de rendimento na germinação de 50%, bastante superior ao normal, que está estabilizado nos 10%, foram obtidas por técnicos do Centro Nacional de Pesquisa de Florestas, unidade da Embrapa, em Brasília/DF. Após dez anos de estudos, os pesquisadores definiram um método que substitui o tradicional, o qual não apresenta qualquer embasamento científico.

Os técnicos constataram grande desinformação a respeito da produção de sementes, observando falhas, como a falta de seleção das matrizes e de classificação do fruto, a utilização de fermentação para obtenção de sementes, a mistura de frutos e a estratificação em várias camadas, procedimentos esses que causam problemas sérios na produtividade. Por isso, constatam os estudiosos, a expansão da cultura da erva-mate acaba tendo um problema básico, que é a disseminação de material de baixa qualidade, o que se reflete no produto final.

O agrônomo Ayrton Zanon dá algumas dicas fundamentais ao produtor:

- * Selecione as árvores de bom desenvolvimento e produtividade, man-

tendo-as sem poda;

- * Colete sementes de árvores com mais de sete anos e adultas;

- * Use uma lona para catar as sementes;

- * Colha apenas os frutos maduros, deixando de lado os de coloração verde;

- * Faça a estratificação em apenas uma camada e não em várias como o usual. Deixe de 8cm a 10cm de areia, 1cm a 2cm de sementes e mais uma nova camada igual de areia; e

- * Evite o excesso de água na estratificação, que deteriora a semente.

Novos híbridos repõem perdas

O cultivo de milho nas safrinhas já atinge, hoje, uma área em torno de um milhão de hectares, distribuídos nas regiões Norte e Oeste do Paraná, Alta Mogiana, em São Paulo, Triângulo Mineiro, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. No entanto, a falta de rotatividade das culturas tem provocado perdas estimadas em 20%, ou reduções de até seis toneladas de grãos por hectare. Os responsáveis pelos danos são os parasitas que encontram um ciclo adequado para se desenvolver, principalmente em função da inexistência de tolerância dos híbridos em moléstias como fer-

rugens polysora, branca, comum; helmintosporiose e feosteria.

O pesquisador William José da Silva, supervisor do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Colorado, de Orlandia/SP, criou os híbridos CO-26 e CO-42, que são tolerantes a tais enfermidades. Os estudos, disse Silva, demoraram seis anos devido a fatores genéticos diferenciados em cada um dos parasitas. "Temos que introduzi-los nas matrizes um de cada vez através de cruzamentos individuais, havendo a necessidade de pelo menos seis gerações de cruzas feitas à mão, incorporando os genes tolerantes. Os novos materiais são chamados de homeostáticos, porque têm em suas células informações genéticas que garantem ao produtor maior uniformidade de performance nas várias épocas de plantio."

Samrig invade tambo com soja

A única fábrica de proteínas isoladas de soja do Hemisfério Sul, a Samrig S.A. Moinhos Rio Grandenses, em Esteio/RS, acaba de lançar dois novos produtos indicados para crianças que apresentam problemas na digestão de derivados de leite de vaca. No resto do mundo, a indústria de materiais isentos de lactose, ou seja, do açúcar presente no leite, movimenta atualmente bilhões de dólares. As estimativas indicam que nada menos do que um terço da população mundial sofre algum tipo de reação à lactose, principalmente distúrbios intestinais.

Cientificamente, está comprovado que as proteínas isoladas de soja, de origem totalmente vegetal e altíssima pureza (mais de 90% de proteína), se equivalem nutricionalmente às do leite, sem apresentar, no entanto, seus inconvenientes. As características nutricionais são indispensáveis na formulação de qualquer um dos milhares de produtos disponíveis em drogarias, farmácias ou supermercados. Esta linha da Samrig destina-se principalmente a dietas médicas, de emagrecimento ou alimentação para desportistas.

América do Sul deslança na soja

A soja sul-americana, que já conquistou com sua marcante expansão a liderança do agribusiness da região, começa a abocanhar quase a metade do comércio mundial do produto, consolidando espaços que os EUA não mais estão conseguindo manter. Primeiro foi o Brasil, depois o Paraguai e a Argentina e, mais recentemente, também a Bolívia entrou nessa corrida bilionária, que movimenta cerca de 15 bilhões de dólares anualmente.

A produção sul-americana de soja deve crescer, na temporada 93/94, pelo terceiro ano consecutivo, podendo atingir um novo recorde de quase 38 milhões de t, contra 35,6 milhões em 92/93 e 32,2 milhões em 91/92. O Brasil lidera amplamente a produção, sendo esperados 23,2 milhões de t. Seguem-se a Argentina, com 12,1 milhões, o Paraguai, com 1,9, e a Bolívia, com pouco mais de 500 mil t. O crescimento decorre essencialmente dos bons preços obtidos este ano depois da quebra da safra norte-americana.

A maior parte da oferta da América do Sul é dirigida ao mercado internacional. Para uma participação de 34% na produção mundial, as exportações sul-americanas responderão, em 93/94, por quase 48%. As previsões indicam um volume a ser comercializado, entre soja em grão, farelo e óleo, da ordem de 29,1 milhões de t, ou seja, mais de três quartos da produção. É um recorde absoluto e reflete o maior espaço deixado pelos EUA, após os problemas observados na safra deste ano, com as enchentes de junho e julho.

Mais carne no Brasil/94

O total da produção de carnes possivelmente atingirá 7,6 milhões de t. Serão 3,3 milhões de t de carne bovina e 3,2 milhões de carne avícola, ambos números recordes, enquanto

que a carne suína deverá apresentar ligeira queda, para pouco menos de 1,1 milhão de t. Estima-se que as exportações de carne bovina cairão para 370 mil t, enquanto que as de aves vão mostrar novo crescimento, para 380 mil t, mantendo-se estáveis as de carne suína.

A disponibilidade para o mercado interno significa, no total, 43,1kg por habitante, um índice bom, semelhante ao de 1993. Resta saber se o consumo será capaz de acompanhar a oferta, o que dependerá, evidentemente, do comportamento dos preços e dos salários em 1994. Dadas as condições da economia neste final de ano e considerando que 1994 é um ano de eleições gerais, todas as direções são possíveis, tornando-se difícil apontar com coerência qual o caminho que vão tomar a demanda e os preços.

Arroz: alta no mercado mundial

A conjuntura difícil por que passam os produtores brasileiros de arroz poderá ser contornada pela reviravolta verificada ultimamente no mercado mundial. O verão chuvoso e frio, além da ocorrência de alguns tufões, fizeram com que a produção de arroz de alguns países asiáticos fosse muito prejudicada em 1993. O Japão está colhendo sua pior safra desde a Segunda Grande Guerra. Como consequência da quebra asiática, a produção mundial poderá cair para 345 milhões de t do produto beneficiado, cerca de 6 milhões a menos que na safra anterior.

Os preços no mercado oriental responderam imediatamente à nova tendência, provocando igual reação nas cotações dos nossos vizinhos do Mercosul, Uruguai e Argentina, que costumam desovar seus excedentes no Brasil. Com o encarecimento do produto importado, abre-se espaço para uma melhor evolução dos preços in-

ternos em 1994, em benefício especialmente dos produtores gaúchos.

A recuperação dos preços internos no início poderá ser tímida, em função do bom volume de produto ainda existente no mercado. Todavia, o desaparecimento do estoque remanescente de arroz de sequeiro ainda nas mãos do governo e a expectativa de que o Rio Grande do Sul venha a encerrar o seu ano comercial com estoques pequenos, fazem-nos acreditar que são boas as perspectivas a médio prazo, em especial para o próximo ano comercial.

Aperto na oferta de milho

Efetivamente, à medida que se tem uma melhor idéia da evolução da colheita, confirma-se uma tendência de aperto cada vez pior na oferta americana e mundial do milho para 93/94. E, com isto, reforça-se a opinião desta coluna, considerando o milho como o produto que deve oferecer o melhor resultado econômico para os produtores brasileiros em 1994, pelo menos em nível de preços.

Este ano, a produção americana do cereal, em fase final de colheita, poderá ter apresentado uma queda aproximada de 70 milhões de t em relação ao ano anterior, com iguais reflexos na oferta mundial. É muito milho. Para efeito de comparação, significa duas vezes e meia a produção brasileira. Como consequência, os estoques americanos e mundiais devem cair para níveis baixíssimos em 1994 e, assim, garantir preços acima de US\$ 100 a t no mercado internacional, desestimulando importações.

De qualquer forma, toda a cautela é aconselhável aos produtores brasileiros para evitar demasiada euforia. A safra nacional deste ano atrasou, e a oferta será ajustada em 1994, o que pode levar o governo a facilitar importações, utilizando-se de reduções ou isenções de impostos, o que viabilizaria a entrada de milho estrangeiro, pressionando, com isso, os preços internos.

Silmar C. Müller

Brahman na Expozebu

Realizada anualmente, no mês de maio, em Uberaba/MG, a Exposição Nacional de Zebu ganhará, em 94, caráter internacional. A principal novidade da feira será a presença dos zebuínos da raça brahman, oriunda do Texas/EUA, resultado de uma solicitação direta de pecuaristas junto à direção da Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ). Esta entidade está engajada numa política pluralista e reivindicou ao Ministério da Agricultura e Reforma Agrária a autorização para importar os primeiros exemplares.

Tourinhos tabapuã

A Fazenda Água Milagrosa, de Alberto Ortenblad, em Tabapuã, São Paulo, escolheu a dedo os 45 melhores garrotes do plantel tabapuã, com idades variando entre 13 e 15 meses, e os inscreveu na Prova de Ganho de Peso da Associação Brasileira de Criadores de Zebu. A seleção obedeceu a genealogia, desenvolvimento e características raciais e econômicas. O programa iniciou em 11/06 e terminou em 1º/10/93, com pesagens a cada 14 dias. Os animais foram colocados à venda, com preços que variam entre US\$ 2,2 e 3,0 mil, de acordo com a pontuação obtida na PGP. Outras informações podem ser obtidas pelo fone (0175) 62-1117.

Plano de assistência animal

Uma melhor difusão tecnológica em serviços veterinários é o que se propõe a Sociedade Cooperativa de Serviços Médico-Veterinários (Unimeve), criada no ano passado, em Santana do Livramento/RS. A organização reúne em seus quadros elementos capacitados em áreas como mane-

jo reprodutivo e inseminação artificial de bovinos e ovinos; controle de verminose e demais parasitoses; certificados sanitários de propriedades rurais; planos e serviços de vacinações; imunizações contra tristeza parasitária, entre outras atividades. A Unimeve está aberta a novos veterinários e incentiva a formação de núcleos municipais.



Revolução dos porcos

Os britânicos pretendem revolucionar a suinocultura mundial com a criação de um novo porco híbrido, chamado de *manor meishan*. Segundo a National Pig Development Company (NPD), esse produto é fruto de cruzamentos do *meishan* (raça de porco chinês) com animais do NPD. O resultado é uma carne magra e 14 leitões por ninhada, superior, portanto, às convencionais, que atingem entre 11 a 12 porquinhos. O *meishan* puro, embora produza mais crias, apresenta maior número de tetos e volume de leite do que os suínos ocidentais, tem a carne extremamente gordurosa.

Além disso, empresas britânicas estão promovendo uma série de trabalhos sobre mapeamento genético da espécie. Os pesquisadores do NPD

afirmam que os avanços da engenharia genética na suinocultura permitirão que, nos próximos anos, os suinocultores obtenham ninhadas mais numerosas de suas matrizes. Como exemplo, citam uma porca *meishan*, criada no NPD, que é capaz de produzir 40 leitões/ano, enquanto a média gira em torno de 21.

Vem holandês, vai nelore

As primeiras palhetas de sêmen de cinco touros da raça holandês provenientes de Israel já chegaram ao Brasil. A importação é do Instituto Rocha Woelz junto à Associação Israelense de Criadores de Bovinos, através de um acordo que vinha sendo negociado há sete anos e que teve a colaboração do ex-ministro Antônio Cabrera. A veterinária Cláudia Woelz, responsável pela aquisição, garante que Israel é uma "fortaleza sanitária", notificando com rigor as doenças em seu território. "Esta linhagem é mais produtiva em leite e carne, além de ser resistente às condições adversas de clima e apresentar rusticidade." E, nesta transação bilateral, seguirão daqui sêmen e embriões da raça nelore.

Prêmio à pesquisa avícola

Universidades, institutos de pesquisa e empresas privadas podem se inscrever para participar do prêmio Professor José Maria Lamas da Silva, de pesquisa avícola, que será entregue em maio de 94, durante a realização da Conferência Apinco 1994 de Ciência e Tecnologia Avícolas. Os assuntos enfocados devem estar voltados aos diversos campos da produção avícola, como sanidade, manejo, nutrição, incubação, industrialização e meio ambiente. Outras informações, na Fundação Apinco de Ciência e Tecnologia Avícolas, na Avenida Andrade Neves, 2501, CEP 13070-002, fone (0192) 41-0233, Campinas/SP.

Os inimigos da telinha

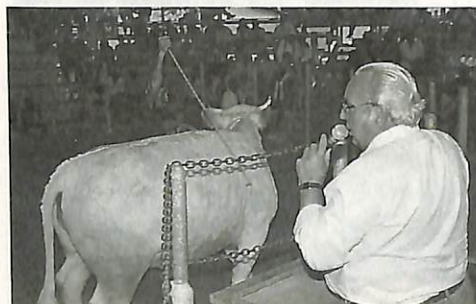
O pioneirismo em leilões rurais é do Rio Grande do Sul. Esses eventos tiveram início há várias décadas e se difundiram no País de tal forma que se transformaram no principal meio de comercialização de animais. Hoje em dia, uma verdadeira enxurrada de avanços tecnológicos chegam, diariamente, em todos os setores produtivos, e era natural que alguns respingos caíssem nas pistas dos remates. Só que vieram sob a forma de chuva ácida, para o Sindicato dos Leiloeiros Rurais/RS e da própria Farsul, entidades que querem impedir a continuidade dos remates no telão.

O primeiro do gênero, em termos de Brasil, ocorreu no dia 1º de outubro, em Santa Maria, com a venda de praticamente toda a oferta, para satisfação geral dos participantes. Édson Burmann, diretor da Força Rural, uma das empresas responsáveis pela iniciativa, afirmou que, antes de fazer o remate, houve uma longa preparação junto a mercado e público. “O que nos surpreendeu foi a atitude da Farsul, em querer, de forma prepotente e retrógrada, impedir o nosso trabalho. Eu conheço a casa, sou agrônomo e gozo de uma certa vivência no setor. E eles alegam que o objeto (animal) tem de estar presente, baseando-se numa lei antiga, da época em que meu avô andava de carreta.”

Segundo Burmann, a Farsul se posicionou na defesa dos leiloeiros e não do lado dos produtores. “Hoje, quando todos fazem de tudo para reduzir custos, por que não temos esse direito? É uma grande vantagem eliminar o transporte e o estresse dos animais até o local do leilão, entre outras. Isso chama-se avanço tecnológico, e quando são contemplados o comprador e o vendedor, o resto é o resto. Na verdade, existe um forte monopólio de determinados escritórios, os quais, embora macacos velhos, não foram capazes de criar essa nova estratégia de vendas. O medo deles é de competir. Inclusive eu os desafio a dentro de dois anos não estarem usando tais recursos.”

Vídeo-teipe não! — A Farsul e o

Sindicato dos Leiloeiros Rurais tomaram uma decisão conjunta, que, segundo o entendimento das entidades, mantém o espírito de modernidade da difusão de imagens de leilões para outras praças. A condição é haver simultaneidade, isto é, que em uma determinada localidade ocorra o remate. Hugo Paz, presidente da Farsul, acha indispensável a preservação da publicidade do ato, com a participação de público, leiloeiro e objeto. “Não somos contrários a que as imagens sejam levadas, ao vivo, para quantas praças quiserem. Mas o comprador terá o direito de pedir que o câmara faça o ângulo de determinado detalhe que queira enxergar melhor. Já realizar filmagens nas propriedades e depois difundi-las, não tendo o interessado a opção citada, somos contra. A idéia é, acima de tudo, preservar o espírito público do leilão, tomando por base a lei brasileira.”



Jarbas Knorr: o presidente do Sindicato dos Leiloeiros Rurais/RS diz que o telão não vende animais, mas imagens eletrônicas

Para Jarbas Knorr, presidente do Sindicato dos Leiloeiros Rurais, o leilão no telão conflita com a Lei 4.021, que regulamenta a profissão de leiloeiro rural. Essa lei determina que os remates têm de ser realizados com o animal em pista, bem como com público comprador e vendedor. “Nós aceitamos o telão, porém como colaborador. Desde que, por exemplo, eu esteja fazendo um leilão em Pelotas, e ocorra um telão na Capital ou em qualquer outro lugar. Só assim estamos de acordo.”

“Agora, o remate propriamente no telão”, continua Knorr, “não vende animais, mas, sim, uma imagem eletrônica que, na maioria das vezes, não é bem nítida, dificultando a visualização da oferta; impedindo que se veri-

fique a qualidade, a sanidade e o estado do animal; e, além disso, descaracteriza o leiloeiro na sua real atividade, que é a de fazer a venda dos animais”.

TV Rural — Por outro lado, o vice-presidente do Sindicato Nacional das Empresas de Leilão Rural, Sebastião Beraldo, que também é diretor da Embral, de São Paulo, espera que a Farsul, em vez de proibir o “telão do boi”, passe a incentivá-lo, providenciando sua regulamentação estadual. “Esse tipo de negócio é comum em diversos países, e não é coerente rejeitá-lo com base na Lei 4.021, que não diz nada, foi feita às pressas e é arcaica.”

No Jockey Club de São Paulo, compara Beraldo, os remates são efetuados através de TV a cabo. “Não podemos ter reserva de mercado, mas, sim, atender à clientela, seja em imagens gravadas, seja ao vivo, não importa. O comprador, atualmente, não pode mais dar-se ao luxo de examinar o boi centímetro por centímetro. Afinal de contas, a idoneidade da empresa responsável pelo evento vale ou não alguma coisa?”

Lobby — Hipólito Fernandes, 53 anos de idade e 22 como leiloeiro, proprietário do escritório rural Mei Águia, de Jaguarão/RS, corre o risco de ver sua licença caçada. O motivo é ser o responsável pelo “Telão do boi” ou “Teleleilão”, tendo organizado, no dia 25 de outubro, o primeiro remate em quatro praças simultaneamente, e já contando com outros na agenda. Apesar da proposta de Hipólito ter sido em parceria com os sindicatos rurais de cada localidade, houve a leve impressão que atingiu fortes interesses regionais junto à concorrência.

A Farsul, reclama Hipólito, em vez de ficar ao lado dos produtores — o motivo básico de sua existência — salta na defesa dos leiloeiros, uma organização que soube fazer um lobby forte em cima da presidência desta entidade. “Vamos até a última instância, pois trata-se de uma idéia que está consagrada pelo pecuarista, que aprovou e gostou. O interesse está meio obscuro, como se fosse o Nordeste chegando aqui, com reserva de mercado, coronéis, donos do campinho...”



Ventre simental: na Exposul foram vendidos 54 exemplares da raça, totalizando US\$ 130 mil

■ A melhor Exposul em 24 anos de feira

A raça bovina simental, a equina crioula e a de ovinos suffolk foram as que mais faturaram nos leilões da II Exposul Internacional, em Curitiba/PR, que movimentou, no geral, US\$ 1,053 milhão, correspondendo à venda de 1.056 dos 1.213 animais ofertados em 19 leilões. O coordenador-executivo da mostra, Luiz Fernando Brondani, disse que, embora não tenham sido comercializados todos os exemplares, houve o maior índice de negócios dos 24 anos de feira.

No leilão do simental, os 54 exemplares que passaram em pista tiveram compradores, somando US\$ 130 mil. Por sinal, o maior valor de toda a mostra foi "Luíza da Fruteira", a grande campeã simental da Exposul, criada no Paraná. Os dois remates do crioulo renderam US\$ 61 mil, porém saíram apenas 20 dos 42 animais oferecidos. Já os 46 ovinos suffolk de elite renderam US\$ 35 mil. E a inovação foi o "Leilão de parede", que reuniu 18 cabeças de bovinos caracu, somando US\$ 24 mil.

■ Equino vai bem na Maringado

A égua quarto de milha "Lucky Miss", filha de "Sonny Go Lucky Jr" x "Smokey Holly Miss", nascida em agosto de 90, foi o grande destaque do 1º Leilão de Elite Quarto de Milha, em 30 de outubro, durante a 9ª Maringado, em Maringá/PR. A fêmea pura alazã foi

vendida por CR\$ 3,5 milhões (US\$ 20 mil), apresentada por Luiz Boldrini e arrematada pelo criador Paulo Francisco Tripoloni, titular do Haras Santri/PR. Este quartista acabou sendo o maior comprador do prego, desembolsando um total aproximado de CR\$ 4,0 milhões (US\$ 23 mil). Ultimamente

ele tem adquirido os principais quarto de milha colocados à venda.

■ "Balada" dá o tom das vendas

O 9º Neloire VR Especial, evento que reúne tradicionais selecionadores da raça, realizado em 25 de outubro, em São Paulo/SP, comercializou 51 lotes por CR\$ 39,7 milhões (US\$ 242 mil), com média de CR\$ 778 mil (US\$ 4,7 mil). O melhor valor, CR\$ 7,8 milhões (US\$ 47,6 mil), foi dado pela novilha PO "Balada JS da Bom Jesus", com 2,7 anos, que pertencia à Agropecuária Bom Jesus, de Xavantes/SP, e adquirida pela Imaven — Imóveis, Administração e Vendas Ltda. A mesma empresa acabou arrematando o segundo zebuino mais valorizado, CR\$ 3,72 milhões (US\$ 22,7 mil), o touro PO chamado de "Banjo JS da Bom Jesus", também criação da Bom Jesus.

O remate foi promovido pelo Grupo VR, encabeçado por Torres Homem Rodrigues da Cunha, que trouxe da Índia para o Brasil, no início da década de 60, o lendário touro "Karvadi", que morreu em 1972, mas cujo sêmen ainda é muito valorizado. A marca VR surgiu com Vicente Elias Rodrigues da Cunha, que, com apenas 22 anos de idade e recém-casado (1914), iniciava um criatório, ainda hoje considerado um dos mais importantes do meio nelorista, em Uberaba/MG. Infelizmente, Vicente Rodrigues morreu com apenas 50 anos de idade, deixando, porém, uma linha a seguir.

Hoje, o Grupo VR é constituído,

além de Torres da Cunha, por Joaquim Vicente Prata Cunha; Vicente Rodrigues da Cunha e o filho Torres Lincoln Prata; José Carlos Prata Cunha; e José Olavo Borges Mendes. Quanto às condições de pagamento do leilão 9º VR, a Companhia Brasileira de Leilões estipulou cinco parcelas fixas, sendo uma à vista e quatro mensais.

■ Bovinos salvam vendas de primavera

A cada dia que passa, surge uma nova surpresa neste nosso imenso Brasil, seja na área econômica, seja na política, ou até mesmo no futebol. A inflação nos acompanha há muito tempo e parece que ainda não nasceu quem vai nos livrar dela. A única saída é produzir, e o homem rural sabe bem disso. Os remates de primavera do Rio Grande do Sul, que reuniram as mais expressivas cabanhas gaúchas, oferecendo a produção anual das propriedades, não decepcionaram. Muito pelo contrário. Enquanto houve quem empatasse com o ano passado, outros fizeram médias bem acima, não tendo do que se queixar.

O gerente comercial Luís Fernando Silva, da Trajano Silva Remates, escritório responsável por cerca de 12 leilões neste período, disse que os preços alcançados nos pregões estiveram bem acima da expectativa, e o prazo médio para a realização dos pagamentos situou-se na faixa de 20 dias. "A procura por reprodutores bovinos red e aberdeen angus, polled hereford, ibagé e brangus foi enorme. Mas o destaque foi o braford, sendo levado para Mato Grosso, São Paulo e outros Estados."

A média geral dos touros ficou na casa dos US\$ 1.500, acima do ano passado, que esteve em US\$ 1.100. No caso da leiloeira Trajano, as duas melhores comercializações foram com o "Delta G" (CR\$ 52 milhões/US\$ 303 mil) e a "Paineiras" (CR\$ 66 milhões/US\$ 335 mil). A primeira, com sucesso nos polled hereford e verdadeira sensação no braford, e a segunda, com forte interesse por red e aberdeen angus. "A bovinocultura, no momento, é que está salvando a pecuária. O crioulo, muito forte em nossos pagos, não tem cavalgado bem nos últimos tempos. E a média com éguas alcança entre US\$ 600 e US\$ 700", avaliou Silva.

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO		MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
AGRALE	4100	HSE-24 ST		2.050.406,	MAXION	MF 235			4.998.919,
	4300	HSE-24		3.674.975,		MF 235 E			4.844.944,
AGRALE/DEUTZ	BX-60			6.531.464,		MF 265			6.190.233,
	BX-4.60			8.384.075,		MF 265 E			6.004.796,
	BX-90			8.589.032,		MF 265/4			8.448.251,
	BX-4.90			11.181.533,		MF 275			7.052.095,
	BX-100			10.151.150,		MF 275/4			9.077.995,
	BX-4.110			12.936.344,		MF 272			6.982.517,
	BX-4.130			14.730.204,		MF 290			8.304.423,
	BX-4.130	SH		13.551.789,		MF 290/4			10.476.213,
	BX-4.150			17.591.592,		MF 290RA			6.732.998,
	BX-4.150	SH		16.184.264,		MF 292			9.006.942,
CASE	580H AX			20.527.482,		MF 292/4			11.110.987,
	W 18D			30.181.796,		MF 297			9.831.875,
	W 20D			33.705.031,		MF 297/4			11.786.776,
	W 36D			59.097.028,		MF 299			11.377.667,
	W 30D			48.052.476,		MF 299/4			14.096.266,
	888 CKE			52.064.744,		MF 630			14.036.178,
CATERPILLAR						MF 640			15.614.509,
	D4E-SR			14.967.555,		MF 660			18.721.373,
	D6E-SR			21.126.252,		MX 9150			16.863.673,
	D5E-DD			30.486.188,		MX 9170			18.414.843,
CBT	8240			7.975.097,	MÜLLER	TM 12	c/teto solar simples		15.401.030,
	8440			8.159.871,		TM 12	c/teto solar duplo		16.223.845,
	2105	TMM/STD		8.868.729,		TM 14	c/teto solar simples		18.339.720,
	8060	4x4		12.817.055,		TM 14	c/teto solar duplo		19.989.216,
	8450	4x4		11.195.530,		TM 17	c/teto solar simples		31.000.089,
	8060	4x2		9.969.337,		TM 17	c/teto solar duplo		22.124.452,
	8260	4x4		12.817.533,		TM 25	c/teto solar duplo		24.421.057,
	8240	CC		6.767.932,		TM 25	cabine/duplo		25.332.926,
	8440	CC		6.948.862,		TM 31	c/teto solar duplo		33.245.779,
	2105	CC		8.336.602,		TM 31	cabine/duplo		34.486.856,
FORD	4630		16.9/14x30	4.770.237,	STA. MATILDE	SM 370	C		9.666.914,
	5630		16.9/14x30	5.592.283,		SM 400	CR		6.374.957,
	5630	TR	18.4/15x30	7.530.068,		SM 500	CR		6.460.867,
	6630		18.4/15x30	6.059.377,					
	6630	TR	18.4/15x30	7.926.518,		685	4x2		6.471.837,
	7630		18.4/15x30	7.291.704,		685	4x2F		6.072.171,
	7630	TR	18.4/15x30	9.216.645,		685	4x4F		8.020.170,
	7830	TR	18.4/15x30	10.617.433,		685	4x4		8.418.088,
	8030	TR	18.4/15x30	11.307.329,		785	4x2		7.614.614,
	7D			27.633.766,		785	4x2F		8.262.517,
FIATALLIS	FD9C0			37.035.767,	VALMET	785	4x4		10.028.489,
	FD9E0			36.912.976,		785	4x4F		9.088.884,
	FA120			38.428.847,		885	4x2		9.057.596,
	14CTC0			56.983.641,		885	PCR		6.850.382,
	14CTE0			55.868.475,		885	4x4		11.613.943,
						985	4x2		10.033.660,
KOMATSU	D30E			20.935.887,		985	4x4		13.057.895,
	D50A			28.263.446,		1180	4x4		14.741.214,
	D60E			44.336.397,		1280	4x2		11.108.529,
	D60F			53.880.237,		1280	4x4		15.052.191,
	D65E			46.282.309,		1580	4x4		18.660.919,
	D73E			51.896.941,		1780	4x4		21.237.772,
						TC 11			1.914.417,
					YANMAR	1040 STD			4.606.004,
						1050D STD			6.138.263,

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO		MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
IDEAL	9070	grão		15.832.608,	N. HOLLAND	TC 55	arroz irrigado		11.495.758,
	9070	arrozeira		15.070.824,		TC 55	trigo e soja		11.661.942,
	9075	grão		17.595.102,		TC 57	arroz irrigado		13.015.512,
	9075	grão turbo		18.564.659,		TC 57	trigo e soja		13.206.768,
	9075	arroz		17.863.789,					
	9075	arroz turbo		18.848.164,	SANTA MATILDE	5105			11.563.333,
LAVRALE	L 300	arrozeira/direto		8.839.278,		1200			10.832.974,
	L 300	p/cereais		8.630.233,	SLC	6200	versão básica (S/PC)		8.545.651,
	L 300	p/milho		9.852.617,		6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		9.368.604,
LEILA	LEILA 2	esteira		6.100.000,		6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		10.218.936,
	LEILA 2	roda		4.500.000,		6200 H/4 T	turbo hidrostático (S/PC)		11.041.889,
	LEILA 1	esteira		5.300.000,		6200	versão arrozeira (S/PC)		8.887.436,
	LEILA 1	roda		5.000.000,		6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		9.710.376,
MASSEY FERGUSON	3640	arrozeira		15.321.343,		6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		10.560.723,
	3640	grão		14.949.954,		6200 H/4 T	turbo hydro (S/PC)		11.383.676,
	5650	grão		15.778.691,		Série 200	plataformas		
	5650	arrozeira		15.909.489,		PC 213	corte 13 pés rígida		1.831.706,
	5650	grão turbo		17.081.489,		PC 216	corte 16 pés rígida		1.850.946,
	5650	arroz turbo		16.741.862,		PC 213	corte 13 pés flexível		1.932.753,
	MX 90	grãos		18.170.953,		PC 216	corte 16 pés flexível		1.955.227,
	MX 90	grãos turbo		18.930.641,			controle aut. p/flexível		341.851,
	MX 90	arrozeira		18.277.772,		PM 3209	p/milho 3 linhas regul.		2.358.977,
	MX 90	arrozadeira turbo		19.031.376,		PM 4209	p/milho 4 linhas regul.		3.208.316,
	6845	grão		18.170.953,		CE 6200	conjunto de esteiras 6R		3.752.550,
	6845	grãos turbo		18.930.641,					
	6845	arrozadeira		18.277.772,					
	6845	arroz turbo		19.031.376,					

OBS: 1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em novembro. 2) Preços para as regiões Sul e Sudeste. 3) Não confirmou preço: Caterpillar.

TM14

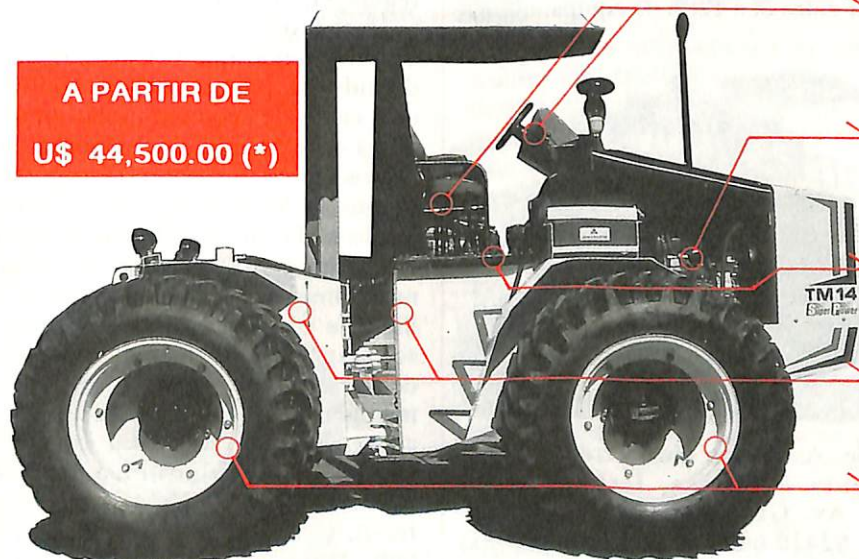
Super Power

SUPER PRODUTIVIDADE

A PARTIR DE

US\$ 44,500.00 (*)

A MÁQUINA APRESENTA ALGUNS OPCIONAIS



SUPER CONFORTO

- NOVA PLATAFORMA DE OPERAÇÃO
- NOVO PAINEL
- NOVA CABINE (OPCIONAL)

SUPER POTÊNCIA

- MOTOR DE 6 CILINDROS EM LINHA
- POTÊNCIA DE ATÉ 152 HP
- TURBOALIMENTADO

SUPER TRANSMISSÃO

- 12 MARCHAS À FRENTE
- AMPLA GAMA DE VELOCIDADES

SUPER RESISTENTE

- CHASSI ARTICULADO E OSCILANTE
- ÚNICO EM SUA CLASSE DE POTÊNCIA

SUPER TRAÇÃO

- INTEGRAL NOS DOIS EIXOS
- OPÇÃO PARA 4 OU 8 PNEUS

(*) PREÇO AO PÚBLICO POSTO FÁBRICA(RJ) A SER CONVERTIDO EM CRUZEIROS REAIS PELO DÓLAR COMERCIAL, SEM OPCIONAIS, SEM ICM, COM 4 PNEUS 18.4/15x34

CONSULTE-NOS



(021)390-7650

■ Indicado para condições severas



O novo modelo de extrapesado 2635 6x4, da Mercedes-Benz, já está disponível nas versões L (caminhão) e LS (cavalo mecânico), com 45t de peso bruto total combinado (PBTC) e 123t de capacidade máxima de tração (CMT). A indicação é para os mercados canavieiro,

madeireiro e de mineração, onde as estradas, o regime severo de operação e a quantidade de carga transportada normalmente sobrecarregam o trem de força. Este é constituído por motor, caixa de câmbio, diferencial e cardãs. O caminhão está dotado de tração nos dois eixos traseiros (6x4), com redução nos cubos, bloqueio longitudinal e transversal no diferencial. O motor é o OM-447

LA com turbocooler, que desenvolve 354cv de potência a 2.100rpm e 158mkgf de torque entre 1.100rpm e 1.600 rpm. Mercedes-Benz do Brasil S.A., Av. Alfred Jurzykowski, 562, CEP 09880-000, São Bernardo do Campo/SP, fone (011) 455-6611.

■ Coreanos invadem campo e cidade

A Asia Motors Corporation, fundada em 1965, é a maior montadora de veículos comerciais na Coreia do Sul. Com uma capacidade produtiva anual de 300.000 unidades, ela já está no Brasil através de 21 pontos de vendas e atendimento. Há poucos dias, iniciou a comercialização do primeiro lote, dele constando 820 veículos, sendo 600 da linha Towner (Coach/Van/Truck), 200 microônibus Hi-Topic, para 15 passageiros, dez jipes Rocsta e dez microônibus AM-815, para 25 passageiros. Os controladores no País pretendem vender, até o final deste ano, 1.000 veículos, subindo para 5.000, em 94. Asia Motors do Brasil Ltda., Av. Juruá, 105, Galpão 03, Alphaville, CEP 06455-010, Barueri/SP, Tel. (011) 725.4850.

■ Ideal para grandes lavouras

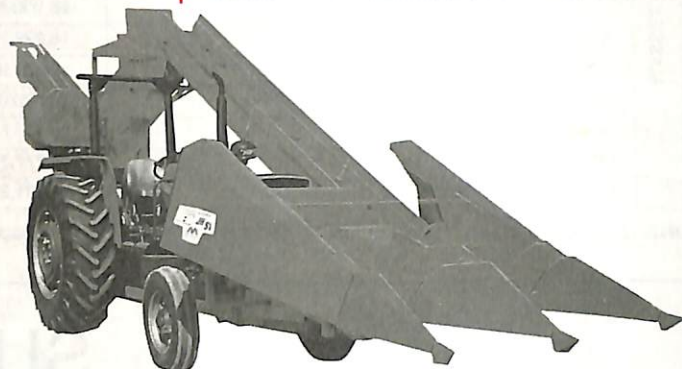
Uma nova colhedeira, com maior capacidade, foi lançada recentemente pela Iochpe-Maxion. Trata-se da Ideal 9090, destinada a plantações de larga escala, operando com plataforma flexível de 19 pés, ou com oito linhas no caso específico do milho. O fabricante destaca, ainda, uma trilha de maior largura e um cilindro de alta inércia com 1.400mm de espessura, possibilitando capacidade real de colheita 24% superior a de qualquer outro modelo nacional. A área de separação de grãos foi ampliada para 5,76m², em seis saca-palhas, o que significa dizer que o modelo 9090 conta com 19% a mais de espaço, além de uma bandeja recolhedora instalada sob os saca-palhas, a qual eleva os índices de produ-

■ Como vier, vem bem

A colhedeira de milho em espigas modelo CEM JH/SV tem condições de trabalhar o material seco ou verde. Dependendo do estado da lavoura, pode colher entre 6t e 12t/h. O equipamento é



vidade. As perdas são inferiores a 1%, assegura a fábrica. Iochpe-Maxion S.A., Av. Guilherme Schell, 10.160, CEP 92420-000, Canoas, fone (051) 476-4433.



regulável, em relação à altura, em três pontos: a 0,85m, à meia altura e rente ao solo, sendo que o levantamento e a descida da plataforma são feitos por dois cabos de aço com molas amortecedoras na extremidade, evitando os impactos direto no trator (Ford, Massey Ferguson, Valmet, Agrale ou Maxion). A distância entre as linhas é regulável de 0,75m a 1,00m, e a plataforma fica na frente do trator. As espigas são colhidas e conduzidas para a carreta sem sofrer quaisquer danos ou esmagamento dos grãos. A qualidade do produto é mantida, para industrialização ou consumo. Mantovani Ltda. Indústria e Comércio de Máquinas Agrícolas, Rua João Pessoa, 392 (Distrito Industrial), Caixa Postal 108, CEP 14500-000, Ituverava/SP, fone (016) 729-2722.



Motor é atração

A nova série MF600 da Divisão de Máquinas Agrícolas do Grupo Iochpe-Maxion pode ser encontrada nas versões MF630, MF640 e MF660. Um dos grandes atrativos desses modelos é o motor Perkins série 1000, com potência de 110cv a 150cv, considerado pelo fabricante como a última geração em motores, até então só disponíveis no exterior. As vantagens operacionais estabeleceram, na prática, padrões interna-

cionais de referência. Naturalmente aspiradas ou turboalimentadas, essas máquinas apresentam baixos índices de ruído e vibração. O maior diferencial tecnológico é o sistema de combustão Quadram, responsável por ganhos reais de até 26% em reserva adicional de torque, possibilitando a retomada de força em quaisquer condições de operação, fator que eleva a vida útil do motor, independente da velocidade empregada ou da carga tracionada. Iochpe-Maxion S.A., Av. Guilherme Schell, 10.160, CEP 92420-000, Canoas/RS, fone (051) 476-4433.

Pára broca e cupim

Com o nome comercial de K-Otek CE 25, a Divisão Agroquímica da Químio coloca no mercado um inseticida piretróide-cupinícida à base de deltamethrin, indicado para o controle preventivo e curativo de brocas e cupins que atacam móveis, portas, batentes, vigas, forros e artefatos de madeira em geral. O produto é apresentado em frasco de 30ml, acompanhando uma bula e copo dosador, o que facilita o preparo de quatro litros de cupinícida. De fácil manuseio, basta diluir 7,5ml por litro de água, álcool, querosene, etc. Pode ser aplicado por meio de pulverizações, imersão, pincelamento ou injeção com seringa. Laboratórios Silva Araújo Roussel S.A., Rua Professor Henrique Neves Lefevre, 71, Brooklin, CEP 04637-000, São Paulo/SP, fone (011) 532-1211.



Gás reduz impacto

O sistema convencional de amortecedores foi aperfeiçoado pela Nakata através da inclusão de uma câmara de gás, fazendo com que o amortecedor pressurizado HG ganhe, segundo o fabricante, maior eficiência no seu funcionamento. Esta tecnologia possibilita ao pistão trabalhar em contato constante com o óleo, mesmo quando altamente solicitado, proporcionando melhor desempenho, segurança em estradas e pisos irregulares e, ainda, melhor dirigibilidade, com maior absorção dos impactos. Evita a perda da força de amortecimento e obtém uma performance superior aos convencionais. Nakata S.A. Indústria e Comércio, Av. Plastipuma, 451/539, CEP 09950-400, Diadema/SP, fone (011) 746-1555.



Varrendo os indesejáveis

Os insetos rasteiros e voadores ganham novo inimigo, com o inseticida Full, fabricado pela ICI, que garante que o homem e meio ambiente são menos agredidos devido à nova formulação, contendo emulsão aquosa. A grande vantagem, assegura o fabricante, é o emprego de água em vez dos tradicionais solventes orgânicos. Isto confere ao produto ausência de cheiro, menos irritação que os demais concorrentes, além de não manchar. O novo inseticida apresenta ação imediata e é eficiente no controle caseiro de insetos, tais como baratas, aranhas, traças, formigas, pulgas, moscas e mosquitos. Apresenta-se em embalagens de 50ml, a medida certa para o preparo de cinco litros de calda, o que dá condições para o tratamento de uma área de 100m², ou de 250ml, para áreas maiores. ICI Brasil S.A., Rua Verbo Divino, 1.356, CEP 04719-002, São Paulo/SP, fone (011) 525-2175.

Crescimento sustentável traz prosperidade ao pequeno produtor

Promover o fortalecimento da agricultura é uma tarefa permanente e resultado de uma soma de esforços, que reúne agricultores, sindicatos, agroindústrias, cooperativas e poder público. Para alcançarmos esse objetivo, precisamos preservar e apoiar, com ênfase no crescimento sustentável, um dos grandes responsáveis pelos bons resultados da agricultura: o pequeno produtor rural.

A Souza Cruz, que orienta tecnicamente mais de 60.000 produtores rurais na Região Sul do País, há 75 anos, em cerca de 500 municípios, tem, no contato diário entre técnicos e produtores, levantado e discutido as questões que dizem respeito diretamente aos produtores, visando colaborar na ampliação do desempenho econômico do meio rural.

Vemos que o crescimento sustentável e uma eficaz administração têm todas as condições para fazer com que o agricultor continue atuando no campo. A partir da observação, análise e estudos práticos realizados, criou-se um modelo rural que chamamos de "Pequena Propriedade no Ano 2000". Esse trabalho foi resultado da constatação de que produtores rurais, com tamanho de propriedade e qualidade do solo semelhantes e com a mesma quantidade de mão-de-obra, tinham desempenhos econômicos diferentes. Assim, partindo dessa avaliação, surgiu a idéia de divulgar as teses conceituais que podem explicar como alguns produtores rurais são mais eficazes. Trata-se dos verdadeiros microempresários rurais.

O estudo da "Pequena Propriedade no Ano 2000" foi desenvolvido com a colaboração dos técnicos da Souza Cruz, mas foram ouvidos também profissionais da área agrícola de outras empresas especializadas no serviço de extensão rural. Nesta proposta, estimulamos a diversificação de culturas, a conservação e melhoria do solo, a me-



Nelson Bennemann, diretor da Souza Cruz

lhor administração da propriedade e sugere-se um plano de utilização de mão-de-obra durante todo o ano, de forma racional e produtiva, com planejamento das entradas de caixa (rendimentos) durante o período.

O primeiro passo seria o plantio de um cultura rentável, produtiva e de alto valor agregado ao produto, pela utilização intensiva de mão-de-obra. Essa traria como resultado uma alta rentabilidade por unidade de área com boas aptidões agrícolas. Com a renda obtida, o produtor teria a oportunidade de fazer investimentos e melhorias na propriedade. Como complemento a este modelo, sugere-se a implantação de uma cultura perene para as áreas menos aptas a agricultura anual, com baixa utilização de mão-de-obra. Aqui se enquadra, por exemplo, o reflorestamento. E por fim, seria interessante, uma ou duas atividades que envolvam relativamente pouca

mão-de-obra, mas de forma constante, e que proporcionem entradas de caixa frequentes, pois, assim, o produtor teria condições de cobrir os gastos do dia-a-dia e de manutenção.

A fim de conseguir o crescimento auto-sustentável, não basta apenas ter a propriedade e os equipamentos tecnicamente em condições. É necessário analisar a viabilidade econômica do que se vai fazer, administrando a propriedade como se fosse uma empresa. Aí se encaixa o planejamento agrícola, que envolve um plano de culturas, a análise das opções de mercado e a verificação da aptidão de área. Para um bom plano de explorações, é necessário que o produtor também avalie as multifacetadas regionais, com suas características locais e particularidades.

Esta proposta da Souza Cruz, visando viabilizar o pequeno produtor do ano 2000, não é um ato isolado. A chave do sucesso é uma ação integrada entre as diversas entidades e empresas que atuam no meio rural, unindo-se às ações governamentais. Como exemplo, podemos citar os pro-

gramas de microbacias hidrográficas, em que governo, comunidade, cooperativas e iniciativa privada participam. Outro exemplo é o Programa de Incentivo ao Plantio de Milho e Feijão após a Safra de Fumo, que desenvolvemos de forma integrada com as Secretarias da Agricultura. Outro apoio importante se dá através do aprimoramento da municipalização da agricultura, pois as decisões tomadas acontecem no nível da menor unidade administrativa, que é o município, reunindo todos os segmentos representativos da sociedade.

O crescimento sustentável e a pequena propriedade no ano 2000, além de melhorar a qualidade de vida do produtor rural e de sua família, têm como vantagem primordial a manutenção do homem no campo, onde, com certeza ele é um especialista e se transformará brevemente no microempresário rural que todos desejamos. ■

Agenda Centaurus 1994

**É única.
É country.
É prática.
É charmosa.**

**A capa da agenda
é emborrachada***

Não rasga. Não vinca. Não mancha.

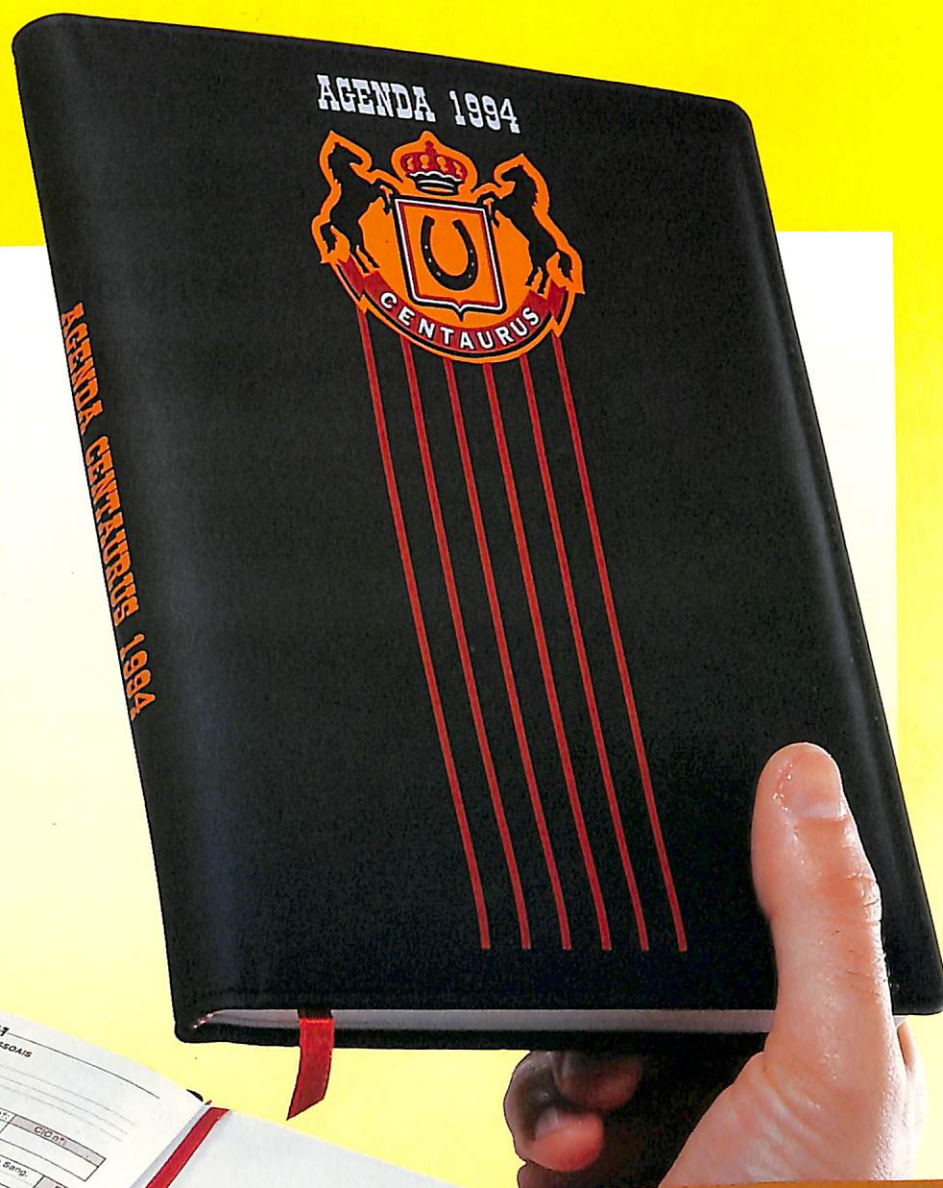
**Durabilidade a toda prova
(a dobra tem reforço
de tecido maturado e texturizado):
V. pode jogá-la no chão ou
contra a parede. Nada acontece.*

A TIRAGEM SERÁ LIMITADA.

FORMATO:

Fechada: 17,3cm x 21cm

Aberta: 36cm x 21cm



Os meses são
intercalados com
o traço de Berega,
o mais consagrado
artista plástico
do Brasil
especializado em
figuras eqüinas.

*Última
oportunidade
Encomende já!*

APENAS
CR\$ 6.300,00
até 15 de dezembro / 93

ÚTIL

● Calendário agrícola
mensal, abrangendo 32
produtos

- Calendário para eqüinos,
bovinos de corte, de
leite, e ovinos.
- Quadro de conversão
de medidas. Sistema
métrico. Medidas
inglesas.
- Dezenas de informações
gerais e outras tantas,
dirigidas diretamente ao
produtor rural.



EDITORA CENTAURUS

Av. Getúlio Vargas, 1558

CEP 90150-004 - Caixa Postal 2890

Porto Alegre - RS

Tel.: (051) 233-1822 - Fax: (051) 233-2456

CERES

PRONTA PARA QUALQUER DESAFIO.

Motor Diesel - Capacidade 1200 kg



Versões: 4x2 e 4x4

Não importa o que possa vir, a Ceres enfrenta qualquer situação, graças à sua capacidade de 1200 kg e a potência do seu motor diesel. Carga ou basculante, a Ceres oferece um desempenho ágil e seguro. Ceres. Eficiência e economia entrando em campo.



CONCESSIONÁRIAS

S. PAULO (CAPITAL) •

CHICO LANDI
• GUIA LESTE
• KORECAR
• REPAR
• RICOL VEÍCULOS
• AUTO ORIENTE
• MULTIVISA
• PINESSE VEÍCULOS
• KOREAN VEÍCULOS
• VECOPAR
• COBRASA
• HOME CAR
• KIASA

ARACAJÚ
BELO HORIZONTE
CAMPINAS
CAMPO GRANDE
CURITIBA

F. DE SANTANA
FLORIANÓPOLIS
GOIÂNIA

F.: (011) 820.1200
F.: (011) 293.6100
F.: (011) 914.3592
F.: (011) 214.1650
F.: (079) 222.8200
F.: (031) 467.7500
F.: (0192) 31.5599
F.: (067) 383.4807
F.: (041) 223.8333
F.: (041) 264.7300
F.: (075) 221.4011
F.: (0482) 46.0750
F.: (062) 271.1877

GUARULHOS
JACAREÍ
JUNDIAÍ
LIMEIRA
LONDRINA
MANAUS
RIBEIRÃO PRETO
RIO DE JANEIRO
SALVADOR
SANTOS
SUZANO

• ATAKI
• TRANSVALE
• MULTIVEL
• LIMAG
• AVANT
• T. LOUREIRO
• LUIZA VEÍCULOS
• THE FIRST
• COBRASA IMPORT.
• SAMMAR
• ORIVEL
• KS VEÍCULOS

F.: (011) 940.0022
F.: (0123) 51.2458
F.: (011) 436.1100
F.: (0194) 41.6819
F.: (043) 330.0333
F.: (092) 238.3443
F.: (016) 634.0766
F.: (021) 252.8086
F.: (071) 377.2350
F.: (071) 245.2766
F.: (0132) 35.5550
F.: (011) 477.5532



MOTORS DO BRASIL
Inovando Soluções